



EDITORA

Fonte
de Luz

Palestras na Casa Fraterna

Clara de Assis

CARLOS LUCENA

PALESTRAS

NA CASA FRATERNA CLARA DE ASSIS

Carlos Lucena

PALESTRAS

NA CASA FRATERNAL CLARA DE ASSIS

Uberlândia / Minas Gerais

Fonte de Luz

2026





<https://www.editoranavegando.com/selo-fonte-de-luz>

editorafontedeluz@gmail.com

Uberlândia–MG,
Brasil

Direção Editorial: Navegando Publicações
Projeto gráfico e diagramação: Lurdes Lucena
Arte da Capa: Lucas Weber

Copyright © by autor, 2026.

L9631 – Lucena, C.; Palestras na Casa Fraterna Clara de Assis. Uberlândia:
Navegando Publicações, 2026.

ISBN: 978-65-6070-173-1

DOI – 10.29388/978-65-6070-173-1

1. Espiritismo 2. Espiritualismo 3. Religião I. Carlos Lucena. II. Navegando
Publicações. Título.

CDD – 218

Índice para catálogo sistemático

Imortalidade 218

Navegando Publicações



NAVEGANDO

www.editoranavegando.com

editoranavegando@gmail.com

Uberlândia - MG

Brasil

Editores

Lurdes Lucena - Esamc - Brasil

Carlos Lucena - UFU - Brasil

José Claudinei Lombardi - Unicamp - Brasil

José Carlos de Souza Araújo - Uniupe/UFU - Brasil

Conselho Editorial Multidisciplinar

Pesquisadores Nacionais

Afrânio Mendes Catani - USP - Brasil
Anderson Bretas - IFMT - Brasil
Antônio Alexandre Colares - UFOPA - Brasil
Cados Lucena - UFU - Brasil
Cado Henrique de Carvalho - UFU, Brasil
Cilson César Fagundes - Uniupe - Brasil
Dermival Saviani - Unicamp - Brasil
Elmário Santos Resende - UFU - Brasil
Fabiane Santana Previtali - UFU - Brasil
Gábor Luiz Alves - UFMS - Brasil
Inez Stampa - PUCRJ - Brasil
José Carlos de Souza Araújo - Uniupe/UFU - Brasil
José Claudinei Lombardi - Unicamp - Brasil
Lauriza Dahmer Pereira - UFF - Brasil
Livia Diana Rocha Magalhães - UESE - Brasil
Marcelo Caetano Paixão da Silva - UFU - Brasil
Mara Regina Martins Jacomeli - Unicamp, Brasil
Maria J. A. Rosário - UFPA - Brasil
Newton Antonio Pacilli Bryan - Unicamp, Brasil
Paulino José Oso - Unioeste - Brasil
Ricardo Antunes - Unicamp, Brasil
Robson Luiz de França - UFU, Brasil
Tatiana Dahmer Pereira - UFF - Brasil
Valeria Lucila Forti - UERJ - Brasil
Yolanda Guerra - UFRJ - Brasil

Pesquisadores Internacionais

Alberto L. Bialakovsky - Universidad de Buenos Aires - Argentina
Alicia Maria de Castro Martins - (ISMIT), Coimbra - Portugal
Alexander Steffanell - Lee University - EUA
Ángela A. Fernández - Univ. Aut. de St. Domingo - Rep. Dominicana
Antonino Vidal Ortega - Pont. Un. Cat. M. y M. - Rep. Dominicana
Armando Martínez Rosales - Universidad Popular de Cesar - Colômbia
Artemis Torres Valenzuela - Universidad San Carlos de Guatemala - Guatemala
Carolina Casiano - Universidad de Buenos Aires - Argentina
Christian Cwik - Universität Graz - Austria
Christian Hauser - Universidad de Talca - Chile
Daniel Schmugensky - Arizona State University - EUA
Elizabet Payne Iglesias - Universidad de Costa Rica - Costa Rica
Elsa Capron - Université de Namur / Univ. de la Réunion - France
Erika Abelli Morell - Vanderbilt University - EUA
Fernando Camacho Padilla - Univ. Autónoma de Madrid - Espanha
José Javier Maza Avila - Universidad de Cartagena - Colômbia
Hernán Venegas Delgado - Univ. Autónoma de Coahuila - México
Isidre Gesteira - Universidade de Coimbra - Portugal
Iván Sánchez - Universidad del Magdalena - Colômbia
Johanna von Gersdorff - Instituto Mora - México
Lionel Muñoz Paz - Universidad Central de Venezuela - Venezuela
Jorge Enrique Elias-Caro - Universidad del Magdalena - Colômbia
José Jesús Borjón Nieto - El Colegio de Veracruz - México
José Luis de los Reyes - Universidad Autónoma de Madrid - Espanha
Juan Marchena Fernández - Universidad Pablo de Olavide - Espanha
Juan Paz y Miño Cepeda, Pont. Univ. Católica del Ecuador - Ecuador
Lerbet Dima Vasquez - Universidad de La Guajira - Colômbia
Marvin Barahona - Universidad Nacional Autónoma de Honduras - Honduras
Michael Zeiske - Universität zu Köln - Alemanha
Miguel Perez - Universidade Nova Lisboa - Portugal
Pilar Cagiao Vila - Universidad de Santiago de Compostela - Espanha
Raul Roman Romero - Univ. Nacional de Colombia - Colômbia
Roberto González Arzuaga - Universidad del Norte - Colômbia
Ronny Vales Hurtado - Universidad de Costa Rica - Costa Rica
Rosana de Matos Silveira Santos - Universidad de Granada - Espanha
Rosario Marquez Macias, Universidad de Huelva - Espanha
Sergio Guerra Vilhoy - Universidad de la Habana - Cuba
Sibria Mancini - Université de Lausanne - Suíça
Teresa Medina - Universidade do Minho - Portugal
Tiziana MacCorm - University of London - Inglaterra
Victor-Jacinto Flecha - Univ. Cat. N. Señora de la Asunción - Paraguai
Yolanda Cordón Núñez - Instituto de Historia de Cuba - Cuba

Dedicatória

Dedico este livro a todos os trabalhadores da Casa Fraterna
Clara de Assis

Agradecimentos

Eterna gratidão aos dirigentes da Casa Fraterna Clara de Assis

– Rita, Chico e Doutor Aristeu – por nos acolherem em um
momento tão difícil.

Que sempre tenham prosperidade e luz em suas vidas.

Sumário

Prólogo	9
Parte 1 - Palestras transcritas.....	11
O Ódio.....	12
A espiritualidade, a física e as múltiplas dimensões	27
O amor	35
Reflexões sobre a prática do Bem	42
Cerimônia de confirmação de compromisso espiritual.....	47
O suicídio e a loucura	58
Reflexões sobre a caridade.....	63
Parte 2 - Reflexões teóricas.....	69
A maternidade espiritual, magnetismo crístico e a pedagogia dos milagres	70
As dimensões da existência: da física multidimensional aos pronto-socorros da alma	92
A ponte entre dois mundos: história, anatomia sutil e a mecânica dos fenômenos mediúnicos.....	116
A sabedoria dos terreiros: a falange dos pretos velhos e a metafísica da resiliência	136
O mistério da matéria consagrada: o Corpus Christi sob a ótica do diálogo inter-religioso	147
A saga dos exilados de Capela e a transição planetária da Terra....	156
O consolador prometido: contexto, estrutura e prática da moral evangélica	167

A anatomia do invisível: dinâmicas vibratórias, estruturas perispirituais e as geografias da alma na transição pós-morte.	183
Sobre o Autor	197

Prólogo

Este livro divulga as palestras feitas por este autor, nos trabalhos espirituais na Casa Fraterna Clara de Assis, às quintas-feiras, na cidade de Uberlândia, estado de Minas Gerais, Brasil, sob coordenação dos velhos amigos de tantas encarnações Chico, Rita e Doutor Aristeu.

Ali, dezenas de consulentes procuram conforto e amparo espiritual como resposta aos severos problemas que carregam nesta existência, oriundos de vidas passadas.

As palestras, sempre intuídas pela espiritualidade do bem, especialmente pelo meu mentor e grande amigo Frei Luiz, pelas Irmãs Maria Beatriz e Maria Rita, pelas crianças de luz, Zezinho e Tarcísio, visam debater os ensinamentos espíritas e espiritualistas, fornecendo alento a tantos necessitados que as assistem.

Escrevemos este livro em agradecimento aos dirigentes e a todos os demais trabalhadores da Casa Fraterna Clara de Assis que gentilmente nos aceitaram para desenvolver os trabalhos na quinta-feira. Este foi um ato de amor, amizade e desprendimento que jamais nos esqueceremos.

Agora, chega a hora de nos separarmos para seguir a nossa jornada. Os trabalhadores de quinta-feira se juntam para construir uma nova casa espiritualista, o Educandário Madre Maria Luísa, como irmã de caminhada da Casa Fraterna Clara de Assis.

As duas casas se separam fisicamente, mas continuam juntas perante a espiritualidade. Quanto mais as luzes dos

postes se separam, maior é a abrangência do seu poder de iluminação.

Muito obrigado pela confiança, amor, carinho e respeito que sempre tiveram conosco. Sempre seremos amigos e aliados na luta contra aqueles que ainda não entenderam o significado e o caminho do bem.

Desejamos que a Casa Fraterna Clara de Assis sempre prospere e continue no caminho incansável e implacável da luta pelo bem-estar de tantos encarnados e desencarnados.

Os trabalhadores de quinta-feira

Inverno de 2026

Parte 1

Palestras transcritas

O Ódio¹

O tema que será abordado é complexo. Adianto a vocês. Nós nunca vimos na história tanta intolerância, ódio e falta de respeito como vivenciamos na atualidade.

A nossa sociedade avançou tecnologicamente, mas, moralmente, é um desastre social. Uma sociedade movida pelo preconceito múltiplo, na qual as pessoas têm dificuldade de conversar e ouvir o que as outras têm a dizer.

Isso nos remete, tal qual foi lido no Evangelho Segundo o Espiritismo, à reflexão sobre o ódio. Porque quando estudamos o Evangelho, especialmente o Evangelho de Lucas, encontramos todos os ensinamentos para o superarmos.

Temos múltiplas definições sobre o que é o ódio. Eu me arrisco a dizer, apoiado nas reflexões de Haroldo Dutra, que ódio é o amor que adoeceu.

Independentemente de a pessoa estar ou não encarnada, como muitos desencarnados que aqui estão, muitos de nós se perdem neste sentimento, abrindo espaço para o império de energias negativas que passam a controlar as nossas emoções.

Vivemos, sem perceber, em uma roda da vida. Existe vida após a vida. A sensação de sempre estarmos vivos nos assusta. Existem situações em que somos o verdugo e, em outras, a vítima. Os papéis se invertem e não percebemos. Temos o

¹ Palestra realizada na Casa Fraterna Clara de Assis, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, no dia 24 de abril de 2025

desafio de lutar para sair desta roda de existência. A condição consiste no desafio de conseguir perdoar aqueles que nos magoam. Para perdoar, implica-se em abrir o coração.

Quando falo sobre o coração, uso uma linguagem do século XIX, em que as pessoas achavam que pensavam com o coração e não com o cérebro. É por isso que este termo aparece constantemente em nosso linguajar. Porque o coração reflete as emoções. Eu estou apaixonado, meu coração acelera. Eu estou com medo, ele gela, entre outros exemplos.

Temos o desafio de compreender que o ódio é um sentimento pernicioso pelo qual não passamos inertes. Quando estamos movidos por esses sentimentos e sensações, nos tornamos prisioneiros do sofrimento.

Eu e Lurdes, minha amada esposa, fizemos um estudo analisando os escritos dos padres da Igreja Católica nos anos 30 do século XX, em um jornal denominado Correio Cathólico, na cidade de Uberaba, terra de Chico Xavier.

Neste jornal publicavam as suas ideias padres eruditos que tinham formação acadêmica na Europa. Entre as suas reflexões estava a afirmação de que o ser humano está preso em uma armadilha e não tem consciência desta situação. É como se ela saísse da cela, mas se mantivesse cativa aos limites da penitenciária.

O ódio se explica nesta condição. Abre-se a porta e saímos da cela. Contudo, quando a transpomos, percebemos que não chegamos a lugar algum, pois continuamos cativos de nós mesmos.

O ódio transcende encarnações. Existem múltiplas formas de se obsidiar. A obsessão do encarnado ao

desencarnado, de desencarnado com desencarnado e encarnado com encarnado. Todas são terríveis, pois são relações que se perpetuam em centenas e, em alguns casos, por milhares de anos na roda viva.

Quando nos referimos aos irmãos desencarnados, pensamos em uma lógica de tempo e espaço totalmente diferente da nossa. Eu não vou me aprofundar nisso, pois sua complexidade dá outra palestra. Existimos em três dimensões manifestas pela altura, largura e profundidade. Contudo, a vida não se resume a isso. Existem muito mais dimensões na existência da vida no universo.

A Física nos aponta a teoria das cordas, que aponta para múltiplas dimensões. Raciocinamos o mundo de forma tridimensional, expressa pela gravidade governada por uma lógica própria do tempo.

Quando saltamos para uma interpretação além da tridimensionalidade, o tempo e o espaço não são mais correlativos. Muitas vezes dialogamos com espíritos de quinta dimensão. A nossa limitação não nos permite conceber a complexidade que isso significa.

Observem quando formulamos esta questão, trazendo para a realidade das casas espíritas e espiritualistas. Quando se recebe um espírito em sofrimento, querendo retratação, para nós muitos anos se passaram, para ele não.

Muitas vezes pensamos. Nossa, que irmão rancoroso, como pode ainda pensar assim? A lógica de tempo e espaço de um desencarnado não é a mesma que a nossa. É muito importante termos isso claro, senão não entendemos o movimento da vida em um processo maior.

É muito comum em casas espíritas e espiritualistas se apresentarem irmãos desencarnados que foram vítimas dos perversos processos da escravidão. Quando ouvimos a sua fala, percebemos que sua última encarnação ocorreu nos séculos XVII, XVIII, XIX". Muitos deles ainda estão presos nas covas dos verdugos que os escravizaram, mataram suas famílias e maltrataram suas esposas.

Quando somos movidos pelo ódio, nos perdemos em nossos pensamentos, esquecendo quem somos. Às vezes, num momento em que estamos um pouco mais fragilizados, alguém nos diz alguma coisa que não era para ouvirmos. Como resultado, esquecemos quem somos.

Temos que valorizar o que conseguimos fazer. Não precisamos ser os melhores em tudo. Não estamos, ou pelo menos não deveríamos estar, na lógica dos animais. O animal é mais forte que o outro para a sua sobrevivência. Nós não devemos nos comportar assim.

Porque quando obsediamos o outro, tentamos ser ele e nele nos transformar. Olhamos no espelho e não nos reconhecemos.

Sempre terá alguém mais adiantado do que eu em algo na vida. Isso não tem que ser motivo de inconformidade da nossa parte. Pelo contrário, não seria melhor pensar: que bom, vejam só como aquela pessoa é bem-preparada. Deus me deu a oportunidade de aprender com ela. Se eu me colocar como centro do mundo, nunca acharei alguém que tenha algo para me ensinar, me envolvendo no universo das futilidades. Sempre vou querer derrotar os outros e poucas vezes vou conseguir, visto que todos temos limites.

Todos temos um plano encarnatório para cumprir, o qual nem sempre temos êxito. Às vezes, as provas são duras e temos dificuldade em lidar com o que pedimos. Este é o motivo da existência dos centros espíritas e espiritualistas.

O que os mentores que aqui trabalham fazem? Dê a mão, vamos juntos, vai passar. A fase difícil que um dia começa, em outro termina. Ela tem data de validade. O que sobra é o aprendizado.

Não tem como fazer a sola do meu pé endurecer, de forma que uma pedra não me machuque, se eu não andar descalço. Na minha profissão, conheci pessoas que estão muito à frente de mim. Humildemente, digo, me ensina isto aqui.

O problema é que estamos em um mundo que tentam nos colocar valores aos quais sempre temos que derrotar os outros. É como dizia Rousseau no século XVI. A sociedade se comporta como uma fera de animais selvagens lutando uns contra os outros pela sua sobrevivência.

Eu quero contar algumas coisas para vocês. Algumas são histórias muito bem conhecidas. Eu falo de Chico Xavier, com certeza, o maior expoente espírita do Brasil.

Ele amava os animais, especialmente o seu cachorro velho, doente. Toda noite trabalhava no centro, voltava para casa e cuidava do cachorro. E aí o vizinho pensou assim: "Nossa, ele trabalha o dia inteiro, ainda chega à noite, vai ao centro, ajuda centenas de pessoas e ainda chega em casa, tem que cuidar desse cachorro que não cheira bem. Coitado, quer saber de uma coisa? Eu vou ajudar o Chico. Eu vou matar o cachorro dele. Porque assim, a hora que ele chegar do centro, ele não tem mais que cuidar do cachorro.

Chico chega em casa e vê o cachorro morto e chora em prantos. Ele desmorona e, com a intuição que tinha, descobre que quem matou o meu cachorro foi o vizinho". Ele fica com ódio e se enfurece.

Agora imaginem o seguinte. Um médium como Chico Xavier, que trabalhava com psicografia, como conseguiria trabalhar com ódio no coração? As suas energias estariam baixas e ele teria dificuldade de conexão.

Isso funciona como se fosse uma estação a ser sintonizada em um rádio antigo. Os mais velhos que aqui estão vão se lembrar. Girávamos o botão e saímos procurando a rádio, estabelecendo a melhor sintonia para este afim.

A relação com a espiritualidade ocorre de forma similar. Caso a nossa vibração esteja baixa, não conseguiremos nos sintonizar com os espíritos de luz. Eles não conseguirão chegar até nós, pois nossas vibrações estão muito distantes das deles. Conseguiremos nos sintonizar com quem estiver com sintonia similar à nossa, ou talvez, até mais baixas.

Chico permanece triste e com sentimento de ódio no coração. Isto permanece até que Emanuel, que tratava Chico com a corda tensionada, diz assim: você precisa resolver este problema. Nós não estamos conseguindo trabalhar com você. Olha só quanta gente tem lá fora.

Chico, na sua humildade, pergunta a Emanuel como agir. Emanuel diz que ele deve descobrir o que o vizinho mais gosta e lhe dar de presente. E ele sonda, sonda, sonda e descobre que o sonho do vizinho era ter uma máquina de costura.

Elas eram muito caras. Provavelmente, se fosse ter o crédito do pós vida, Chico teria que encarnar umas quatro ou

cinco vezes para conseguir pagar as prestações da máquina, né? Ele compra a máquina e a entrega para o vizinho.

Ele vê a felicidade do vizinho e percebe que não o queria mal. Aquilo o comove e o ódio desaparece do seu coração. Descobre que aquela pessoa, dentro das suas limitações, não queria lhe fazer mal, mas sim, livrá-lo do fardo de cuidar do cachorro. Em seus pressupostos, estava-lhe fazendo um favor.

A história de Chico, muito conhecida no meio espírita, nos serve de exemplo para as coisas que acontecem no cotidiano de nossas vidas. Em alguns casos, falamos algo para as pessoas sem ter intenção de magoá-las, mas o efeito é exatamente o contrário. Machucamos o outro sem termos intenção para tal e vice-versa.

Eu não me refiro a pessoas sarcásticas, cujas falas são construídas para machucar os outros. Eu me refiro a falarmos algo que coincide com a outra pessoa não estar em um dia bom, sendo duramente afetada por isso. Caso ela estivesse em um dia diferente, com o humor melhor, talvez nem se importasse. Porém, quando a machuca, ela pode ficar sem dormir à noite, criando uma relação de obsessão para com você.

Vamos tratar de outro exemplo. Gandhi trocava longas cartas com Adolf Hitler. Não sei se todos vocês conhecem essa história. Gandi tentava convencer Hitler a desistir da guerra.

Por quê? Porque, no período em que Gandhi estava encarnado, a Índia estava invadida pela Inglaterra e lutando pela sua libertação através da resistência sem o levante de armas, mobilizando as pessoas.

Ele escrevia longas cartas a Hitler. Gandhi era constantemente tentado pelas forças das trevas. A sua postura

enfurecia aqueles que entendiam que a única forma de viver consistia na lei do olho por olho, dente por dente.

Gand caminha pela rua, sempre acompanhada de muitas pessoas, e encontra um soldado inglês. O soldado bate no rosto de Gandhi e ele cai no chão. O que o soldado queria? Provocá-lo para mostrar que o seu pacifismo era só da boca para fora. Ele queria que Gandhi revidasse. Não sei se todos vocês conhecem essa história. E, quando ele se levanta, o soldado bate nele novamente.

O soldado percebe que o Gandhi não vai reagir. Olha para ele e grita: Você é um covarde! Por que não contra-ataca? Gandhi olha para ele, vê um crucifixo e responde assim para o guarda: "Porque eu acredito na cruz que você carrega no peito. E aquele que você carrega no peito jamais daria um murro em alguém.

Esta é uma das reflexões mais profundas que tanto conversamos na leitura do Evangelho Segundo o Espiritismo. A postura de Gandhi ressalta os ensinamentos de Cristo em não se pagar a violência com mais violência. De nada adianta decorar o Evangelho inteiro se não conseguirmos pôr em prática os seus ensinamentos, ou nem mesmo tentar. É letra morta, como qualquer coisa na vida. O desafio está em impor a prática.

O soldado fica tão envergonhado que vai embora. Esta foi talvez uma das maiores vitórias. Gandhi mostrou para aquele soldado que a cruz não é apenas um símbolo, ela representa o Cristo que prega o amor.

É por isso que eu dizia no início. Olha, nossa sociedade é homofóbica, é racista e comete feminicídio. O que quero dizer

é que muitos agem assim, carregando a cruz pendurada no seu peito. Eles não entendem o significado disso. A pergunta é: será que o Cristo discriminaria uma pessoa pela sua opção de gênero? Será que o Cristo discriminaria uma pessoa pelo fato de ela ser negra, índia? Será que o Cristo espancaria uma mulher a ponto de tirar sua própria vida só pelo fato de ela ser uma mulher? Meus caros, não preciso nem ir mais longe. Todos vocês sabem a resposta.

Passemos agora para o terceiro exemplo. Existe uma empresa no Brasil e ela faz dinâmicas com os funcionários para saber como pensam os seus empregados.

As coisas vão muito bem até aparecer o conflito. Só os maduros conseguem lidar com o conflito. E o que o instrutor fala? Ele convida a todos de forma gentil e diz: 'Está aqui um balão para cada um de vocês. Enchem o balão. As pessoas encham o balão. Ele diz: não precisa encher tanto, pois ele não pode estourar. E o instrutor pede para ele segurar, conta até três e fala assim: "Eu quero que cada um proteja o seu balão". Prestem bem atenção nisso. Eu quero que cada um proteja o seu balão.

As pessoas começam a se digladiar umas com as outras. Elas tentam estourar o balão dos seus colegas de trabalho para ver qual era o último que ficava. E aqueles que ganharam se vangloriam.

O instrutor diz assim: "Não era isso que eu queria. Eu pedia apenas para vocês protegerem o balão. Por que vocês estouraram o balão do outro? O fato de eu proteger, eu poderia simplesmente pegar o balão e ficar no canto, nada mais disso.

E ele diz assim: "Todos vocês foram reprovados. Não precisava destruir o balão, bastava apenas protegê-lo.

Qual é a simbologia do exercício? Para eu ter meus valores de mundo, sejam eles quais forem, eu não preciso destruir os de ninguém. Eu não preciso desqualificar ninguém. Para eu ter meus valores de mundo, tenho que ter a oportunidade de entender quais são os valores de mundo do outro que está à minha volta, até para eu entender como ele pensa e saber, propriamente dito, respeitá-lo, não o destruir, como o que estamos vendo no mundo lá fora. Aquele que pensa diferente de mim é meu inimigo. Logo, eu tenho que destruir o balão dele, eu tenho que desqualificá-lo. Não é necessário luta, é necessário a paz.

E aí eu retomo a questão que estava dizendo para vocês, um grande desafio para todos nós que reencarnamos. Quando nós reencarnamos e somos ensinados a ser violentos, arriscamos perder todo o processo reencarnatório. Isto envolve o ir e vir de centenas de anos. Reencarnamos para crescer, para chegar em algum lugar. Reencarnamos para exercitar a paciência, algo que não é fácil.

O que vemos hoje é o exercício da barbárie. Vemos centros espiritualistas sendo apedrejados, especialmente de origem afro-brasileira. Vemos o desprezo das posições políticas diversas, a disseminação do ódio em todos os sentidos.

Infelizmente, na história, quanto já não se matou em nome de Deus. Na realidade, sempre a crueldade tem sua justificativa. Cristão contra cristão, cristão contra muçulmano, entre tantos outros exemplos. As religiões criam as suas caixas e se sentem no direito de matar aqueles que não estão dentro

delas. Temos que ter cuidado quando evocamos o nome de Jesus e Deus, porque isso implica um compromisso que se dá em todos os sentidos.

Imaginem virmos aqui fazer uma palestra e vocês, consulentes, saírem ali fora e nos verem com uma postura indigna. A casa seria desmoralizada.

Emanuel diz que quando nós começamos a apontar os dedos tal qual posto para os outros, o risco que corremos é incorporar os defeitos que imaginamos que as outras pessoas têm. Eu fico obcecado pelo outro e naturalizo o ódio. Passamos a buscar justificativas para os nossos erros. Caso eu não faça este ato bárbaro, outro o fará e se beneficiará. Então, que seja eu que me beneficie e não o outro, pois o ato ocorrerá de qualquer forma.

O ato bárbaro é em si naturalizado. Não devemos naturalizar o que não é natural. Isso são escolhas humanas. Natural é a natureza. Eu posso não gostar da cor daquela flor que está do lado de lá, mas aquilo é genético, independente do meu gosto. É diferente quando eu falo assim: deliberadamente vou te atacar e machucar. Seja por minha vontade ou seja por influência de outros, por motivo desconhecido. Eu te machuco porque não gosto de você.

Quando termina a Segunda Grande Guerra Mundial, milhões de judeus, testemunhas de Jeová, maçons, liberais, entre outros, foram exterminados em campos de concentração. Eu ia até trazer uma foto, mas eu fiquei com medo de a densidade da casa baixar.

Entre os exterminadores estava uma mulher denominada como a mulher dos cães? Ela deixava os cachorros sem se

alimentar? Os cutucava constantemente para que eles ficassem com raiva e exterminassem aqueles que estavam no campo de concentração. Outra, era chamada como a besta. Ela criou uma orquestra. Enquanto os prisioneiros caminhavam para o extermínio nas câmaras de gás, imaginando que iam tomar um banho, eles eram obrigados a tocar a sinfonia da morte.

Quando se deu o Tribunal de Nuremberg, muitos dos carrascos assim disseram quando perguntados se tinham arrependimentos dos seus atos. Não, nós matamos pouco, deveríamos ter matado mais. E aí o juiz perguntou: "Você não tem vergonha disso?" Responderam: Não, eu estava cumprindo as leis do meu país. Isso significa que nem tudo que é legal é moral. Muitos não mostraram qualquer arrependimento. Muitos deles sequer pediram perdão.

E o Tribunal de Nuremberg, para vocês terem uma ideia, julgou apenas os alemães, que não foram os únicos carrascos da guerra. Isso temos que dizer. Quando a Itália foi retomada, os soldados maltrataram as mulheres italianas. A guerra é o palco do horror e da brutalidade.

A região de Araçatuba assistiu a uma guerra civil de imigrantes japoneses dentro do Brasil. Porque, como era tudo pelo rádio, aqueles que acreditavam na ocorrência das bombas de Hiroshima e Nagasaki eram entendidos como traidores do Japão. Ocorreu uma guerra civil no interior do estado de São Paulo em função disso.

Hiroshima e Nagasaki eram cidades do tamanho de Uberlândia e Uberaba que, em poucos minutos, simplesmente deixaram de existir. Confesso a vocês que tenho dificuldade de

conceber o que seria uma cidade do tamanho da nossa desaparecer em menos de um minuto.

Qual é a saída para toda esta caminhada? A saída está nas leis divinas. A saída está no Cristo. A saída está em entender propriamente dito que temos que buscar nas pessoas aquilo que elas têm de bom. Porque quando buscamos o que as pessoas têm de melhor, fazemos uma viagem interior aos nossos próprios valores espirituais.

A semente da bondade está presente em nossos corações. Esse foi o sentido do espiritismo quando aboliu a condenação absoluta.

Quando olhamos para o passado, as barbaridades que fizemos foram superadas. Hoje, rimos de situações que pareciam graves no passado.

Tudo tem o seu tempo certo. A capacidade que temos de digerir situações desconfortáveis que se apresentam em nossas vidas. Existem momentos em que todos nos sentimos extremamente injustiçados. Contudo, as explicações sempre se apresentam quando devem se apresentar, porque o nosso tempo não é igual ao tempo de Deus. E às vezes é difícil para nós nos conformarmos com isso.

Temos o desafio de combater a ansiedade causada pela busca do controle total sobre a vida. A conclusão que chego é que, por mais que tentemos, não controlamos nem o segundo seguinte. Tentamos ser os donos do nosso destino, esquecendo que tem um ser divino comandando o navio, cujas aspirações são difíceis de entendermos.

Dentro do possível, devemos evitar fazer inimigos. Uma inimizade, às vezes criada por questões banais, pode custar

muitas encarnações para se resolver, retardando a resolução de disputas que duram milênios. A palavra tem um efeito muito forte. Ela pode machucar e trazer felicidade. Devemos pensar primeiro e falar depois, porque há circunstâncias em que o silêncio é uma prece.

E, por último, falarei humildemente a todos os desencarnados que aqui estão, que carregam sentimentos de ódio, que se sentem injustiçados, que buscam justiça através da vingança.

Nós não podemos ser verdugos dos desencarnados, pois o ódio não existe sem motivo. Pedimos a todos os desencarnados que aqui estão que ouçam os seus mentores e amigos e façam uma reflexão.

Perguntamos: o ódio em seus corações os faz felizes? Olhem só a sua situação, sujos, maltrapilhos, em forma feral e sequer se lembram de seus próprios nomes.

Por que se fixarem naqueles que odeiam e não fazer um esforço para se lembrar das pessoas que te esperam? Seus amados antepassados sentem saudades e querem a sua companhia, ajudando-os na nova caminhada.

Não temos como mudar o passado, mas podemos transformar o futuro. Minhas irmãs e meus irmãos que aqui estão, vejam só quem está do seu lado, toda a sua família está aqui esperando vocês. A bondade e a misericórdia da espiritualidade permitiram que eles viessem até você.

Libertem-se, pois já sofreram demais. Será que o amor das pessoas que tanto os amam é menor do que o ódio que carregam?

Pedimos a todos que aqui estão que olhem uns para os outros e vejam as suas qualidades. Admirem o que acharem de mais belo. Vejam como o ódio se dissipa e as flores perpetuam nesta casa. Vocês já sofreram demais, minhas irmãs e meus irmãos. Temos que entender o próprio sentido do amor, a sensação que aqueles consumidos pelo ódio esqueceram.

Por isso que digo a vocês, lembrem-se, a semente de Deus está dentro de vocês, porque todos nós somos feitos à imagem. É por isso que temos a capacidade de regeneração. Se não tivéssemos essa capacidade, se não existisse a semente dentro de nós, não chegaríamos a lugar algum, sendo condenados à eternidade nas trevas.

Ouçam os seus corações. É chegado o momento de a saudade terminar e o amor triunfar. O amor é uma dádiva maravilhosa dada por Deus, o motor da vida e da esperança. O amor nos permite superar limites e alcançar sonhos que nos dizem que nós estamos vivos. Vivos.

O amor supera as barreiras e aponta possibilidades. Quantas vezes estamos em um momento da vida e acreditamos que não tem saída? E a saída se apresenta e crescemos, nos fortalecemos e superamos a difícil situação.

Que Jesus abençoe a todos nós encarnados, desencarnados que aqui estão, que as madres do Sagrado Coração de Jesus, os Freis Franciscanos e todas as egrégoras que aqui estão os protejam e suas vidas sejam marcadas pelo recomeço e a felicidade;

Que assim seja!

A espiritualidade, a física e as múltiplas dimensões²

Começamos nossas reflexões tendo como referência a lógica do tempo e do espaço. O mundo material existe em três dimensões. Toda a nossa lógica de existir é baseada neste princípio.

É muito difícil raciocinar para além da lógica tridimensional. As discussões teóricas da física quântica apontam que existem múltiplas dimensões na natureza. A teoria das cordas exemplifica esta possibilidade teórica, podendo ultrapassar 10 dimensões. Segundo esta possibilidade teórica, muitas destas dimensões são microscópicas, fugindo totalmente à lógica de tempo e espaço que conhecemos.

Certa vez, assisti a uma discussão proveitosa sobre a física quântica em uma renomada universidade do Brasil. Ela se referia às concepções energéticas que compõem a natureza. O exemplo utilizado foi muito interessante. O físico pegou um pedaço de papel e foi rasgando ao meio. A cada pedaço que ele rasgava, o dividia novamente em dois. Até que chegou ao ponto em que ele não mais conseguiu dividir.

Ele olha para todos os que estavam assistindo e diz. A nossa divisão tem um ponto final. Todos olham curiosos e ele diz: os prótons e os nêutrons são partículas subatômicas

² Palestra realizada na Casa Fraterna Clara de Assis, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, em 15 agosto de 2025

fundamentais que, juntamente com os elétrons, compõem a estrutura básica do átomo.

Até ali, não disse nenhuma novidade. Contudo, colocou uma questão que despertou a minha atenção quando se referiu às estruturas subatômicas referentes ao universo protônico, no qual o tempo não mais existe. O próton é considerado uma partícula perfeitamente estável que não decai. Caso ele decaísse, toda a matéria se desintegraria eventualmente, marcando o fim da "Era da Matéria".

Quando fez esta afirmação, referiu-se à teoria de relatividade especial de Einstein, centrada no princípio da inexistência do tempo no universo protônico. Ele continua as suas reflexões, colocando a seguinte questão. Os prótons, os nêutrons e os elétrons são o fim de tudo? Ele olha para todos e responde: Não.

Eu fiquei intrigado. Não sou um estudioso da Física Quântica. Confesso que gostaria de conhecê-la um pouco mais. Contudo, minha formação em Sociologia e Filosofia consumiu muito do meu tempo terreno. A velha máxima de Sócrates: só sei que nada sei, por isso ganho vantagem sobre aqueles que pensam que sabem alguma coisa, despertou em mim uma curiosidade que me impulsionou em caminhos de descobertas que ocuparam boa parte desta encarnação.

Ele continua as suas reflexões. Percebo que tenho dificuldade em estabelecer uma relação clara entre a ciência e a religião. Penso que o público que ali estava teria dificuldade de entender as suas formulações, colocando, provavelmente, a sua exposição de descrédito.

Ele olha para aqueles que o assistem e diz: Na física quântica, existe, como condição essencial, o denominado como a “partícula divina”, responsável pela criação de toda a vida.

Todos suspiram sem entender a fundo o que ele queria dizer. O que denominamos como “partícula divina” faz referência às teorias do Bóson de Higgs, entendida como uma partícula elementar fundamental na Física, cuja existência foi prevista teoricamente em 1964 por Peter Higgs e outros cientistas, e finalmente confirmada em 2012 por meio de experimentos no Grande Colisor de Hádrons (LHC) da CERN.

A sua função é crucial dentro do Modelo Padrão da Física de Partículas, pois ele está associado ao Campo de Higgs, um campo de energia que permeia todo o universo. A sua principal função é interagir com outras partículas elementares (como elétrons e quarks), conferindo-lhes massa. Sem essa interação, as partículas viajariam à velocidade da luz, e não haveria átomos, nem estrelas, e muito menos, vida.

O apelido “Partícula de Deus” ou “Divina” tem uma origem mais jornalística e de *marketing* do que científica. O físico Leon Lederman escreveu um livro sobre a busca por esta partícula. Ele originalmente queria chamá-lo de “A Partícula Maldita” por causa da extrema dificuldade em encontrá-la. Contudo, o editor o convenceu de que “A Partícula de Deus” seria mais comercial.

A natureza da partícula, que é onipresente (seu campo está em todo lugar) e essencial para a criação da massa (e, portanto, de toda a matéria do universo), deu-lhe uma conotação quase mística na cultura popular, apesar de os físicos preferirem o termo Bóson de Higgs.

Confesso a vocês que aquelas explicações mexeram comigo. Como disse, não sou um físico, mas sim um cientista social e filósofo com mais de duas décadas de experiência como professor e pesquisador na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Somado a isso, sou apenas um simples estudante do espiritismo e espiritualismo, cuja complexidade é igual ou maior do que todas as teorias que já estudei. Contudo, quando investigamos aquilo que não conhecemos, uma hipótese posta em uma dimensão, abre possibilidades para avançarmos em outra dimensão.

As discussões seguiram em torno da complexidade da Física Quântica. A inquietação estava em mim e não no palestrante. Para ele, a delimitação teórica era clara. As suas reflexões seguiram para uma breve explanação sobre as teorias do multiverso. De forma brilhante, demonstrou que o multiverso é um conceito científico e cosmológico que propõe a existência de múltiplos universos além do nosso, formando uma vasta coleção de realidades.

Esses universos, frequentemente chamados de "universos paralelos", englobam tudo o que existe: a totalidade do espaço, do tempo, da matéria, da energia e até mesmo das leis e constantes físicas.

O multiverso não é uma teoria única, mas sim uma característica que surge como uma consequência natural de várias teorias físicas robustas, como a mecânica quântica e a cosmologia inflacionária.

Os meus olhos brilharam quando ele afirmou que, se o nosso universo observável for infinito e homogêneo, então, devido às infinitas possibilidades de combinação de partículas,

deve haver regiões distantes (além do nosso horizonte cósmico) que são idênticas à nossa. A consequência disso é que, em algum lugar do espaço, há uma cópia de nós e de tudo o que conhecemos, vivendo vida semelhante, apenas incrivelmente distante.

O físico continuou as suas reflexões apontando a possibilidade da existência de um Multiverso de Bolhas ou Inflação Eterna, um princípio que surgiu pelo pressuposto da Teoria da Inflação Cósmica, que descreve a expansão rápida do universo logo após o Big Bang. A Inflação Eterna sugere que o processo de inflação (expansão) nunca para em todo o espaço.

Existem regiões onde a inflação (expansão) se torna universos-bolha separados (como o nosso), que flutuam em um "oceano" maior de espaço em constante expansão. A consequência desta relação é que cada universo-bolha pode ter leis da física, constantes fundamentais e número de dimensões completamente diferentes das nossas.

Existe uma Teoria da Interpretação de Muitos Mundos, um multiverso quântico que se origina na Mecânica Quântica e lida com as probabilidades. Todos os resultados possíveis de um evento quântico realmente acontecem, mas em diferentes universos que se ramificam do nosso. A consequência disso é que cada decisão que tomamos, ou a cada evento incerto (como um decaimento radioativo), o universo se divide em realidades paralelas. Em uma, viramos à esquerda; na outra, à direita.

As reflexões seguiram para temas mais específicos da física e mecânica quântica. Imaginei como seria o mundo dos espíritos e se eles seguiriam estas leis hipotéticas.

Lembrei-me dos ensinamentos do panteísmo e suas afirmações de que Deus é tudo e tudo é Deus. O Universo (ou Cosmos) e Deus são idênticos, inseparáveis e coextensivos. Deus não é como uma entidade pessoal, separada ou um criador que fez o universo e depois se distanciou. Em vez disso, Deus é a própria Natureza, a totalidade das leis, forças, matéria e energia que compõem a realidade.

A adoração ou reverência é direcionada à totalidade e à beleza do Cosmos. Deus não transcende (existe fora) do Universo; Ele está totalmente contido nele e constitui a totalidade de todos os seres.

Estas indagações presentes em meus pensamentos me trouxeram à realidade, voltada a interpretar o sentido da existência da vida e seu caráter multidimensional.

Contudo, chamo a atenção de vocês para a seguinte questão: não devemos confundir o sentido profissional da atuação dos físicos. O fato de teorizar, admitindo teoricamente a existência de múltiplas dimensões e universos paralelos, não faz de um físico um espírita ou espiritualista. Não quero dizer que não existam físicos que sejam adeptos de teorias espíritas e espiritualistas. Isso seria um erro de minha parte. Contudo, a física tem seus fundamentos centrados na ciência, e sua linguagem universal expressa pela matemática, como forma de desvendar as formas materiais de funcionamento da natureza.

Esta é uma confusão comum existente entre os espíritas e os espiritualistas. Ela chega ao cúmulo da vaidade de alguns que passam a se autointitular como estudiosos da física quântica sem sequer conhecer os seus princípios científicos e terem um percurso acadêmico formativo para este fim.

Em sua vaidade e, em alguns casos, simplicidade, passam a construir elementos que existem apenas em seus cérebros, afirmando que a ciência da física e os físicos aceitaram a existência de espíritos desencarnados, o que é um ledô engano. O que devemos conceber é que as formulações teóricas propostas pela física nos dão elementos para começarmos a interpretar o mundo espiritual, nada mais do que isso.

Talvez, algum de vocês me pergunte. Mas, se você faz esta afirmação, por que ficou tão tocado com os ensinamentos teóricos propostos por estas teorias? Eu lhes respondo com toda sinceridade. Porque os mentores espirituais nos dizem algo similar em alguns pontos. Mas isso não faz de mim um físico, mas sim um simples estudante do espiritualismo e da espiritualidade, totalmente ignorante e insignificante quanto à complexidade deste conhecimento, o que me limita a compreender todos os ensinamentos que me são passados.

A questão que se coloca é que a espiritualidade existe em outra dimensão. Muitos mentores nos dizem que habitam a quinta dimensão e as teorias da física quântica nos trazem elementos para interpretarmos esta relação. É por isso que reafirmamos que os físicos necessariamente não são espíritos ou espiritualistas.

Nós não precisamos forçar interpretações daquilo que não conhecemos. Caso formos por este caminho, teremos muito a perder. Enquanto ainda não conhecemos, devemos nos conformar com a nossa ignorância e insignificância. Isso é uma atitude humilde, mas não passiva. O desconhecimento é que nos faz avançar para conhecer aquilo que ainda não sabemos.

Mas, para isso, devemos superar a soberba, pois o soberbo acha que sabe tudo, quando na realidade pouco ou nada sabe.

A humildade é o caminho que devemos percorrer, sempre entendendo que ainda temos muito a trilhar. A vida é um conjunto contínuo de aprendizados que nos permite crescer perante nós mesmos.

Que continuemos em nossa caminhada!

O amor³

Sempre que iniciamos nossos trabalhos, fazemos uma breve reflexão sobre temas relacionados à espiritualidade. Como vocês podem ver, os trabalhos de quinta-feira são espiritualistas e não estão presos à ortodoxia.

Falo dessa forma porque, se nos limitarmos à ortodoxia, kardecistas não podem trabalhar com pretos velhos. Isso me parece uma preocupação dos seres humanos. Não aprofundarei esta questão, pois pouco contribui para o que tenho que dizer. Tudo que é ortodoxo tem que se olhar de forma respeitosa, mas com muito cuidado para não exceder os limites.

Muitas das palestras feitas às quintas-feiras refletem sobre os ensinamentos do Evangelho segundo o Espiritismo, codificado por Allan Kardec. Para vocês terem uma ideia, a sua escolha é inspirada pela própria espiritualidade.

Quando se tem essa inspiração, percebemos que, em alguns casos, a coincidência com os estudos desenvolvidos em outros dias na casa Clara de Assis, especialmente nas terças-feiras, onde ocorrem os trabalhos de desenvolvimento mediúnico.

O tema que nos foi inspirado para hoje é o amor. Afirmo que ele é muito diferente da paixão. Uma pessoa apaixonada nem sempre conhece o que é o amor, pois a paixão é carnal.

³ Palestra realizada na Casa Fraterna Clara de Assis, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, em 15 agosto de 2025

Não existe algo mais belo do que quando uma pessoa se apaixona pela primeira vez.

É como a complexidade dos múltiplos estágios da composição de uma música. Às vezes, ouvimos uma música, cujo idioma da letra nos é desconhecido. Às vezes, a letra da música não é tanto inspiradora, vamos dizer assim, respeitando a criança e a casa que aqui está. Contudo, você ouviu aquela música do dia em que se apaixonou pela primeira vez.

Independente do conteúdo da letra, se está em inglês, francês, espanhol ou alemão, qual língua seja, aquela melodia lembra o dia que se apaixonou, que seu filho nasceu, um outro momento importante na sua vida. Esta lembrança permite um segundo ato de composição que marca passagens importantes da sua vida.

Continuemos a refletir sobre a paixão. Este é um sentimento que tem data de validade. Poucas vezes nos apaixonamos nesta encarnação, pois a paixão é algo velado, limitado a determinadas circunstâncias.

Ela é diferente do amor. A paixão é algo momentâneo e o amor é uma condição de vida. Não sei se estou me fazendo entender. Qual o sentido de nós encarnarmos e reencarnarmos por tantas vezes e, constantemente, termos novas oportunidades? A resposta para esta questão está em percebermos a complexidade do amor como algo muito além da paixão.

O amor é uma linguagem universal, uma condição de existência e vibração. Por isso, o amor se difere da paixão. Cada pessoa, dentro da sua condição emocional, se apaixona e desapaixona com a mesma intensidade. Cada um tem seu jeito de ser e todos devem ser respeitados.

O amor, por sua vez, é uma condição imutável. É similar a quando uma criança aprende a ler e a escrever. Ela não vai falar assim: "Olhe só uma coisa, eu esqueci como se lê e escreve". Aquele conhecimento, quando adquirido, está inserido dentro dela.

Todos caminhamos para a compreensão de nossa existência. Caminhamos para uma compreensão maior dos significados, das simbologias que estão em nossa vida. E o que nos faz crescer? Respondo sem medo de errar, o amor.

Infelizmente, no mundo que vivemos hoje, o amor é confundido e hostilizado. Nosso plano está tão barbarizado que acredita que o amor se confunde com a ingenuidade. Os nossos valores estão totalmente invertidos.

O mundo está brutalizado e abobalhado. Tanto é que as pessoas tentam convencer as outras dos seus pontos de vista pelo grito, imitando, de forma vulgar, e sem ter consciência disso, os cínicos gregos que chegariam à verdade através do convencimento pelos berros e gritos.

Para os que veem o mundo desta forma, todos os problemas se dão pela ausência de autoridade. Para superar esta questão, o caminho está em as pessoas serem severas umas com as outras. Os mais violentos, entendem estas pessoas, são aqueles que são mais respeitados. Logo, gritam, mentem, riem da tristeza alheia, tentando conquistar para si o respeito pelo medo, como se isso significasse alguma coisa.

Quantos se intitulam como fortes e bravos. Contudo, em situações difíceis, são os primeiros a abandonar aqueles que deles precisam. E aí, acabam passando vergonha em situações pitorescas na vida. Porque, por mais que uma pessoa se

considere valente, sempre se deparará com outro que é mais do que ela. Esta é uma lição com a qual nos deparamos desde a nossa infância.

Quando tomamos este percurso, nos desviamos do caminho do crescimento. O caminho a seguir é o de cultivar no nosso coração o amor e o perdão, plantando flores coloridas em nossa vida.

As dificuldades aparecem para nos ensinar esta lição de como entender e cultivar o amor. A questão não se limita aos tropeços e quedas que levamos como andarilhos peregrinos deste mundo.

O caminho para o amor consiste em saber se levantar dentro do nosso tempo e compreensão de tudo aquilo que ocorre em nossa volta. Quando nos levantamos, caminhamos para algum lugar, cujo destino é o amor.

Esse é o sentido não só dos ensinamentos do Cristo, mas de todas as religiões. Como já disse, aqui jamais desconsideraremos qualquer religião. Deus se comunica conosco por meio de uma linguagem não verbal expressa pelo amor. Quando ele nos vê cometendo os mesmos erros, praticando as mesmas ofensas e caindo nas mesmas armadilhas, utiliza conosco uma linguagem não verbal expressa pelo amor e pela compreensão.

Quando abrimos o nosso coração e nossos olhos se tornam atentos a esse movimento, temos condição de dizer: "nossa, meu pai é amoroso".

Isso é um exemplo para todas as nossas vidas. Muito conseguimos fazer para os outros usando uma linguagem não verbal. Observem quando os nossos mentores conversam conosco. Eles são os emissários diretos do Divino.

Vejam o trabalho das casas espíritas e espiritualistas, sérias como a Casa Fraterna Clara de Assis, onde os consulentes sempre são tratados com amor e sensibilidade. Imaginem só se procurassem nossos mentores e mentoras e esses não tivessem qualquer complacência com vocês.

O caminho é exatamente o inverso. As casas comprometidas com o bem são regidas pela benevolência e a indulgência, os alicerces do amor. Isso é algo que é feito sem nada se esperar em troca.

Duvidem das casas que cobram pelos seus serviços. Duvidem daqueles que desdenham do seu sofrimento. Duvidem daqueles que se consideram como os donos da verdade. Quantas vezes já vi, no meio religioso, o uso equivocado do termo Mamom.

De forma simplificada, Mamom é um termo bíblico personificado como um demônio que representa a ganância e a avareza. A palavra tem origem no aramaico e significa literalmente "dinheiro". No contexto bíblico, é associado à figura de um "falso deus" para o qual as pessoas podem se voltar, negligenciando a fé, o que Jesus alertava ao dizer que ninguém pode servir a Deus e a Mamom ao mesmo tempo.

Muitos religiosos, se é que os podemos chamar assim, movidos pela soberba, acreditam que só as casas religiosas que frequentam são abençoadas por Deus e todas as outras habitam o universo de Mamom. Em outras palavras, só a sua religião faz o bem e as outras não passam de enganações.

Esta é a semente mais forte da vaidade, pois é plantada e regada no seio da própria religião, jogando um soldado do bem contra o outro.

Não devemos nos apressar em criticar o que não conhecemos. Tomemos como exemplo o Candomblé. Ele tem centenas de anos e expressa a cultura dos homens e das mulheres negras que chegaram escravizados ao Brasil. Sem entender os seus fundamentos, sequer temos possibilidade de interpretar os seus ensinamentos. Daí, rapidamente, os denominamos como macumbeiros, termo comum na história brasileira usado para discriminar as religiões de origem africana.

Poderia utilizar muitos outros exemplos, mas este não é o caso. Muitas vezes somos convidados a atuar como juízes de situações que sequer conhecemos. A forma mais eficaz de controlar o outro por meio do ódio e dos preconceitos é se auto atribuir a função de juiz. Quando me atribuem o poder de julgar o outro, me colocam em uma situação hipotética na qual me sinto superior a quem eu julgo.

Este é um caminho que pode nos levar a qualquer lugar, menos ao amor. Madre Teresa de Calcutá falou assim: "Você não imagina o poder que tem um simples sorriso.

Por que é mais fácil eu fazer o mal e não o bem? O que me diminui considerar as qualidades de outras pessoas? Por que eu tenho que ser o melhor em tudo? Todo o trabalho que aqui se realiza é de responsabilidade da espiritualidade. Quem de vocês sairia de sua casa para vir conversar apenas comigo? O que eu poderia oferecer? Muito pouco.

Trabalhamos como instrumento de espiritualidade. Não devemos nos envergonhar de fazer o bem. Nós não temos que limitar a nossa forma de agir ao julgo dos irmãos que ainda não conhecem o bem. Como uma pessoa vai entender o que é o

amor se não sabe o seu significado? Isso não significa que no futuro não aprenderá.

É nesse ponto que eu quero chegar. Um abraço e um sorriso podem salvar a vida de uma pessoa. Qual é o problema em se admirar outra pessoa? Isso não nos diminui. A não ser que entendamos a vida como um jogo esportivo ao qual só estou feliz quando venço o meu adversário.

Um irmão nem sempre é um adversário. A vida não se resume à competição, mas sim ao apertar das mãos e caminhar juntos. Este é o princípio que norteia os trabalhos dos mentores da Casa Fraterna Clara de Assis. Eles estendem a mão para centenas de necessitados, cantando a melodia maior do universo expressa no amor.

Esse é o grande desafio para nós, encarnados e desencarnados que aqui estamos. Que Jesus abençoe a todos nós. Tudo vai dar certo no seu devido tempo. Contudo, o tempo dos encarnados é diferente do tempo de Deus e essa diferença não significa que Ele nos abandonou.

Devemos assumir a responsabilidade das coisas que a gente ainda não conseguimos fazer, entendendo que não depende de Deus a responsabilidade dos nossos atos.

Que Jesus abençoe a todos vocês. Que assim seja.

Reflexões sobre a prática do Bem⁴

Nos Evangelhos estão escritos os ensinamentos de Jesus. A barbaridade foi a marca do período histórico em que Ele esteve encarnado entre nós. Jesus representou uma ruptura com a lei do olho por olho e dente por dente. O desejo de vingança e o cultivo do ódio no coração são desafios que até hoje tentamos superar.

Em todas as religiões existem pessoas sérias e outras nem tanto assim. O nosso objetivo não é desqualificar qualquer outra religião. Contudo, um fundamento essencial é que, quando faço o bem, nada devo esperar em troca. É sobre isso que conversarei hoje com todos vocês.

As curas de Jesus eram espirituais. Não sei se todos vocês conhecem essa questão. Quando Jesus esteve encarnado entre nós, a duração de anos de vida das pessoas era menor do que hoje. Existe uma confusão conceitual utilizada como arma pelos inimigos do Cristo. Eles dizem assim: olhem só uma coisa, Jesus fez a cura e, poucos anos depois, a pessoa desencarnou. Este é um assunto que temos que tratar com muito cuidado. A média de vida das pessoas não passava dos 30 anos. Isso mudou, centenas de anos à frente.

As curas de Jesus não eram materiais, mas sim, espirituais. Nós estamos encarnados em um planeta, entre tantos ou-

⁴ Palestra realizada na Casa Fraterna Clara de Assis, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, em 12 setembro de 2025

tros que se têm pela galáxia, que é uma escola viva, um local de aprendizado.

A maior benevolência que Deus nos concedeu foi o esquecimento das nossas vidas passadas. Eu vejo pessoas que, em muitos casos, em busca de algo romântico e sobrenatural para suas vidas, fazem processo de regressão. Eu sei que existem pessoas sérias que trabalham com este tema. Contudo, nem todas são tão sérias assim.

Afirmo a vocês que, se todas as nossas vidas passadas fossem um mar de rosas, por que não nos lembrariamos delas? Quantas pessoas entram em profunda crise existencial por lidar com os resultados de regressões às quais não estavam preparadas para saber.

Estes tratamentos necessitam de preparação de quem os executa. A apometria é um destes fundamentos. Nem sempre tudo pode ser dito, sem levar em consideração os resultados que isso pode acarretar. O problema está quando abrimos uma janela emocional para alguém que não está preparado para isso.

Um dos fundamentos para estes trabalhos é a sua gratuidade. Quando lemos os Evangelhos, recebemos esta lição. Jesus nunca cobrou nada pelas suas curas. Muitas religiões pedem aos fiéis para a sustentação da casa espiritual. Elas assim o fazem para manter os seus templos e projetos sociais. Contudo, isso é muito diferente daquelas que se aproveitam da boa vontade alheia para tirar vantagem do sofrimento alheio.

Imagina aquele que busca ajuda a quem ama em um lugar que não é sério. Lá, pessoas, desejosas em pegar o seu

dinheiro, dizem: o seu filho vai desencarnar se você não fizer o que mandamos.

Você está tão fragilizado emocionalmente que dará até a roupa do corpo para evitar que isso ocorra. Existem pessoas que caçoam da espiritualidade, enganando para roubar fortunas. Elas se aproveitam de que, quando estamos em uma situação difícil, fazemos qualquer coisa para dela sair.

A mesma coisa você tem no campo do espiritualismo vulgar. É muito comum andarmos na rua e vermos aqueles cartazes prometendo trabalhos para trazer de volta o seu amor, um emprego, entre tantas outras coisas. Prometendo o que não tem condições de cumprir. Tudo isso em troca de fortunas financeiras.

A graça é feita pela criação, e não por nós. Ela se dá pelo merecimento, por um conjunto de fatores que nós não dominamos. Quando lhe oferecem favores que serão pagos no futuro, a cobrança que vem depois é muito alta, pois sintonizamos com o impuro.

A atração é como o sintonizar de uma estação de rádio, em que a conjunção leva à ação. Tudo é energia. Quando sintonizamos com energias baixas, arriscamos gastar o nosso dinheiro e depois ser obsediado constantemente. A pessoa passa a ser vampirizada sem ter consciência disso. A sua vida desmorona e suas relações familiares se deterioram. Ela entra em um processo complexo de se relacionar com forças que não domina.

Muitos dos trabalhos das casas espíritas e espiritualistas sérias são feitos para desmanchar trabalhos assim. Todo templo religioso precisa de ajuda para existir, mas esta não é a condição

para a sua existência. Uma coisa é a instituição pedir colaboração para manter a casa. Diferente é condicionar monetariamente e fazer promessas que não tem condição de cumprir. Não é possível rifar a ação de Deus. Muitos que pensam assim estão perdidos. A ação de Deus não pode ser comprada. Ninguém é um representante comprado do divino que mecanicamente pode resolver todos os seus problemas. Não existe qualquer aprendizado nisso.

Ninguém pode garantir nada, porque o trabalho é sempre de lá para cá e não o contrário. Quem raciocina que é daqui para lá está enganando as pessoas. E aí muitos se desesperam, se sentem abandonados, muitos perdem carros, casas e entram no desespero.

Esta é a lógica do vampirismo. Eles vão levar o seu dinheiro e nunca vão se contentar. Guardadas as proporções, é a mesma lógica da dependência das drogas. No início, é fornecida de graça até criar a dependência.

Temos que ser seletivos. Quem não gostaria de ser atendido instantaneamente? Pago hoje, ganho na loteria amanhã. E todos os meus problemas financeiros estão resolvidos. Devemos duvidar dessas ações, pois as concessões de Deus não são loteadas. Muito pelo contrário, falar em nome de Deus é uma grande responsabilidade que implica, inclusive, em conduta moral para esse fim.

Faço o trabalho para segurar quem você ama. Faço o trabalho para se casar. Faço o trabalho para arrumar o emprego, entre tantos outros. Quem te promete isso está te enganando, aproveitando-se de suas fragilidades.

Vocês não vieram aqui para conversar apenas com os trabalhadores da casa. Vocês vieram dialogar com os mentores espirituais da Casa Fraterna Clara de Assis. Nós somos apenas simples instrumentos, nada mais do que isso. Triste do trabalhador espírita ou espiritualista que se confunde com o mentor, porque o futuro que o espera é o abandono. A espiritualidade chega e se retira em silêncio.

Quando a espiritualidade se retira, sobra apenas a mistificação. Triste daqueles que enganam as pessoas, se fazendo passar por quem não são. Muitas vezes eu oro pedindo que Jesus os perdoe, porque o preço que se paga é muito alto. Pode-se prejudicar uma pessoa por um determinado período, mas no futuro, ela se transforma no próprio alvo.

Quem já teve oportunidade de trabalhar com diálogos com os irmãos desencarnados, sabe muito bem do que falo. Então, eu peço humildemente que todos reflitam sobre o ensinado.

Temos que entender o trajeto. Às vezes, é preferível seguir um caminho mais difícil, encontrando a bonança, do que encurtá-lo e nada encontrarmos no final.

Que Jesus abençoe a todos vocês!

Cerimônia de confirmação de compromisso espiritual⁵

Esta é uma reunião que realizamos uma vez por ano na Casa Fraterna Clara de Assis. Ela se relaciona a lenda de Cosme e Damião, algo que transcende as religiões.

Cosme e Damião eram irmãos gêmeos e médicos ricos que viveram na Arábia. Quando se formaram em medicina, começaram a atender os pobres e os animais. Isso despertou o ciúme dos seus inimigos.

A medicina era extremamente cara e não voltada aos pobres. Como forma de deboche daqueles que o odiavam, os apelidaram de anárgicos, ou seja, os sem prata, aqueles que trabalham de graça e desvalorizam a sua profissão.

Os feitos de Cosme e Damião se espalharam pelo Império Romano. Eles passaram a ser entendidos como representantes das ideias do Cristo. Com isso, são entendidos como inimigos de Roma e acabaram presos pelo Imperador Diocleciano, que promovia forte repressão ao Cristianismo.

O Imperador decreta a morte a Cosme e Damião, utilizando para este fim um conjunto de iniciativas para retirar as suas vidas. Não entrarei em detalhes sobre estas estratégias, visto que muitas crianças estão aqui presentes na Casa Fraterna Clara de Assis, e esta não é a ocasião para isto.

⁵ Palestra realizada na Casa Fraterna Clara de Assis, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, em 19 de setembro de 2025

Eles se transformam em um símbolo do cristianismo que avança através das décadas, chegando, muitos anos após, ao Brasil. A sua história ganha ênfase com os desdobramentos da triste passagem do escravagismo no Brasil. Quando estudamos a teologia, dando referência à história das religiões, vemos um fenômeno em nosso país, comum ao período escravagista, que denominamos como sincretismo religioso.

Os primeiros escravos que chegaram ao Brasil foram os povos bantos. Anos à frente, vieram os Yorubas. E é da origem dos Bantos e dos indígenas que você tem a corrente dos caboclos.

Com a forte repressão que ocorria às religiões de origem africana não cristãs, os escravos começaram a fazer a equivalência dos santos católicos com as suas divindades. Este é o sentido de Cosme e Damião, notórios cristãos, serem usados pelos escravos como uma representação católica das matrizes africanas.

Em suas concepções, existem os dois gêmeos e um terceiro, no meio dos dois, em forma de criança, chamado de Doum. Nesta concepção, entende-se que toda vez que encarnassem duas crianças gêmeas no mundo espiritual, um outro irmão existiria no mundo espiritual.

Esta afirmação tem profundo significado. Devemos ressaltar que o espiritismo tradicional não aceita a existência da lenda de Cosme, Damião e Doum. Contudo, nas casas espiritualistas, tal qual é a Casa Fraterna Clara de Assis, especialmente nos trabalhos de quinta-feira, existem diferentes correntes que ajudam os necessitados, estando entre elas as das crianças.

Nos trabalhos de quinta-feira, as crianças formam uma egrégora com característica própria. Elas não são erês, mas sim crianças de luz que desencarnaram há gerações, que desenvolvem trabalhos curativos. Quero ressaltar que não haveria qualquer problema caso elas fossem erês, contudo, apenas as que trabalham aqui não o são. Os espíritos que aqui trabalham já desencarnaram há muitos anos, mantendo apenas a forma de crianças.

Damos referência a Cosme, Damião e Doum para homenagear todas as crianças. É por isso que, preferencialmente, fazemos esta homenagem no mês de setembro, aproveitando a data para realizarmos também uma declaração de compromisso espiritual para as crianças.

Usamos este termo em virtude de que, no espiritismo e no espiritualismo, o fenômeno do batismo não existe. Uma confirmação de amizade dos padrinhos para as crianças. Ele é uma bênção feita com o amor e o coração mediante uma ritualística própria.

Esta será uma reunião simples, diferente dos outros dias. Na primeira parte, faremos o ritual do batismo e, na segunda parte, o atendimento espiritual pelas crianças. Todos os doces e guloseimas que aqui estão contêm medicamentos espirituais.

Começemos então com as reflexões sobre a importância do compromisso espiritual entre os padrinhos, madrinhas e as crianças. Ressalto que estas reflexões não são de minha autoria, pois estou muito distante espiritualmente para conseguir elaborá-las. Deixarei para lhes contar quem é o autor no final de sua exposição.

O silêncio do mundo espiritual é o colo que o acolherá. Muitas vezes, é um reencontro de espíritos antigos que se amaram ou se feriram em vidas passadas, mas que agora desejam curar, aprender e prosseguir juntos. Esse pacto sagrado é firmado diante de mentores luminosos, em que mãe, pai e filho, coração a coração, traçam em conjunto caminhos de aprendizado em uma existência.

A maternidade e a paternidade, então, se tornam mais do que um simples ato biológico, mas sim uma missão de resgate e esperança. Ou seja, a função do pai e da mãe não é apenas trazer o mundo físico, é orientar, é seguir junto. Recordo o caso de uma jovem mãe que, ao segurar o filho pela primeira vez, sentiu uma emoção inexplicável, chorava e dizia: 'É como se eu já conhecesse desde sempre, e realmente conhecia.

Era a volta de um espírito querido como seu filho, trazendo uma nova oportunidade de convivência. Por isso, meus queridos, acolham a maternidade e a paternidade como um altar de bênçãos. Nossos filhos são almas viajantes, que confiaram a nós o seu recomeço.

Cada espírito que chega ao nosso lar não vem de mãos vazias, traz em si uma missão, uma semente de aprendizado que florescerá no tempo certo. Às vezes, o filho nos é enviado para nos ensinar a ter paciência, outras vezes para despertar compaixão, ou ainda para mostrar aos pais o verdadeiro sentido da fé.

Ser pai e mãe é uma constante provação. O lar é a primeira escola do coração, onde cada alma aprende lições diferentes.

Algumas crianças revelam desde cedo uma maturidade surpreendente, como se lembrassem no fundo de antigos compromissos. Outras, com suas dificuldades, convidam os pais à renúncia e ao exercício diário do amor. Recordo-me de uma mãe que dizia: meu filho não fala, não anda, mas me ensina todos os dias sobre coragem e esperança.

Esse é um milagre silencioso das missões espirituais. Filhos que, em sua fragilidade aparente, despertam força e luz que nos cercam e nos fazem crescer. Por isso, olhe para cada desafio da maternidade e paternidade como uma página de aprendizado que a espiritualidade nos confiou.

Nosso filho é um mensageiro da vida, portador de uma tarefa que se cumpre em parceria com o seu coração. O exemplo dos pais molda profundamente o destino espiritual dos filhos. Minhas irmãs e meus irmãos, nunca subestimemos o poder do exemplo.

O lar é o primeiro templo da alma, e os pais são os sacerdotes invisíveis que imprimem marcas no coração de seus filhos. Mais do que palavras, são os gestos cotidianos que moldam o destino espiritual. Quando uma criança cresce em um ambiente de respeito, cooperação e ternura, sua alma respira confiança e floresce em equilíbrio.

Mas, quando encontra gritos, ofensas e indiferenças, esse espírito se fecha, carregando cicatrizes que podem acompanhá-lo por toda a sua jornada no mundo terreiro.

Certa vez, um rapaz disse: aprendi com o meu pai que a honestidade não se ensina em discursos, mas no modo como ele tratava cada pessoa que chegava em nossa casa. Assim, o

filho não herdou bens materiais grandiosos, mas recebeu o tesouro eterno da retidão.

Que cada lar se converta em um altar de luz, se os pais oram, amam e se respeitam, o filho aprenderá, mesmo em silêncio, que a vida é sagrada e que a bondade é o verdadeiro caminho. Muitos acreditam que a educação é um movimento de cima para baixo e que os pais sempre ensinam e os filhos apenas aprendem. Contudo, a espiritualidade nos mostra uma verdade mais profunda: a vida é uma constante troca.

Filhos também são instrutores silenciosos de Deus, que nos enviam para despertar os valores adormecidos que estão em nossos corações. Quantas vezes, diante da simplicidade de uma criança, descobrimos a beleza do perdão, a alegria do presente ou a força da esperança. A inocência dos pequenos se torna a luz que dissolve mágoas antigas.

E mesmo os jovens, com sua busca por liberdade, convidam os pais à serena paciência, ao diálogo e à compreensão. Recordo-me de uma mãe que confessava: "Meu filho me ensinou a rezar, que só descobri o valor da oração quando precisei interceder por ele nas noites em que estava aflito por sua saúde. Eis a lição: a maternidade e a paternidade não são apenas atos de ensinar, mas também de aprender lado a lado com a humildade e o amor.

Assim, cada filho é um mestre disfarçado, enviado para revelar virtudes que talvez jamais despertaríamos se estivéssemos sozinhos. E no próximo ensinamento, compreenderemos como o amor entre os pais e os filhos ultrapassa até a morte, permanecendo vivo por meio de reencarnações constantes. Ora pai, ora filho, ora filho, ora pai.

O vínculo entre mãe, pai e filho não termina com o fim da encarnação. O amor verdadeiro é chama eterna que sobrevive às distâncias da separação física. Quando o desencarne chega, ela apenas muda a forma da presença, mas nunca rompe o laço de espíritos que se escolheram antes de nascer.

Muitas vezes, o espírito do filho que parte cedo retorna em preces e em sonhos, ou mesmo na brisa suave que toca o coração. É o modo que encontra de dizer, estou vivo e continuo a te amar.

Seguimos juntos além do tempo. Assim, as reencarnações nos reúnem repetidas vezes em papéis diferentes para fortalecer ainda mais esta ligação de luz. Conheci uma senhora que, após a perda do jovem filho, encontrou consolo ao sonhar com ele, sorrindo e dizendo: mamãe, nosso amor não acabou, apenas mudou de forma.

Desde então, ela viveu com mais serenidade, sabendo que o desencarne é apenas uma porta para novos reencontros. A maternidade e a paternidade, portanto, são compromissos eternos. O filho é espírito amado que caminha conosco ontem, hoje e sempre na eternidade do amor divino.

Agradeço a todos por ouvirem este tão lindo relato de autoria de Chico Xavier. Ele nos dá elementos para entender a importância da maternidade, paternidade e a relação entre o padrinho e a madrinha de uma criança, algo que está muito além de um simples ato de amizade.

Ela é uma relação de confiança. Ser padrinho ou madrinha é um compromisso de amor e responsabilidade espiritual, assumido diante da família e, principalmente, diante de Deus.

Este é, por excelência, o método afetivo e o apoio moral que o afiliado pode buscar durante toda a sua vida. Na visão da reencarnação, a escolha de um padrinho e uma madrinha fortalece os laços espirituais.

Eles se tornam, na ausência dos pais, os guias e intercessores que devem zelar pelo desenvolvimento do caráter, pela educação moral e pelo despertar dos valores nobres daquele que aceitaram como afiliado.

O padrinho e a madrinha são chamados a serem pontes de luz, oferecendo exemplos de retidão e, sobretudo, amparando seus afilhados nos momentos de dificuldades que a vida nos reserva. É um laço que deve ser cultivado com ternura, oração e presença, confirmando-se como o verdadeiro presente da espiritualidade para o crescimento daquele que o aceitou como afiliado.

Pelo lar, pela família e a luz da espiritualidade, na Casa Fraterna Clara de Assis, na presença da família e os amigos aqui se reúnem para celebrar o acolhimento deste espírito imortal que se reintegra à vida terrena pelo amor e pelo corpo de sua mãe.

Reconhecemos que esta pequena criança é um espírito viajante, portadora de um roteiro de provas e missões, e que esta Sagrada Casa Fraterna Clara de Assis será, a partir de hoje, sua primeira escola espiritual.

Em sintonia com os ensinamentos do Cristo e com a codificação espírita e espiritualista, os seus pais e padrinhos assumem, perante o plano espiritual e os benfeitores amigos, serem exemplos de bondade, de honestidade e de paciência, sempre lembrando que a caridade bem entendida começa nos

seus lares. Comprometem-se a instruir a afiliada nos princípios da bondade divina e da reencarnação, ensinando-lhe que a vida é oportunidade de burilamento e progresso.

Oremos o nosso amor incondicional e a nossa ação contínua, mantendo a chama do evangelho do lar acesa, a fim de que os espíritos protetores encontrem em nossa casa um ambiente de paz e luz para ampará-la em todos os desafios.

Que a luz de Cristo e a misericórdia divina envolvam a nossa amada criança, abençoando seus passos e fortalecendo-a para cumprir sua missão na Terra com dignidade e alegria.

Peço a todos que oremos juntos a Ave Maria.

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco.

Bendita sois vós entre as mulheres.

Bendito é o fruto do vosso ventre que nasceu Jesus.

Santa Maria, Mãe de Jesus.

Rogai por nós, pecadores.

Agora, e na hora de nossa passagem.

Que assim seja.

Viva Jesus!

Que esta água seja abençoada por Jesus e todas as egrégoras que aqui trabalham ao seu comando, quais sejam, as Madres do Sagrado Coração de Jesus, os Freis e as Madres Franciscanas, os Pretos e as Pretas Velhas, os Médicos, os Cavaleiros de Maria, os Caboclos, os Baianos, as Crianças de Luz, os Guardiões de Luz, os Indianos, os Psicólogos de Luz, a irmã Rosa Caveira, os Boiadeiros, entre tantos e tantos outros, que a protejam e abençoe por toda a sua vida. Oremos juntos o Pai Nosso.

Pai nosso que estás no céu. santificado seja o vosso nome.

Venha a nós o vosso reino.

Seja feita a vossa vontade. assim na terra como nos céus.

O pão nosso de cada dia nos dá hoje. Senhor.

*Perdoa as nossas ofensas. assim como nós perdoamos a quem
nos tem ofendido.*

*E não nos deixeis cair em tentações. mas livra-nos. Senhor.
da prática de todo o mal.*

Porque teu é o reino. o poder e a glória para todo o sempre.

Que assim seja. Viva Jesus!

Agora, vamos colocar o dedinho na água e fazer o sinal da cruz. Não vamos jogar a água para não a assustar.

Vamos entregar uma vela para os pais e os padrinhos que representa o Cristo ressuscitado. É a sua luz que vai ser mantida e acesa durante toda a encarnação dessa linda criança. Que Jesus abençoe a todos vocês.

Cantemos todos juntos agora.

A nós descei. Divina Luz:

A nós descei. Divina Luz:

Em nossas almas acendei:

O amor. o amor de Jesus:

Em nossas almas acendei:

O amor. o amor de Jesus...

Que essa criança seja abençoada e que seus caminhos sejam sempre prósperos. Que essa criança seja um instrumento do bem, do amor, da felicidade. Que ela seja a alegria de sua família.

Que Jesus te abençoe. Que toda a espiritualidade sempre esteja com você. E que você colha aquilo que a vida pode oferecer de melhor, ensinando, às vezes com o seu silêncio, e aprendendo aquilo que lhe fizer sentido e te transformar.

Que assim seja!

O suicídio e a loucura⁶

Minhas irmãs, meus irmãos, boa noite. Sejam muito bem-vindos. E que Jesus ilumine a todos vocês.

O Evangelho Segundo o Espiritismo nos oferece resposta para uma série de questões que se apresentam à nossa vida e das quais não conseguimos fugir. Elas envolvem tristeza manifesta em períodos muito difíceis, nos quais nos dá a impressão de que a esperança desapareceu.

E falo isso a vocês porque uma das reflexões mais profundas que se tem no Evangelho Segundo o Espiritismo codificado por Allan Kardec é a que aborda sobre o suicídio e a loucura.

Muitos acreditam que não existe vida após a morte. As pessoas nascem e morrem como um passe de mágica. O que isso significa? Quando pensamos assim, a solução para as situações difíceis na vida é abreviar a nossa existência por meio do suicídio.

Muitos deixam cartas aos amigos e familiares justificando esta ação, que assusta aqueles que não a compreendem. E muitos dizem: "nossa, mas que motivo tão banal".

Contudo, não conseguimos entender a dor do outro. Alguns adolescentes, em sinal de profunda angústia, chegam a se automutilar, cortando o próprio corpo. Muitos justificam esta ação dizendo que a dor do corte os faz esquecer o desconforto

⁶ Palestra realizada na Casa Fraterna Clara de Assis, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, em 09 de outubro de 2025

que tomou conta o seu próprio coração. Muitos que agem desta forma destroem aqueles que estão à sua volta. Elas não compreendem o significado da vida após a vida.

Vivemos em um mundo onde está em jogo o acelerar contínuo do tempo. Tudo que eu quero é para ontem. Eu perco a paciência de esperar as coisas da vida. E por não ter uma relação próxima com o Criador, passo a imaginar que o único tempo que existe no mundo é o meu, não conseguindo observar o que está à minha volta.

Certa vez, havia um sábio e seu aprendiz. O primeiro contemplava as estrelas. O segundo perguntou: "Por que olha tanto para o céu?" O mestre respondeu: "Para contemplar as estrelas e imaginar como é o paraíso."

O aprendiz achou que o mestre estava lhe dizendo que bastava escalar a montanha que o paraíso estaria à sua espera. Ele abandona o mestre e começa uma corrida desenfreada para chegar ao topo da montanha. Imaginava que sua promessa era encontrar Deus. Durante três semanas escalou a montanha.

Quando chega ao topo da montanha, encontra o Mestre sentado em uma rocha. O topo não tinha mais do que rochas. E ele se revolta contra o mestre e diz: "O senhor me enganou! Eu imaginava que iria encontrar o paraíso e aqui só tem rochas. Aqui não tem nada de belo, é apenas o topo frio de uma montanha."

E o mestre olha para o aprendiz e diz: "Você experimentou a caminhada? O aprendiz responde: "Não! O mestre continua: "Na caminhada havia belas flores, pássaros exuberantes. Você passou por eles e não os viu. Ficou tão

obcecado pela glória de atingir o topo que não viu que a beleza sempre esteve à sua volta."

Esta passagem do mestre e do aprendiz nos traz uma valorosa lição. Muitas vezes, a felicidade está à nossa volta. Contudo, estamos tão obcecados com nossos interesses que não conseguimos vê-la.

Quantas pessoas não valorizam a sua família? Quando desencarnam, oram aos prantos a Deus para lhes dar segundos a mais para estar entre eles. Eles são como as flores e os pássaros que sempre estiveram ao seu lado, mas nunca foram vistos.

Vivemos em um mundo ao qual se espera o máximo de todos. Sempre temos que vencer e ser os melhores. O custo e o caminho para isto é superar todos aqueles que estão na minha volta. Quantos se sentem totalmente fracassados por não conseguirem ser os melhores em tudo? Muitos, em situação de absoluto desespero, atentam contra a sua própria vida, imaginando que ao fazer essa ação, seu sofrimento terminará, quando, na realidade, ele está apenas começando.

Quando há trabalhos de acolhimento espiritual para o desencarnado, muitos dizem por intermédio do médium: "O que eu estou fazendo aqui?" sem noção sequer do que aconteceu com ela. Ela acha que o sofrimento é apenas algo de carne inerente ao mundo material. Não consegue conceber nada que é abstrato, mas apenas o material.

Como lidar com estas situações dessa forma, até porque, infelizmente, tem coisas que a gente diz que gostaria de não precisar dizer.

São poucas as pessoas que não convivem com pessoas que estão em depressão, se sentindo abandonadas por si mesmas, com os olhos sem brilho e desleixadas com sua própria higiene.

É necessário que avancemos, conseguindo abrir o nosso coração para entender o sofrimento do outro, visto que nada é banal. Como eu vou julgar a banalidade do outro se eu não estou dentro dele?

Contudo, na nossa existência, tudo tem data de validade. Essa é uma lei divina que não controlamos. A vida é composta de momentos, ora vitoriosos, ora nem tanto assim. Tentamos controlar tudo, moldando a vida à nossa imagem, contudo, não controlamos nem o minuto seguinte. O sonho da espécie humana é brincar de Deus,

Nos momentos mais difíceis, quando controlamos o nosso medo, a lição que nos fica é tão forte que nos cura das nossas fraquezas, transformando-nos em titãs. O que não dá certo hoje, dará amanhã.

A ciência seria uma ferramenta que controlaria tudo, que responderia tudo. Mas a ciência pouco controla. Ela tenta desvendar fenômenos por meio de teorias, sendo a busca da verdade em si. A verdade, minhas irmãs e meus irmãos, é aquilo que as coisas são.

Nós devemos ter o coração aberto para aqueles que precisam, porque não existe coisa melhor e mais forte do que quando estamos fragilizados e somos acolhidos, recebendo um sorriso e um abraço, algo que não custa nada a ninguém.

Até os animais são carinhos uns com os outros. Por que nós temos dificuldade de agir assim? Esta é a pergunta que

fica. Por que devemos ser tão duros? Será que esta ação nos levará a algum lugar?

Qual é a dificuldade de darmos um abraço e uma palavra de esperança? Por que damos mais importância aos defeitos do que às qualidades? Defeitos e qualidades todos nós temos.

Minhas irmãs e meus irmãos, o que conclamamos a todos nós é fé e esperança. Devemos fazer germinar a semente que está dentro do nosso coração. Isso se dará por nossas atitudes e sentimentos, cujos frutos sairão dos nossos sentimentos.

Nós temos que ter benevolência em nosso coração. Precisamos encorajar aqueles que estão sem coragem, por meio de uma palavra de fé àqueles que estão sem esperança.

Quem não titubeia em algum momento da vida? Quem não fica triste? Quem nunca disse a si mesmo: "Meu Deus, dá vontade de dormir e não acordar mais." Todos nós.

Contudo, tudo passa, pois somos como pedras brutas que devem ser desbastadas e polidas. Quando vejo uma bela escultura, não posso me esquecer de que um dia ela foi pedra bruta que se transformou em algo belo e sublime.

Que Jesus abençoe a todos vocês. Tudo vai dar certo. A fase difícil vai passar.

Que tenhamos força e sensibilidade para ajudar os fragilizados que estão à nossa volta.

Que assim seja. Assim seja.

Reflexões sobre a caridade⁷

Os milagres de Jesus devem ser interpretados a partir do contexto histórico em que ocorreram. O Sermão do Monte é uma das passagens mais ricas da vida de Jesus. Quando Ele volta da sua pregação, encontra no caminho um leproso que estende a mão e pede que Jesus o cure. Quando Jesus promove a cura, diz assim para ele. Você não tem nada o que me pagar, apenas vá e conte para os sacerdotes.

E aí está a confusão que requer cuidado de análise, tal qual já dissemos para vocês em outra palestra. Contar para o outro não significa a soberba de Jesus. Na realidade, nada tem a ver com isso.

No período em que Jesus esteve entre os seres humanos encarnados, o conceito de doença era muito diferente do que se tem hoje. Hoje, é entendida como uma patologia estudada pela medicina, um fenômeno biológico.

No período de Jesus era diferente. Todas as doenças eram entendidas como algo espiritual e não material. A lepra era a pior chaga que existia. Quando alguém estava contaminado por ela, a explicação consistia que o doente não estava comungado com Deus.

Buscava-se constantemente a cura da lepra naquele período histórico. A sociedade temia os leprosos, retirando-os, energicamente, do convívio social. Como era uma questão

⁷ Palestra realizada na Casa Fraterna Clara de Assis, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, em 23 de outubro de 2025

espiritual, entendia-se que os leprosos estavam em débito com Deus. E isso era vergonhoso para o Sinédrio e seus representantes fariseus. A prova concreta de que falhavam em interpretar o pensamento divino.

As pessoas tinham medo de pegar lepra, pois ela representava a ausência de fé e distanciamento de Deus. Por isso, elas eram afastadas do convívio social. Entendia-se que, quando você conseguisse a cura, automaticamente existiria um mundo melhor onde as pessoas estariam em comunhão com Deus.

Quando Jesus diz, vá contar aos líderes religiosos, quer dizer que a cura existia, colocando esperança no coração das pessoas. Não existe nada de contraditório no mandamento do Cristo. Quando analiso apenas um fragmento de um livro, desconhecendo o todo e seu contexto, posso dar qualquer sentido que possa imaginar.

Os ensinamentos de Jesus se contrapõem à soberba. O que nos traz é a segurança para aqueles que estão inseguros. Todos estamos inseguros e vacilamos em algum momento na vida, porque se isso nunca ocorresse, não habitaríamos este plano de provas e expiações.

Muitas vezes procuramos reconhecimento naquilo que fazemos, mas nem sempre o obtemos. Por que eu necessito do reconhecimento do outro? Por uma sensação de gratidão ou ingratidão? Ou por que quero aplausos para mim mesmo?

O amor é uma questão do coração. Não estou dizendo que devemos cultivar um mundo de ingratos. O que quero dizer é que não devemos esperar nada em troca pelo bem que fazemos. Imaginem que ajudemos uma pessoa e saíamos

contando para todos sobre esta situação. Uma pessoa estava precisando de dinheiro e contamos a todos que demos. Vamos humilhar esta pessoa perante o seu convívio social.

Quando ajudamos alguém, devemos nos contentar com um simples abraço. Caso não ocorra, não tem problema algum. Imaginem os mentores que atendem aqui na Casa Fraterna Clara de Assis. Eles não exigem nada em troca.

A retribuição ou não para uma ação do bem não é tribunal de ninguém. O que se espera é a alegria daquele que é ajudado. Aqueles que, por determinados motivos, passam por dificuldades na vida. O prêmio está em vermos um consulente entrar por aquela porta com os olhos cheios de lágrimas e sair com um sorriso.

Isso é impagável. Quando todos agimos dessa forma, o que fica é a esperança de que o bem existe e sempre há aqueles que podem estender a mão. Este mundo tem esperança, não crueldade. Esta é a mensagem que fica. Jesus abençoe a todos vocês e entendam sempre, tudo vai dar certo, meus queridos.

Devemos sempre lutar para controlar os nossos pensamentos. Muitas vezes, o instinto, fruto do nosso desenvolvimento espiritual, nos trai nas interpretações de tudo aquilo que acontece à nossa volta.

Este é o grande desafio para o desenvolvimento espiritual. A busca do controle dos nossos pensamentos, interpretando e intuindo o que vem depois dele.

Muitos de nós fomos feras no passado e isso não podemos negar. Reproduzimos a condição instintiva de fera sem termos consciência desta condição. Muitos de nós

escondem o que realmente somos mediante uma aparência angelical e uma essência demoníaca.

Nós temos que mudar os nossos pensamentos, substituindo os negativos pelos positivos. Isso é um grande desafio. Temos dificuldade em interpretar situações difíceis de nossa vida, pois elas revisitam a nossa incapacidade de controlar os acontecimentos da nossa vida.

O Evangelho Segundo o Espiritismo nos dá instrumentos para interpretar estas situações. A passagem "Bem-Aventurados os Aflitos" nos mostra a diferença que se tem entre a percepção material, ou seja, o instinto, e a percepção espiritual, a intuição.

Em um texto escrito por São Luís, no ano de 1860, narra-se a história de um homem agonizante, vítima de cruéis sofrimentos. Sabe-se que seu estado não tem esperanças. É permitido poupar-lhe alguns instantes de agonia, apressando o seu fim?

Os espíritos respondem: quem, no entanto, vos atribuiria o direito de prejudicar os planos de Deus? Não pode o Senhor conduzir um homem à margem do abismo para retirá-lo de lá, a fim de fazê-lo voltar-se sobre si mesmo e de conduzi-lo a outros pensamentos? Ainda que se pense que haja chegado o momento final para um moribundo, ninguém pode dizer com certeza que essa hora tenha chegado.

A ciência nunca se enganou nessas previsões? Se muito bem que há casos que se podem considerar, com razão, como desesperadores, há outros e não há nenhuma esperança fundada de um retorno definitivo à vida e à saúde, não há também incontáveis exemplos de que, no momento de dar o

último suspiro, o doente se reanima e recobre a sua lucidez por alguns instantes?

Pois bem, essa hora de graça que lhe é concedida pode ser para ele da maior importância, pois ignora os pensamentos que seu Espírito pode fazer nos momentos finais da sua agonia e quantos tormentos o podem poupar um minuto, um momento de muito arrependimento. O materialista que vê apenas o corpo e não se dá conta da alma não pode compreender essas coisas. Mas o espírita que sabe o que se passa além-túmulo conhece o valor do último pensamento.

Suavizai os últimos sofrimentos tanto quanto você seja possível fazê-los, mas guardai de encurtar a vida, que seja apenas por um minuto, pois esse minuto pode poupar muitas lágrimas no futuro.

Muitas vezes, tentamos brincar de Deus. Achamos que temos resposta para tudo, que pela ciência desvendamos o universo, mas, na prática, pouco conhecemos do nosso próprio planeta.

Todas estas questões impactam em interpretarmos os significados das diferenças entre a matéria e o espírito e os relacionarmos com as difíceis situações que passamos. Temos o desafio de aprendermos a conviver conosco mesmos e tirar experiências das situações difíceis.

Quando vemos uma família repleta de conflitos, fruto de relações problemáticas oriundas de vidas passadas, às quais se odiaram e atentaram contra as suas próprias vidas, nos colocamos a refletir. Em um momento, uma delas está em um estágio terminal da sua encarnação. Os laços familiares se

estreitam e segundos de reflexões podem curar feridas de encarnações passadas.

Quando estamos fragilizados, as nossas emoções se intensificam e o nosso coração se abre a reflexões. Mesmo aqueles que são mais duros para com a vida mudam as suas percepções.

Neste momento, o familiar chega próximo ao leito e diz: por favor, me perdoe, eu errei com você. E aquela pessoa que está ali no final da vida, ouve aquele pedido de perdão com o coração e o aceita. Desavenças de múltiplas encarnações são resolvidas às vezes em alguns casos em menos de um minuto.

Tivesse apressado o desencarne, a oportunidade seria perdida. Muitas vezes, achamos que fazemos algo visando o bem de quem está próximo de nós. Contudo, nem sempre temos êxito quando antecipamos o tempo de Deus.

Imaginem uma pessoa em doença terminal. Caso a cura seja descoberta, como ficaríamos em ter abreviado a vida de quem poderia ser salvo? Não existem piores críticos daquilo que fazemos ou deixamos de fazer, do que nós mesmos.

Que Jesus abençoe a todos nós. Que sejamos humildes perante o que não conseguimos resolver. Pode ser que não consigamos porque estamos sendo instrumentos de um processo maior que não conhecemos.

Jesus abençoe a todos vocês.

Parte 2

Reflexões teóricas

A maternidade espiritual, magnetismo crístico e a pedagogia dos milagres⁸

No cenário sociocultural da Judeia e da Galileia do século I, os laços de consanguinidade ditavam não apenas a estrutura jurídica e econômica da sociedade, mas também a identidade religiosa do indivíduo. É nesse panorama rígido que a figura de Jesus emerge como uma força disruptiva e profundamente renovadora. O ponto de inflexão dessa metamorfose conceitual encontra o seu ápice na conhecida passagem registrada no Evangelho de Mateus (Capítulo 12, versículo 50), na qual o Mestre, ao ser informado de que sua mãe e seus irmãos o procuravam, declara de forma categórica: "Qualquer que fizer a vontade de meu Pai, que está nos céus, este é meu irmão, e irmã, e mãe".

Longe de representar um desmerecimento ou uma ruptura afetiva com sua mãe biológica, Maria de Nazaré, a assertiva de Jesus operou uma sublime transmutação de valores. O Cristo não rebaixou o laço maternal humano; ao contrário, elevou a maternidade a uma categoria espiritual imperecível. Sob a ótica do Evangelho, o ato de "maternar" transcende as funções biológicas de gestação e lactação, inserindo-se na dimensão do espírito imortal como o compromisso ativo de nutrir a fé, proteger a centelha divina no próximo e obedecer

⁸ Palestra realizada na Casa Fraterna Clara de Assis, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, em 12 de março de 2026

irrestritamente aos princípios éticos e divinos emanados pelo Criador.

A importância das mães, portanto, deixa de ser uma exclusividade do âmbito doméstico e assume um papel de centralidade no projeto de regeneração da humanidade. Jesus compreendia e validava essa magnitude a partir do seu próprio relacionamento pessoal e íntimo com Maria. Ela não foi meramente o vaso purificado que o gerou na carne, mas a alma grandiosa que o acompanhou, compreendeu e amparou desde o primeiro sinal público de seu messianato, nas bodas de Caná, até a solidão dolorosa e altiva ao pé da cruz no Gólgota. Na pedagogia do Cristo, a mãe é o arquétipo por excelência da perseverança e da presença constante, a força silenciosa que permanece de pé quando todas as estruturas humanas colapsam.

Jesus e Maria: o modelo divino do maternar

A relação construída entre Jesus e Maria ao longo dos anos de anonimato em Nazaré e durante o subsequente ministério público é tecida por fios de amor profundo, silêncio eloquente, confiança absoluta e mútua entrega à vontade de Deus. Ao analisarmos os Evangelhos sinópticos e o Evangelho de João, percebemos que Maria se faz presente de maneira contínua, porém discreta e firme. Ela não disputa palcos, não exige privilégios por sua condição de progenitora do Messias; seu papel é o da sustentação amorosa e da meditação silenciosa, acompanhando os passos do Filho desde as estradas poeirentas da Galileia até o desenlace trágico em Jerusalém.

Desde o anúncio do Anjo, Maria acolheu o projeto divino com uma mescla incomum de humildade e coragem. Ao pronunciar o seu "Fiat" ("Eis aqui a serva do Senhor"), aceitou os riscos sociais de uma gravidez incompreendida e as dores profetizadas de que uma espada transpassaria sua própria alma. Tornou-se, desse modo, a mãe espiritual da humanidade antes mesmo de dar à luz.

Coube a ela a tarefa monumental de gerar, educar e preparar a personalidade humana de Jesus para o cumprimento de sua missão planetária. Enquanto o guiava nos primeiros passos e o ouvia falar na oficina de carpintaria, Maria guardava em seu coração os acontecimentos misteriosos e as palavras profundas que muitas vezes não compreendia por completo, mas que aceitava e processava mediante uma fé inabalável.

O ápice dessa trajetória de renúncia e amor ocorre no momento mais doloroso do Cristianismo nascente: a crucificação. Enquanto a maioria dos discípulos fugiu, dispersando-se pelo medo e pela incompreensão da dor, Maria permaneceu firme aos pés da cruz. Naquela atmosfera de escárnio e sofrimento físico extremo, Jesus, fitando-a com infinito desvelo, amplia definitivamente a maternidade de Maria para além dos escassos laços de sangue. Ao ver sua mãe ao lado de João Evangelista, o discípulo amado, o Mestre estabelece um novo e definitivo vínculo familiar e comunitário entre eles e, por extensão, com toda a comunidade dos que buscam o Reino de Deus.

Dirigindo-se a Maria, diz: "Mulher, eis aí o teu filho". E, voltando-se para João, declara: "Eis aí a tua mãe". Com esse testamento de amor e responsabilidade filial, Maria é coroada

como a mãe universal de todos aqueles que buscam viver em conformidade com o Evangelho. Ela personifica o cuidado que não desiste, o acolhimento que abraça os rejeitados e a perseverança que não se deixa quebrar pela crueza da dor. Ela é o exemplo definitivo e irretocável do real sentido de maternar. Na comunhão entre Jesus e Maria, testemunhamos o ponto exato de encontro entre o amor humano purificado e o amor divino redentor. É uma lição viva que demonstra como a força do afeto materno, quando alicerçada na confiança e na fé, é capaz de sustentar as criaturas nos momentos de maior provação, conduzindo a humanidade pelos caminhos da ternura, da esperança renovada e do compromisso indestrutível com o bem comum.

O pontapé inicial dos prodígios: a multiplicação do vinho nas bodas de Caná

A jornada de demonstração pública das leis superiores que regem a vida — vulgarmente chamadas de "milagres" — teve início em um ambiente de celebração e conagração familiar. O colégio apostólico, ainda em formação, caminhava ao lado de Jesus e de Maria em direção à pequena aldeia de Caná, situada nas colinas da Galileia, onde um matrimônio comunitário estava prestes a se realizar. A presença do Cristo e de sua mãe naquela festividade demonstra que o Evangelho não prega o isolamento ranzinza ou a negação dos momentos legítimos de alegria humana; ao contrário, valida a celebração da vida, da união e da felicidade familiar.

No entanto, no decorrer da festa, um imprevisto técnico e social ameaçou a honra dos noivos: o suprimento de vinho esgotou-se precocemente, lançando uma sombra de tristeza e constrangimento sobre os presentes. Atenta às necessidades silenciosas do próximo, Maria percebe o problema e aproxima-se de Jesus, sussurrando-lhe de forma discreta a carência material do ambiente. A narrativa, registrada com exclusividade no Evangelho de João, revela a profunda comunhão entre mãe e filho.

Na cultura judaica da época, a falta de vinho em uma boda não representava meramente a ausência de uma bebida, mas o fim abrupto e vergonhoso da própria celebração. O vinho possuía um valor simbólico de alegria espiritual e comunhão; ele alegrava os corações para que as famílias dançassem, confraternizassem e gravassem na memória os momentos luminosos da existência terrena.

A resposta inicial de Jesus — "Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora" — é frequentemente mal compreendida. Longe de ser uma reprimenda, representava o alinhamento da vontade do Cristo com o cronograma divino de suas revelações públicas. Confiando plenamente na sensibilidade do Filho, Maria orienta os serviços com a máxima que resume toda a conduta cristã: "Fazei tudo o que ele vos disser". Jesus, então, assume a condução do evento e ordena que se tragam seis grandes potes de pedra, cuja finalidade original era a purificação ritual dos judeus, possuindo uma capacidade impressionante que variava entre oitenta e cento e vinte e três litros cada um.

A pedido do Mestre, os serviçais enchem os recipientes até a borda com água pura. Em seguida, com a autoridade de quem governa as forças fluídicas do planeta, ele orienta que uma porção daquele líquido seja retirada e levada ao mestre-sala, o organizador e avaliador da festa. Ao provar o líquido, o dono da celebração é tomado de surpresa absoluta: o interior dos potes de pedra transbordava agora um vinho de excelente qualidade, muito superior àquele que fora servido no início da noite. Através dessa transmutação molecular macroscópica, operada pelo magnetismo divino do Cristo, toda a comunidade pôde beber e faltar-se, salvaguardando a dignidade daquela nova família que se constituía. Espiritualmente, Caná simboliza a transformação da água insípida da antiga lei ritual no vinho generoso do amor evangélico, que aquece e vivifica as almas para a eternidade.

A compaixão perante a dor materna: a ressurreição do filho da viúva de Naim

Ao direcionar os seus passos para a pequena vila de Naim, Jesus e a comitiva que o acompanhava depararam-se com um contraste chocante às portas da cidade: um cortejo fúnebre descia a colina em clima de consternação e choro copioso. Um jovem rapaz, em plena flor da idade, havia desencarnado de forma abrupta. A dor daquela perda era multiplicada pela trágica condição social daquela que chorava à frente do caixão: ela era uma viúva, e o jovem falecido era o seu filho único. No contexto social do Oriente Médio antigo, perder o marido e, posteriormente, o único filho homem significava

não apenas uma dor afetiva devastadora, mas a condenação à miséria absoluta, à mendicância e ao desamparo jurídico total.

Diante daquela mãe destroçada, o coração magnânimo de Jesus encheu-se de uma profunda e legítima compaixão. Ele não viu apenas um cadáver sendo transportado para a sepultura; ele sintonizou com o sofrimento atroz daquela mulher que revivia a solidão e o luto em sua expressão mais cruel. Movido por esse amor puro, o Mestre rompe os protocolos de isolamento rituais que proibiam tocar em estruturas ligadas à morte e aproxima-se resolutamente do esquife, tocando o leito onde repousava o corpo inerte do jovem.

Fixando o seu olhar soberano sobre a realidade espiritual que coordenava aquele fenômeno, Jesus profere uma ordem em tom imperativo e recheado de energia vital: “Filho, levanta-te!”. O efeito da palavra crística foi imediato. O princípio inteligente, o espírito do jovem que ainda se encontrava magneticamente vinculado à indumentária carnal, respondeu instantaneamente ao chamado de alta potência vibratória do Mestre. O rapaz sentou-se no caixão, recuperou as funções biológicas, começou a falar e foi carinhosamente devolvido por Jesus aos braços chorosos e agora extasiados de sua mãe. Com esse ato, o Cristo demonstrou que a vida é a realidade perene do Universo que a dor da separação biológica encontra consolo e reversão diante da soberania do amor divino.

A flexibilidade da fé e a quebra de barreiras: o servo do centurião romano

Ao entrar na vibrante cidade costeira de Cafarnaum — uma aldeia de pescadores judaica que funcionava simultaneamente como um posto alfandegário e guarnição militar do Império Romano —, Jesus é abordado por uma personagem inusitada. Um centurião romano, oficial que comandava um contingente de cem soldados e representava o braço opressor de Roma na Judeia, aproxima-se do Mestre com uma postura de profunda reverência e humildade, algo impensável para a soberba das legiões imperiais. O militar implora a ajuda de Jesus em favor de seu servo, que se encontrava acamado em sua residência, paralisado, tomado por dores horríveis e à beira da morte.

Para compreendermos a profundidade desse milagre, faz-se necessário resgatar o contexto histórico: no Império Romano, os servos e escravos eram juridicamente classificados como “*instrumentum vocale*” — ferramentas dotadas de voz. Não possuíam valor humano ou afetivo para os seus senhores; quando adoeciam gravemente ou morriam, eram sumariamente descartados e substituídos por outros, tratados como meros objetos depreciados. No entanto, aquele centurião desenvolvera pelo seu subordinado um amor intenso, puro e fraternal, um sentimento nobre que quebrou as convenções de sua própria casta militar e cativou imediatamente a atenção e o respeito de Jesus.

Quando o Mestre prontamente se oferece para ir até a casa do oficial para curá-lo, o centurião profere uma das

declarações de fé mais contundentes da história do Cristianismo: "Senhor, não sou digno de que entres sob o meu teto; mas dize somente uma palavra, e o meu servo será curado. Pois também eu sou homem sujeito à autoridade, e tenho soldados sob o meu comando; e digo a este: Vai, e ele vai; e a outro: Vem, e ele vem". O militar aplicou a lógica da hierarquia militar à autoridade espiritual de Jesus: compreendeu que as doenças e as forças da natureza obedeciam ao comando do Nazareno da mesma forma que os soldados obedeciam às ordens imperiais.

Ao ouvir tamanha demonstração de lucidez e confiança, Jesus maravilhou-se e declarou, voltando-se para a multidão: "Digo a vocês que nem mesmo entre o povo de Israel achei alguém com tanta fé!". O Cristo utilizou aquele exemplo para lançar uma profecia universalista, alertando que viriam muitas pessoas do leste e do oeste (os pagãos, os estrangeiros) e tomariam assento à mesa no Reino de Deus ao lado de patriarcas como Abraão, Isaque e Jacó, enquanto os filhos biológicos da promessa, orgulhosos e endurecidos na letra fria da lei, arriscariam ser lançados na escuridão exterior do arrependimento tardio. Dirigindo-se ao oficial, sentenciou: "Vá, e seja feito conforme a sua fé." Naquele exato momento, a distância, a energia terapêutica projetada pela mente do Cristo reestruturou o corpo do servo, que se levantou completamente curado e livre de todas as dores.

O resgate das almas rejeitadas: a desobsessão do geraseno

Após enfrentarem uma terrível tempestade náutica no Mar da Galileia, Jesus e o colégio apostólico aportaram na região de Gérasa, uma localidade predominantemente pagã e sob forte influência cultural e militar romana. Assim que o Mestre desembarcou na praia, veio ao seu encontro uma figura dantesca e aterrorizante, que mantinha em polvorosa toda a população local. Tratava-se de um homem de aspecto feral e violento, despido de qualquer dignidade humana, que emitia gritos animalescos e corria descontroladamente pelas colinas. Devido ao seu estado de loucura furiosa, ele fora banido do convívio social e habitava em meio às cavernas e sepulturas dos mortos, apresentando uma aparência fantasmagórica, com cabelos longos e destratados.

A luz espiritual difusa e puríssima que emanava da aura de Jesus atraiu magneticamente aquele infeliz abandonado. Ele ergueu-se de um túmulo vazio onde costumava dormir e correu em direção ao Mestre. Sob a ótica da ciência médica atual e da fenomenologia espírita, aquele homem encontrava-se subjugado e obsediado por uma verdadeira legião de espíritos trevosos e vingativos. O seu corpo carnal refletia o martírio da alma: estava coberto de feridas, hematomas e escoriações provocadas por quedas e autoflagelação. Em seus pulsos e tornozelos, balançavam pedaços de correntes partidas e restos de algemas de ferro, testemunhos das tentativas frustradas da população de contê-lo pela força física.

Aquele homem era um irmão imortal que falhara gravemente na presente encarnação. Em sua juventude, entregou-se inteiramente aos prazeres mundanos mais degradantes e aos vícios destruidores, dilapidando e perdendo todo o patrimônio financeiro e moral de sua família. Como consequência direta de seus atos irresponsáveis, seus pais o renegaram publicamente e seus parentes passaram a nutrir um ódio visceral por ele. Abandonado à própria sorte e devorado pela culpa, ele perdeu a estabilidade mental nas ruas da cidade. Ao sintonizar com vibrações psíquicas de baixíssimo teor, foi facilmente subjugado pelas sombras do mundo invisível.

Em seu delírio, ele ofendia os transeuntes e acabou preso pelas autoridades. Condenado socialmente pela sua ingratidão e desvarios, sofreu uma punição bárbara comum em alguns códigos antigos: a amputação simbólica e dolorosa de partes de suas extremidades. Contudo, as entidades trevosas que o assenhoreavam injetaram uma força muscular descomunal e temporária em seu organismo, permitindo que ele rompesse as amarras e as pesadas correntes civis, fugindo para o deserto, onde os próprios obsessores passariam a se vingar dele de forma ainda mais cruel. Ele buscou refúgio nos bosques e, por fim, instalou-se na crueza das tumbas, alimentando-se de restos de carcaças deixadas por animais predadores. As trevas aproveitaram-se de sua solidão e remorso para transformá-lo em um autêntico morto-vivo. Esse quadro terrível arrastava-se há tanto tempo que o sofrimento gerara um ponto de saturação: tanto a vítima quanto a legião de espíritos vingativos que a atormentavam estavam exaustos, abrindo uma brecha para a intervenção do Amor Divino.

Jesus aproximou-se daquele quadro de horror com serenidade e iniciou um diálogo direto com as entidades dominantes, conforme relatado no Evangelho de Marcos. Através da boca do obsediado, as forças ocultas gritaram em desespero: “Que tens a ver comigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Rogo-te que não me atormentes!”. O Mestre, com autoridade incontestável, sentenciou: “Espíritos impuros, saiam desse homem!”. Buscando trazer à consciência o tamanho do desequilíbrio, Jesus questionou: “Qual é o teu nome?” A resposta veio em uma voz dantesca, rouca e sobreposta: “Nosso nome é Legião, porque somos muitos.” Sob o império da vontade crística, a horda espiritual recebeu a ordem de retirada.

A narrativa evangélica registra que os espíritos pediram para não serem expulsos daquela região geográfica — onde operavam há séculos e possuíam profundas amarras reencarnatórias — e solicitaram permissão para entrar em uma grande manada de porcos que pastava nas colinas vizinhas. Os animais, possuidores de uma sensibilidade instintiva e de uma clarividência rudimentar, apavoraram-se e entraram em pânico absoluto ao serem impactados pela aproximação em massa daquela atmosfera fluídica densa e monstruosa. Descontrolados, os porcos precipitaram-se despenhadeiro abaixo, caindo no mar, onde morreram afogados. Enquanto isso ocorria na periferia do cenário, o ex-obsediado desabou desmaiado no chão, enquanto Jesus e os apóstolos elevavam uma prece de gratidão ao Pai Celestial pela libertação daquelas almas.

Ao despertar do transe profundo, o homem percebeu-se lúcido, calmo e com a mente reordenada. Chorando de profunda emoção, ajoelhou-se aos pés de Jesus e agradeceu

com todas as forças de sua alma por aquela salvação inacreditável. O Mestre estendeu-lhe a mão e disse que ele estava verdadeiramente livre, pois o seu longo sofrimento nas tumbas já esgotara a quota de expiação necessária, chegada a hora de iniciar uma vida inteiramente nova e produtiva. O homem levantou-se, vestiu-se e recompôs-se; a sua fisionomia transmutou-se de tal forma que em nada lembrava aquela criatura feral de minutos atrás.

No entanto, a reação da população local revelou as chagas do materialismo humano: os guardadores de porcos, alarmados com o prejuízo financeiro decorrente da perda dos animais, correram para a cidade e denunciaram a ação de Jesus como um ato lesivo aos proprietários locais. Cegos para o milagre da restauração da vida daquele jovem que eles conheciam e temiam, os habitantes colocaram os interesses econômicos e egoístas acima da redenção humana. Tomados de revolta e medo supersticioso, cercaram o Cristo e os apóstolos, expulsando-os daquela comarca sob uma chuva de pedras.

Ao subir no barco para retirar-se do local, Jesus foi abordado pelo homem curado, que implorava com lágrimas nos olhos para seguir viagem com o colégio apostólico. O Mestre, demonstrando sua visão pedagógica superior, negou o pedido de adesão física e deu-lhe uma missão de imensa responsabilidade: “Vá para tua casa, para os teus, e anuncia-lhes quão grandes coisas o Senhor te fez, e como teve compaixão de ti”. Ele deveria ser o apóstolo vivo do Cristo em uma terra pagã. Inicialmente, ao tentar relatar o ocorrido em sua cidade natal, o preconceito imperou: ninguém quis ouvi-lo e ele foi

novamente renegado e expulso a pedradas que dilaceraram sua carne. Sem desanimar, ele passou a vagar por toda a região da Decápole, contando com amor e paciência o milagre que recebera. Com o tempo, sua constância venceu as resistências e multidões paravam para ouvir o seu testemunho luminoso. Terminou seus dias na Terra consolando os aflitos e sendo amplamente reconhecido como um fiel pregador da palavra de Deus, provando que o poder do amor crístico é capaz de transformar o mais profundo obsediado em um ser humano regenerado e santo.

A vitória da persistência coletiva: a cura do parálítico de Cafarnaum

De volta à base de suas operações na Galileia, Jesus encontrava-se no interior de uma residência em Cafarnaum, proferindo seus ensinamentos a uma multidão compacta. O adensamento humano era tamanho que centenas de pessoas se comprimiam junto às portas e janelas, bloqueando completamente qualquer possibilidade de acesso ou trânsito pelas vias normais de entrada. Todos ansiavam por ouvir a palavra vivificante do Mestre e receber o alívio para suas dores.

Nesse contexto, quatro homens conduziam um amigo parálítico deitado sobre uma maca, desesperados por um atendimento com o Nazareno. Diante da barreira intransponível da multidão, esses homens não se deixaram abater pelo desânimo. Subiram pelas escadas externas da residência e alcançaram o telhado de argila e palha. Com esforço e audácia motivados pelo amor fraternal, abriram um buraco na estrutura

da cobertura e, utilizando cordas, baixaram cuidadosamente a maca com o enfermo bem no centro da sala, exatamente em frente a Jesus.

O Mestre, interrompendo a preceito, observou em silêncio aquela magnífica demonstração de fé operante, solidariedade e perseverança. Fitando o paralítico, pronunciou palavras que ecoaram como um enigma para os intelectuais presentes: “Filho, os teus pecados estão perdoados.” Imediatamente, alguns escribas e doutores da Lei que inspecionavam o ministério de Jesus começaram a murmurar internamente, acusando-o de blasfêmia, sob o argumento teológico de que somente Deus possuía a prerrogativa de perdoar faltas e culpas espirituais.

Lendo os pensamentos orgulhosos daqueles homens, Jesus interpelou-os diretamente: “Por que vocês estão remoendo essas coisas em seu coração? O que é mais fácil dizer ao paralítico: ‘Os teus pecados estão perdoados’, ou dizer-lhe: ‘Levante-se, pegue a sua maca e ande?’ E, para demonstrar de forma material que o Filho do Homem detinha na Terra a autoridade de sintonizar as almas com as leis de compensação divina, voltou-se para o enfermo e ordenou: “Eu lhes digo: Levante-se, pegue a sua maca e vá para casa.” Para o espanto e glorificação geral de todos os presentes, as articulações engessadas e os músculos atrofiados do homem recuperaram instantaneamente o tônus vital; ele levantou-se com agilidade, tomou o leito às costas e marchou em direção à sua residência, bendizendo a Deus.

A exegese espírita trazida por Allan Kardec lança uma claridade indispensável sobre esse episódio: o paralítico passava

por um processo necessário de provas e expiações, resgatando na carne os graves erros de desvio moral cometidos em encarnações anteriores. O sofrimento prolongado amolecerá o seu coração outrora endurecido pelo orgulho. Jesus, na condição de exímio manipulador das energias magnéticas e fluídicas do planeta, atuou diretamente sobre o perispírito do enfermo. A cura física operada foi o coroamento de uma cura muito mais profunda: a cura do coração através do despertar da fé viva no Criador. O esforço extraordinário dos quatro amigos é o testemunho de que o bem habita o coração humano e de que a intercessão amorosa e o auxílio mútuo são ferramentas poderosas para elevar o padrão vibratório daqueles que se encontram temporariamente caídos nas estradas da vida. Ao mandar o paralítico andar, Jesus decretou o nascimento de um novo ser humano, redimido perante os seus débitos do pretérito e pronto para marchar livre rumo à evolução espiritual.

A força da fé atraente: a cura da mulher hemorrágica

No fluxo contínuo de suas caminhadas pelas vilas da Galileia, Jesus encontrava-se cercado por uma turba compacta que o comprimia de todos os lados. Em meio a esse mar de gente, uma mulher movia-se com dificuldade, impulsionada por um desespero silencioso e uma determinação inquebrantável. Seu nome, preservado pelas tradições apócrifas e crônicas antigas, era Verônica. Há doze longos anos, essa infeliz criatura padecia de uma hemorragia uterina crônica e incurável, tendo despendido todos os seus recursos financeiros com médicos e

tratamentos ineficazes que só haviam agravado o seu estado debilitante.

O sofrimento de Verônica ia muito além da dor física e da anemia profunda: de acordo com os rígidos preceitos da Lei Levítica (contidos no livro do Levítico, capítulo 15), a mulher que sofria de fluxo sanguíneo contínuo era classificada como ritualmente "imunda". Qualquer pessoa ou objeto que ela tocasse contraía a impureza ritual. Se ela se sentasse em uma cadeira ou abrisse uma porta, tais estruturas tornavam-se interditas. Ela estava proibida de abraçar seus familiares, de circular livremente em público e de ingressar nos pátios do Templo de Jerusalém. Vivia, por conseguinte, em um estado de exílio social e solidão afetiva absoluta.

Movida por uma intuição superior e quebrando todas as interdições legais de sua cultura, Verônica infiltrou-se na multidão e aproximou-se sorrateiramente por trás de Jesus. Em seu íntimo, repetia como uma prece: "Se eu tão somente tocar nas suas vestes, ficarei curada". Estendendo a mão trêmula, tocou de leve a franja da túnica do Mestre. No mesmo décimo de segundo em que o tecido foi tocado, a fonte do seu sangue estancou imediatamente e ela sentiu em seu corpo a irradiação da saúde integral.

Jesus interrompeu subitamente a marcha e perguntou, voltando-se para o grupo: "Quem me tocou?" Os apóstolos, liderados por Pedro, reagiram com natural estranheza: "Mestre, a multidão te aperta e te comprime de todos os lados, e perguntas: Quem me tocou?". Mas o Cristo insistiu: "Alguém me tocou, porque percebi que de mim saiu uma virtude (uma força fluídica)". Percebendo que não passaria despercebida, Verônica

adiantou-se trêmula de medo, prostrou-se aos seus pés e confessou publicamente, perante o povo, o motivo de seu ato e a cura instantânea que recebera.

Jesus fitou-a com doçura infinita e pronunciou palavras libertadoras: “Filha, a tua fé te salvou; vai em paz e sê livre do teu sofrimento.” Ele removeu o estigma da impureza e restituiu-lhe a dignidade social.

Allan Kardec, ao analisar cientificamente os mecanismos desse prodígio na obra *A Gênese*, esclarece que Jesus operou uma doação magnética involuntária e automática. O fluido terapêutico do Cristo agiu sobre a matéria orgânica lesada da mulher de forma independente de uma ação deliberada de sua mente, funcionando por um princípio de atração magnética pura. A força imensa da fé de Verônica agiu como uma bomba de sucção fluídica, haurindo do reservatório inesgotável de vitalidade do Mestre a cota necessária para a sua restauração biológica. Ela estava madura para a superação daquela dolorosa expiação carnal, provando que as doenças do corpo físico têm suas matrizes no espírito que a renovação das disposições íntimas da alma é a chave para o restabelecimento da harmonia orgânica e espiritual.

A vitória da vida sobre o estado de quase-morte: a filha de Jairo

No mesmo contexto em que atendia a mulher hemorrágica, Jesus foi procurado por uma das maiores autoridades civis e religiosas de Cafarnaum: um homem chamado Jairo, que exercia a respeitável função de chefe da

sinagoga local. Rompendo com o orgulho e o preconceito de sua casta sacerdotal — que majoritariamente tramava a derrocada do Nazareno —, Jairo prostrou-se publicamente aos pés de Jesus e implorou em lágrimas: “Minha filhinha está morrendo; rogo-te que venhas e imponhas as mãos sobre ela para ser salva e viva”. A menina contava com apenas doze anos de idade e era a luz daquele lar.

Enquanto caminhavam em direção à residência do dignitário, cercados pela multidão ruidosa, alguns mensageiros vindos da casa de Jairo aproximaram-se e sentenciaram friamente: “Tua filha já morreu; por que importunas mais o Mestre?”. Ao ouvir a notícia que ameaçava sepultar as esperanças daquele pai destroçado, Jesus adiantou-se, olhou nos olhos de Jairo e blindou o seu coração contra o desespero, dizendo: “Não temas; crê somente, e ela será salva”.

Ao aportarem na residência, depararam-se com um cenário de profunda agitação: carpideiras profissionais e vizinhos choravam em altas vozes, entoando os lamentos fúnebres rituais. Jesus entrou no recinto e declarou com firmeza: “Afastem-se; a menina não está morta, mas dorme.” Os presentes riram-se dele com escárnio, pois tinham a certeza clínica do óbito da criança. O Mestre, contudo, ordenou que todos se retirassem da casa, permitindo a permanência no quarto apenas dos pais da menina e de seus três apóstolos mais próximos: Pedro, Tiago e João.

Aproximando-se do leito onde repousava o corpo gélido e imóvel da garotinha — cujo nome provável, segundo estudos antigos, era Débora —, Jesus tomou-a delicadamente pela mão

e pronunciou na língua aramaica a célebre expressão: "Talita cumi!", que traduzida significa: "Menina, a ti te digo, levanta-te!".

De imediato, o espírito da menina reatou o comando sobre o sistema nervoso; ela abriu os olhos, levantou-se do leito e começou a caminhar pelo aposento, para o assombro e maravilhamento absoluto de seus pais. Demonstrando um admirável senso prático e cuidado com as necessidades humanas ordinárias, Jesus recomendou expressamente aos pais que não divulgassem o ocorrido e ordenou que dessem imediatamente de comer à criança, que se encontrava debilitada pelo período de enfermidade.

A explicação espiritual para este feito assenta-se nas leis que regem os fluidos vitais e os liames perispirituais: a filha de Jairo não sofrera ainda o rompimento definitivo dos cordões fluídicos que unem a alma ao corpo de carne. Ela encontrava-se imersa no que a ciência médica classifica como um estado de catalepsia profunda ou letargia, uma condição de morte clínica aparente ou "quase-morte", na qual os batimentos cardíacos e a respiração tornam-se imperceptíveis ao exame sensorial comum.

Sabedor profundo de todas as leis da mecânica fluídica, Jesus utilizou o seu magnetismo superior de pureza sidereal para insuflar uma nova carga de fluido vitalizado sobre o organismo inerte da menina, revitalizando os centros de força e permitindo que o espírito reassumisse o controle de sua máquina orgânica. Moralmente, o episódio deixa a lição eterna de que nunca devemos nos render ao desânimo ou aceitar a "morte espiritual" das nossas esperanças, pois a palavra do Cristo convida-nos

diariamente a despertar da ignorância e renascer para a plenitude da vida eterna.

A doação magnetizadora nas grandes multidões: a multiplicação dos pães

Buscando um momento de merecido isolamento para meditação e recomposição de suas forças espirituais, Jesus e seus discípulos retiraram-se de barco para um local deserto nas proximidades do Mar da Galileia. Todavia, ao tomarem conhecimento do deslocamento do Mestre, milhares de pessoas vindas de diversas cidades correram a pé pelas margens do lago e anteciparam-se à sua chegada, aguardando-o ansiosamente na praia. Ao desembarcar e deparar-se com aquela imensa massa humana composta por deserdados da sorte, enfermos e crianças, Jesus sentiu profunda compaixão; ele sabia que todos eram extremamente pobres e não possuíam recursos para se manter. Passou o dia inteiro curando seus doentes e ministrando-lhes as consolações do Reino de Deus.

Ao cair da tarde, os apóstolos aproximaram-se do Mestre com uma preocupação justa: “Este lugar é deserto, e a hora já está adiantada; despede as multidões para que vão às aldeias e comprem o que comer”. Jesus, contudo, olhou para os seus companheiros e lançou o desafio que ecoaria através dos séculos como a Carta Magna da solidariedade cristã: “Não é preciso que vão; deem-lhes vocês mesmos de comer!” Os discípulos reagiram atônitos: “Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes!”.

Jesus ordenou que a multidão — que totalizava mais de cinco mil pessoas — se assentasse de forma organizada em grupos sobre a grama verde. Tomando os cinco pães e os dois peixes em suas mãos, o Mestre ergueu os olhos ao céu e pronunciou uma prece de bênção e ação de graças ao Criador. Em seguida, partiu os pães e os peixes e passou a entregá-los continuamente aos apóstolos para que estes os distribuíssem ao povo.

O milagre da multiplicação operou-se de forma contínua no manuseio do alimento: à medida que os discípulos distribuía as porções, os cestos mantinham-se repletos. Toda aquela imensa multidão comeu até fartar-se plenamente. Ao término da refeição, Jesus recomendou que se recolhessem as sobras para que nada se perdesse, recolhendo-se doze cestos completamente cheios de pedaços de pão e peixe que sobejaram.

Sob o prisma espiritual, este sinal possui uma dupla e profunda simbologia: por um lado, expressa o impressionante poder de doação e manipulação fluídica do Cristo, capaz de condensar a matéria elementar em benefício dos necessitados; por outro, estabelece o dever moral de todo seguidor do Evangelho de ser um agente ativo de benevolência e caridade, suprimindo as carências materiais do próximo e distribuindo o pão espiritual do amor e do esclarecimento a todas as almas famintas da Terra.

As dimensões da existência: da física multidimensional aos pronto- socorros da alma⁹

Minhas irmãs e meus irmãos, hoje, retomaremos as discussões que fizemos em 15 de agosto de 2025, na Casa Fraterna Clara de Assis, em palestra intitulada “A espiritualidade, a física e as múltiplas dimensões”. Entendemos que devemos aprofundar estas discussões essenciais para interpretarmos a natureza e a espiritualidade.

A busca humana pela compreensão da realidade sempre esbarrou nas limitações dos nossos sentidos biológicos. Durante séculos, a humanidade acreditou que o universo se restringia estritamente àquilo que os olhos podiam contemplar, as mãos podiam tocar e os instrumentos rudimentares podiam medir. No entanto, o avanço paralelo da ciência de vanguarda e a revelação dos aspectos profundos da espiritualidade vêm demonstrando que a realidade se assemelha a uma vasta sinfonia, da qual nossos sentidos físicos conseguem captar apenas uma única nota.

O universo não é um vazio estático, mas sim uma sobreposição dinâmica de dimensões. Para compreender como o invisível interage com o visível, faz-se necessário construir uma

⁹Palestra realizada na Casa Fraterna Clara de Assis, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, em 19 de março de 2026

ponte sólida entre os postulados mais avançados da física contemporânea e a fenomenologia da Doutrina Espírita.

Pretendemos aqui mapear essa jornada: partindo do espaço tridimensional perceptível, atravessando as dimensões extras ocultas teorizadas pela mecânica quântica e pela teoria das cordas, até atingirmos as esferas vibratórias que abrigam a vida após a morte do corpo físico e as intrincadas engrenagens de socorro espiritual que operam nas fronteiras da eternidade.

Para podermos adentrar com segurança científica e filosófica nos mistérios do plano espiritual, precisamos primeiro compreender o que a física contemporânea define como "dimensão". Longe de ser apenas um jargão de ficção científica, o conceito de dimensão evoluiu de uma simples medida geométrica para a chave de unificação das forças que regem o Cosmos.

O Espaço Tridimensional e a Física Clássica Newtoniana

O ponto de partida da nossa percepção macroscópica é o universo tridimensional, o palco no qual a vida biológica se desenvolve e onde a nossa rotina se processa. Formalizado matematicamente pela geometria euclidiana e consolidado pelas leis da mecânica clássica de Sir Isaac Newton, este espaço é estruturado a partir de três dimensões espaciais básicas que determinam o volume, a forma e a posição precisa de absolutamente qualquer objeto material:

Primeira Dimensão (1D) — O Comprimento: Representada graficamente por uma linha reta unidimensional. Num universo estritamente unidimensional, não há espaço para

desvios laterais ou elevações; a única liberdade é o movimento para a frente ou para trás ao longo do próprio eixo.

Segunda Dimensão (2D) — A Largura e a Altura: Ao cruzarmos duas linhas perpendiculares, geramos um plano bidimensional, a exemplo de uma folha de papel perfeita ou de uma sombra projetada sobre a parede. Objetos em duas dimensões possuem área, mas carecem de espessura ou profundidade.

Terceira Dimensão (3D) — A Profundidade: É o espaço tridimensional propriamente dito, onde as formas ganham corpo e os objetos passam a ocupar um volume real no espaço. É a dimensão em que se estruturam desde as arestas de um cubo geométrico até a complexa anatomia do corpo humano.

Na física newtoniana, essas três dimensões espaciais formavam um palco rígido, imutável e absoluto, dentro do qual os corpos se moviam sob a ação de forças como a gravidade. O tempo, por sua vez, era considerado um mero espectador: uma corrente contínua e linear que corria de forma idêntica para todos os observadores no universo, independentemente de onde estivessem ou da velocidade com que se deslocassem.

A Revolução do Espaço-Tempo Quadridimensional de Einstein

Essa visão estática e compartimentada da realidade ruiu no início do século XX. Em 1905, o físico alemão Albert Einstein revolucionou a física ao publicar sua Teoria da Relatividade Restrita, posteriormente expandida em 1915 com a Relatividade Geral. Einstein demonstrou matematicamente e experimentalmente que

o espaço e o tempo não são entidades separadas, independentes e absolutas. Em vez disso, eles estão intimamente entrelaçados em um único tecido maleável de quatro dimensões, batizado de Espaço-Tempo.

Com essa unificação, surge formalmente a Quarta Dimensão: o Tempo.

A inserção do tempo como uma coordenada dimensional indissociável das três dimensões espaciais alterou profundamente nossa compreensão do Cosmos. Sob a metodologia geométrica desenvolvida por Hermann Minkowski, o universo passou a ser compreendido como um continuum quadridimensional. Na Relatividade Geral, esse tecido não é plano; ele é deformado, curvo e flexível. A presença de massa e energia — como um planeta ou uma estrela — gera uma curvatura no tecido do espaço-tempo. O que percebemos macroscopicamente como a força da "gravidade" nada mais é do que o efeito geométrico dessa curvatura. Corpos celestes e raios de luz simplesmente seguem as trajetórias naturais determinadas pelas depressões e dobras desse tecido quadridimensional.

A partir desse marco, o tempo deixou de ser uma constante universal para tornar-se relativo. A velocidade com que o tempo flui depende diretamente da velocidade do observador no espaço e da intensidade do campo gravitacional ao qual ele está submetido. O espaço e o tempo tornaram-se grandezas dinâmicas, abrindo as portas da mente humana para a aceitação de que a realidade física é muito mais plástica do que os nossos sentidos biológicos jamais ousaram supor.

Dimensões Extras Ocultas: A Física Teórica e de Partículas

À medida que o século XX avançava e os físicos mergulhavam nos mistérios do microcosmo — o universo subatômico —, percebeu-se que as quatro dimensões conhecidas (três espaciais e uma temporal) eram insuficientes para explicar a totalidade dos fenômenos da natureza. Para tentar unificar as leis que regem o macrocosmo (a gravidade) com aquelas que governam as partículas subatômicas (as forças nucleares e o eletromagnetismo), os cientistas foram forçados a criar modelos matemáticos ousados, que preveem a existência de dimensões espaciais adicionais ocultas aos nossos olhos.

A Teoria de Kaluza-Klein (5D)

Na década de 1920, o matemático alemão Theodor Kaluza e o físico sueco Oskar Klein propuseram de forma independente uma extensão genial para a Relatividade de Einstein. Na tentativa de unificar a força gravitacional com a força eletromagnética de James Clerk Maxwell, eles formularam um modelo de universo que operava em cinco dimensões (quatro tradicionais e mais uma dimensão espacial extra).

Se essa quinta dimensão realmente existe, por que não a vemos no dia a dia? A resposta de Kaluza e Klein reside no conceito de compactação. Essa dimensão adicional seria circular e estaria dobrada sobre si mesma em uma escala

infinitesimalmente microscópica, tornando-se absolutamente imperceptível aos nossos sentidos e aos aparelhos tecnológicos.

Para compreender esse conceito de forma didática, os físicos costumam propor a analogia de um longo e fino fio de cabelo ou de uma mangueira de jardim:

Se observarmos uma mangueira de jardim a uma grande distância, ela nos parecerá uma linha reta unidimensional (1D), possuindo apenas o atributo do comprimento. No entanto, se uma pequena formiga caminhar sobre a superfície dessa mesma mangueira, ela descobrirá uma realidade totalmente nova: para ela, a superfície revela-se bidimensional (2D) e cilíndrica. A formiga pode mover-se tanto ao longo do comprimento da mangueira quanto circular ao redor de sua circunferência.

O que para o observador distante parecia apenas um ponto sem espessura, de perto revela-se uma dimensão circular oculta. Da mesma forma, a física quântica sugere que cada ponto do nosso espaço tridimensional contém, em escala microscópica, dimensões circulares ocultas onde as forças da natureza se entrelaçam e se unificam.

A Teoria das Cordas e as Fronteiras da Teoria-M (10D, 11D e 26D)

O desdobramento moderno mais promissor dessa busca pela unificação das leis do Cosmos é a Teoria das Cordas. Desenvolvida a partir dos anos 1960 e 1970 por mentes brilhantes como Gabriele Veneziano e Yoichiro Nambu, e posteriormente revolucionada por físicos teóricos de peso como John Schwarz, Michael Green e Edward Witten, a teoria das

cordas propõe uma mudança radical de paradigma na estrutura elementar do universo.

Até então, o modelo padrão da física de partículas tratava os tijolos fundamentais da matéria — os quarks e os elétrons — como partículas pontuais elementares, isto é, pontos matemáticos sem dimensão e sem estrutura interna. A Teoria das Cordas substitui esses pontos por minúsculos filamentos vibratórios de energia pura, semelhantes a cordas elásticas microscópicas.

Assim como a corda de um violino pode vibrar em diferentes frequências para produzir notas musicais distintas (um Dó, um Ré ou um Sol), essas cordas cósmicas fundamentais vibram em padrões específicos. Cada modo de vibração gera uma propriedade diferente, manifestando-se na nossa dimensão ora como um elétron, ora como um quark, ora como um fóton de luz ou como um gráviton (a partícula teórica transmissora da gravidade). O universo, sob essa ótica, é uma colossal sinfonia cósmica regida por essas vibrações energéticas.

Contudo, para que as complexas equações matemáticas que sustentam a Teoria das Cordas façam sentido — e não gerem resultados absurdos, como probabilidades infinitas ou anomalias matemáticas insolúveis —, os físicos descobriram que o tecido do universo necessita de muito mais espaço geométrico do que as quatro dimensões tradicionais. A matemática subjacente exige categoricamente um universo multidimensional:

Teoria das Supercordas: exige rigorosamente 10 dimensões para funcionar em perfeita harmonia (sendo 9 dimensões espaciais e 1 dimensão temporal).

Teoria-M: proposta por Edward Witten na década de 1990 para unificar as cinco variações existentes da teoria das cordas, essa metateoria eleva o patamar geométrico do Cosmos para 11 dimensões (compostas por 10 dimensões espaciais e 1 dimensão temporal).

Se essas 6 ou 7 dimensões espaciais adicionais de fato existem, onde elas se escondem? Assim como na teoria de Kaluza-Klein, as dimensões extras da teoria das cordas estão compactadas e dobradas sobre si mesmas em uma escala geométrica absurdamente menor do que o núcleo de um átomo. Estamos falando da Escala de Planck (metros), o limite absoluto do comprimento físico mensurável.

Os modelos teóricos mais sofisticados demonstram que essas dimensões adicionais não se dobram de qualquer maneira; elas assumem formas geométricas hiperbólicas e abstratas conhecidas como Espaços de Calabi-Yau. A geometria específica dessas dobras de Calabi-Yau dita as frequências exatas em que as cordas de energia podem vibrar. Em última análise, a própria forma oculta do universo multidimensional determina as leis da física, as massas das partículas e as constantes da natureza que tornam a nossa vida física tridimensional possível.

Para sintetizar a evolução do pensamento físico e matemático a respeito da estrutura do universo, podemos analisar os modelos da seguinte forma:

Tabela Comparativa dos Modelos Dimensionais na Ciência

Modelo Teórico	Dimensões Totais	Composição Geométrica e Mecânica
Mecânica Clássica (Newtoniana)	3	Espaço rígido e absoluto constituído por altura, largura e profundidade (3D espacial). O tempo corre de forma linear externa. PDF
Relatividade Geral (Einsteiniana)	4	Tecido dinâmico e curvo do Espaço-Tempo (3D espacial integradas a 1D temporal). PDF
Teoria de Kaluza-Klein	5	As 4 dimensões tradicionais acrescidas de 1 dimensão espacial microscópica, circular e compactada. PDF
Teoria das Supercordas	10	As 4 dimensões tradicionais unidas a 6 dimensões espaciais microscópicas extras ocultas nos espaços de Calabi-Yau. PDF+ 2
Teoria-M	11	O modelo de unificação máxima contemporâneo, composto por 4 dimensões tradicionais e 7 dimensões espaciais compactadas na escala de Planck.

As dimensões sob a ótica da espiritualidade

Ao constataremos que a ciência formal aceita perfeitamente e necessita matematicamente de um universo constituído por múltiplas dimensões ocultas e sobrepostas, a transição para os estudos das dimensões espirituais deixa de parecer um salto místico e passa a figurar como um desdobramento lógico do conhecimento universal.

O Paradigma Espírita: Fluido Cósmico e Coexistência Vibratória

A Doutrina Espírita estabelece como base doutrinária que o Universo é fundamentalmente estruturado a partir de dois elementos gerais ou princípios fundamentais que emanam da Criação Divina: o elemento espiritual (o princípio inteligente do universo, que constitui as almas e os Espíritos) e o elemento material (o princípio bruto, que serve de veículo, instrumento e vestimenta para a ação do espírito).

Diferente do que as visões religiosas tradicionais apregoavam — dividindo o céu e o inferno em localizações geográficas acima das nuvens ou abaixo da crosta terrestre —, o Espiritismo ensina que as chamadas dimensões espirituais são, na verdade, planos de existência ou esferas vibratórias que coexistem no mesmo espaço físico que ocupamos. Elas não estão separadas por distâncias astronômicas em quilômetros, mas sim por graus de densidade da matéria e por frequências de vibração fluídica.

A chave cosmológica para compreender essa coexistência é o conceito do Fluido Cósmico Universal (FCU). O Espiritismo revela que a matéria tangível e densa que enxergamos no nosso cotidiano — o ferro, a água, a rocha, as células orgânicas — não constitui a totalidade da matéria universal. Ela é simplesmente uma condensação pesada, uma modificação extrema da matéria elementar primitiva, a qual é o Fluido Cósmico Universal.

Abaixo e acima do espectro eletromagnético visível aos olhos de carne, o FCU sofre infinitas graduações e modificações. À medida que se eleva na escala da sutilização, esse fluido dá origem à matéria quintessenciada que compõe o ecossistema do plano espiritual.

Nossos corpos físicos operam em uma determinada faixa vibratória densa; os Espíritos desencarnados, revestidos por seus respectivos corpos espirituais (perispíritos), operam em faixas fluídicas mais sutis e aceleradas. Assim, múltiplos mundos e dimensões se sobrepõem e se interpenetram a cada instante no mesmo espaço geográfico, sem que um interfira mecanicamente no outro, de forma análoga às ondas de rádio, Wi-Fi, televisão e telefonia celular que cruzam simultaneamente as paredes da nossa sala sem sofrer colisão física.

A Geografia Vibratória da Terra: Grandes Faixas de Existência

Embora as dimensões sejam contínuas em suas transições fluídicas, a literatura espírita e as revelações trazidas pelos Espíritos Superiores costumam classificar as esferas que circundam e envolvem o planeta Terra em grandes faixas ou faixas vibratórias principais. Essas faixas funcionam como grandes ecossistemas magnéticos definidos estritamente pelo estado de evolução moral e intelectual dos Espíritos que nelas habitam.

O Plano Físico (A Dimensão Material)

É o mundo denso em que nos encontramos presentemente encarnados. Trata-se da dimensão caracterizada pela rigidez da matéria orgânica e inorgânica, onde as leis da física clássica operam com pleno vigor e onde os espíritos se revestem do manto biológico para fins de aprendizado, expiação e progresso moral. No entanto, o plano físico não está isolado; ele mantém um intercâmbio contínuo e osmótico com as dimensões invisíveis que o respiram e o circundam.

O Umbral (Zonas de Retaguarda e Trevas)

O Umbral é uma dimensão espiritual que envolve a Terra de maneira extremamente próxima, estando magneticamente colada às emanações mentais da humanidade encarnada. Trata-se de uma vasta região dividida em múltiplas sub-regiões e camadas, que vão desde zonas densas, escuras e profundas (frequentemente chamadas de trevas ou vales de sofrimento) até áreas mais amenas de transição que fazem fronteira com as esferas superiores.

O Umbral não é um local de castigo planejado por Deus, mas sim uma região de purgação, sofrimento moral, confusão mental e dolorosa colheita espiritual. É um reflexo direto do egoísmo e das paixões humanas desregradas.

Estão sintonizados no Umbral os Espíritos que desencarnaram carregando consigo um peso imenso de apego material obsessivo, vícios destrutivos de toda sorte (como o alcoolismo, a toxicodependência e a sensualidade exacerbada),

culpas dilacerantes, remorsos sufocantes, orgulho ferido ou sentimentos doentios de revolta e vingança crônica. Como a mente dessas criaturas vibra em frequências magnéticas pesadas e escuras, a Lei de Afinidade Vibratória as atrai e as agrupa automaticamente nessas regiões sombrias, onde convivem com seus semelhantes até que esgotem suas energias inferiores e despertem pelo arrependimento sincero.

As Colônias Espirituais (Zonas de Transição)

Situadas em camadas atmosféricas e fluídicas mais elevadas, acima do turbilhão magnético do Umbral superficial, localizam-se as Colônias Espirituais. Elas são verdadeiras cidades espirituais, ricamente organizadas, estruturadas e administradas por Espíritos dedicados ao bem. O exemplo mais célebre e detalhadamente documentado na cultura espírita brasileira é a colônia Nosso Lar, descrita minuciosamente pelo Espírito André Luiz através da psicografia abençoada do médium Francisco Cândido Xavier.

Longe de ser um local de ociosidade contemplativa, as colônias são ambientes de intensa atividade comunitária. Elas abrigam postos de socorro de urgência, hospitais perispirituais complexos, escolas de alfabetização e aprimoramento, universidades de estudos científicos e filosóficos da alma, além de vastos centros de trabalho voltados à ecologia espiritual, à arte edificante e ao planejamento de futuras reencarnações.

São habitadas por Espíritos que já conseguiram superar as fases mais densas da perturbação pós-morte, que aceitaram de bom grado o tratamento fluídico de suas dores e que trazem no íntimo o desejo sincero de trabalhar, estudar, servir ao próximo e se preparar espiritualmente para novas missões evolutivas na carne ou fora dela.

As Esferas Superiores (Planos Elevados)

São dimensões de pura luz, beleza inefável e harmonia cósmica absoluta, situadas muito além das atrações gravitacionais ordinárias e das correntes fluídicas pesadas da Terra.

Nessas esferas excelsas, a matéria que compõe o ambiente e o perispírito dos seres é de tal forma quintessenciada e radiante que se torna completamente intangível, invisível e incompreensível para espíritos menos evoluídos. A arquitetura dessas dimensões é plasmada diretamente pela força do pensamento puro. A vida ali se baseia na alta criação mental, nas manifestações artísticas sublimes, no acesso ao conhecimento universal e no exercício do amor incondicional.

É o lar dos Espíritos puros, dos grandes benfeitores da humanidade, dos mentores espirituais de alta envergadura e dos guias que coordenam os rumos evolutivos das nações e dos planetas. Nessas dimensões não existem resquícios de dor, enfermidade, sofrimento ou carências materiais; a felicidade decorre da perfeita sintonia com as Leis Divinas.

A lei de sintonia — a chave comportamental das dimensões

Uma das maiores contribuições filosóficas do Espiritismo é desmistificar a transição da alma para o além-túmulo. A destinação do Espírito após o fenômeno biológico da morte física não depende de um julgamento antropomórfico, de um tribunal dogmático ou de uma punição decretada arbitrariamente por uma divindade colérica. O passaporte para uma dimensão de luz ou para uma região de trevas baseia-se única e exclusivamente na Lei de Afinidade Vibratória e Fluídica.

O Espírito como Transmissor e Receptor Mental

Cada mente humana funciona de modo idêntico a uma sofisticada estação emissora e receptora de ondas energéticas. Os pensamentos constantes que acalentamos, os sentimentos que nutrimos na intimidade do coração e as ações reais que praticamos no dia a dia determinam, a cada segundo, o nosso padrão vibratório pessoal.

Se um indivíduo cultiva habitualmente pensamentos de raiva, ciúme, avareza, orgulho, sensualidade descontrolada ou apego doentio aos bens materiais e prazeres mundanos, a sua mente opera em uma frequência de onda extremamente baixa, densa e pesada. Esse padrão mental atua diretamente sobre o seu perispírito (o corpo espiritual), sobrecarregando-o com fluidos densos, tornando-o "pesado" na escala magnética universal. No instante do desencarne, por um efeito natural de

gravidade fluídica, essa alma é atraída de forma magnética e irresistível para as regiões do Umbral que vibram exatamente na mesma sintonia densa em que ela viveu.

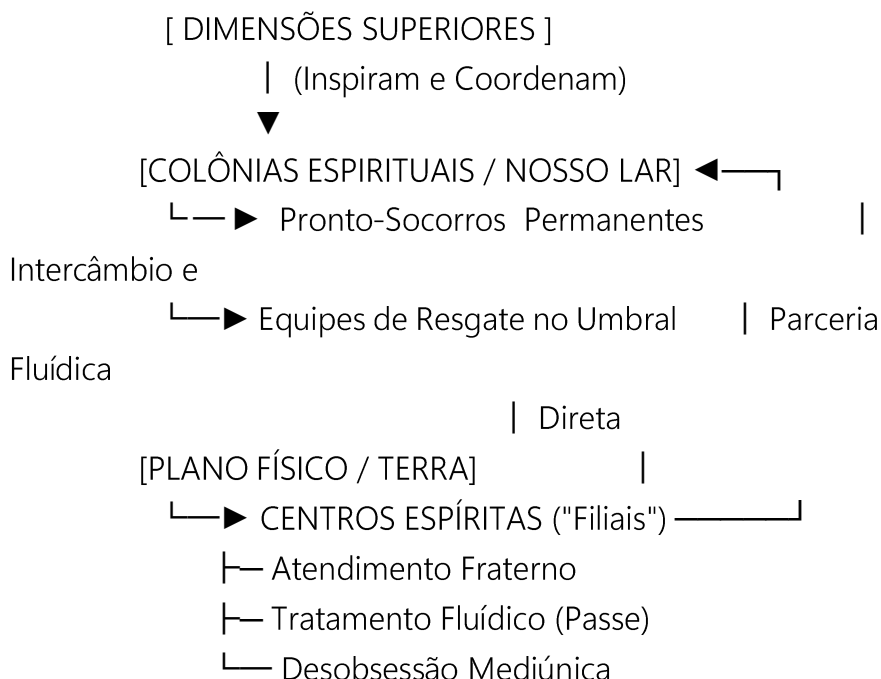
Inversamente, se o indivíduo se esforça no cultivo do amor, do perdão, da caridade, da humildade, do estudo nobilitante e do desapego às ilusões materiais, a sua mente emite vibrações de altíssima frequência. Essas emanções elevadas limpam e sutilizam a estrutura fluídica de seu perispírito, tornando-o leve e luminoso. Ao deixar o corpo físico, essa alma eleva-se naturalmente, por atração simpática, em direção às Colônias Espirituais ou às Esferas Superiores.

Essa realidade universal dá um sentido matemático e profundamente justo à conhecida máxima evangélica proferida por Jesus Cristo e comentada por Allan Kardec em O Evangelho Segundo o Espiritismo: "Há muitas moradas na casa de meu Pai". As "moradas" não são quartos físicos em um palácio celestial, mas sim as infinitas dimensões, esferas e gradações vibratórias do universo, onde cada alma encontra o seu exato lugar de correspondência moral.

Os pronto-socorros — a interação entre as dimensões

A solidariedade é a lei que rege o progresso universal. As dimensões superiores não se fecham egoisticamente em sua felicidade; pelo contrário, é das esferas de luz que partem as mais grandiosas operações de amor e assistência em direção às zonas de sofrimento. É nesse cenário de dor e acolhimento que se estruturam os chamados Pronto-Socorros Espirituais.

Essas unidades de atendimento de urgência operam de maneira coordenada em duas frentes integradas: no plano invisível, mediante hospitais permanentes localizados nas Colônias Espirituais, e no plano terreno, utilizando a estrutura física dos Centros Espíritas.



Nas Colônias Espirituais: Hospitais e Resgates na Retaguarda

Nas cidades de transição como a colônia Nosso Lar, os pronto-socorros são instituições complexas, de caráter permanente, voltadas ao amparo imediato das almas que acabam de colher os frutos amargos de seus desvios morais.

As equipes de resgate e Triagem

Diariamente, caravanas de Espíritos socorristas altamente qualificados — médicos espirituais, enfermeiros e protetores magnéticos — deixam o conforto das colônias e descem em missões perigosas até as profundezas escuras do Umbral. Eles também se deslocam até os hospitais terrenos e cenários de catástrofes coletivas. O objetivo é recolher e resgatar os Espíritos recém-desencarnados que se encontram em estado de profundo sofrimento, perturbação extrema ou choque fluídico decorrente de mortes traumáticas ou existências desregradadas.

Ao darem entrada no pronto-socorro da colônia, esses Espíritos passam por um criterioso processo de triagem. Aqueles que se encontram profundamente debilitados pelo apego material deletério, deformados pelas consequências fluídicas de longas e dolorosas enfermidades, ou em estado de letargia mental, são prontamente internados em pavilhões hospitalares de isolamento e postos de socorro emergencial.

O Tratamento Perispiritual Emergencial

O foco do atendimento inicial nessas instituições de urgência espiritual reside na estabilização energética do perispírito. O corpo espiritual de um recém-desencarnado deprimido ou revoltado muitas vezes reflete as mesmas chagas, dores e disfunções do corpo de carne que ele abandonou. Para tratá-los, a medicina espiritual utiliza recursos bioenergéticos profundos:

Passes Magnéticos Coletivos e Individuais: Aplicação de recursos fluídicos puros para dispersar as nuvens escuras de pensamentos deletérios impregnadas na aura do enfermo.

Fluidos Revigorantes e Elementos da Natureza: Utilização de substâncias medicinais eterizadas, extraídas de forma ecológica da flora e da atmosfera purificada da própria colônia espiritual, que funcionam como bálsamos e medicamentos reais sobre o sistema nervoso perispiritual.

O Acolhimento Fraternal: Acima de qualquer técnica fluídica, o remédio mais eficaz aplicado nos pronto-socorros das colônias é o amor incondicional. Os enfermeiros espirituais ouvem as queixas, acalmam os desesperados e envolvem os enfermos em vibrações de paz, permitindo que suas mentes descansem e iniciem o lento processo de reequilíbrio moral e aceitação da nova realidade.

Nos Centros Espíritas Terrenos: Os Postos Avançados de Socorro

Enquanto as colônias abrigam os grandes hospitais no plano invisível, os Centros Espíritas funcionam na crosta terrestre como verdadeiras "filiais", agências avançadas ou postos de socorro de urgência em parceria direta com as equipes espirituais do bem.

Uma Casa Espírita estruturada é uma verdadeira usina de transformação de energias, cujo funcionamento assenta-se estritamente no pilar do amor e da caridade gratuita, seguindo fielmente o lema crístico: "Dai o que de graça recebestes". Essa

engrenagem de socorro na Terra divide-se em quatro pilares fundamentais de atendimento público e privativo:

O Atendimento Fraternal e o Acolhimento

Considerado legitimamente a "porta de entrada" da Casa Espírita, o Atendimento Fraternal destina-se a amparar o ser humano no momento exato em que a dor bate à sua porta. Consiste em uma conversa privada, absolutamente reservada, fraterna e sigilosa entre um atendente voluntário devidamente preparado e a pessoa que busca auxílio.

O objetivo primordial não é adivinhar o futuro ou fazer revelações mediúnicas, mas sim oferecer um ouvido acolhedor para que o frequentador possa desabafar livremente sobre suas dores mais íntimas, angústias sufocantes, quadros de depressão profunda, crises existenciais ou perturbações espirituais latentes. Com base nas lições consoladoras e racionais do Evangelho e da Doutrina Espírita, o atendente oferece conforto moral e direciona o assistido para as terapias fluídicas e cursos de esclarecimento mais adequados às suas necessidades específicas dentro da instituição.

Palestras Públicas e Esclarecimento Pedagógico

O Espiritismo não se apoia em dogmas de fé cega ou rituais mecânicos misteriosos; ele possui um caráter essencialmente pedagógico, filosófico e racional. Por esse motivo, o esclarecimento intelectual é considerado uma parte vital do tratamento da alma.

As Palestras Públicas são reuniões de livre acesso a toda a comunidade, focadas na difusão da moral cristã imperecível, nos ensinamentos práticos contidos em O Evangelho Segundo o Espiritismo e na análise detalhada dos desafios cotidianos — como a ansiedade, o luto, a família e o trabalho — sob uma ótica estritamente espiritual, imortalista e reencarnacionista. Paralelamente, os Grupos de Estudo semanais e sistemáticos oferecem aos frequentadores a oportunidade de aprofundar o conhecimento técnico das obras fundamentais de Kardec, emancipando a mente humana por meio da razão.

Tratamento Fluídico: O Passe e a Água Fluidificada

Constituem os recursos de bioenergia, magnetismo terapêutico e assistência espiritual direta oferecidos gratuitamente aos frequentadores da casa.

O Passe Espírita é uma transfusão de energias psíquicas e espirituais, realizada por meio da imposição de mãos efetuada por um médium passista (um voluntário que atua como um doador de energia). Durante a prece do passe, combinam-se os fluidos magnéticos vitais do próprio médium com os fluidos espirituais puros e sutis trazidos pelos benfeitores invisíveis. Essa potente combinação energética é direcionada sobre o campo áurico e os centros de força (chacras) do assistido, operando uma profunda harmonização, limpeza fluídica e reequilíbrio energético de sua alma.

A Água Fluidificada é utilizada pelos consulentes que trazem garrafas e recipientes com água potável comum para serem depositados nos ambientes de passe. Durante as

reuniões, os benfeitores espirituais atuam magneticamente sobre essas águas, inserindo nelas fluidos curativos, energias revitalizantes e verdadeiros medicamentos espirituais dosados sob medida para atender às necessidades específicas de saúde física e mental de quem as irá consumir no lar.

Reuniões Mediúnicas Privativas (O Socorro na Desobsessão)

Diferente das concepções errôneas do senso comum, o intercâmbio direto e profundo com os Espíritos desencarnados não ocorre nas reuniões públicas abertas do Centro Espírita. As atividades de intercâmbio mediúnico e desobsessão são rigorosamente privativas, realizadas a portas fechadas e em ambiente controlado.

Essas reuniões são compostas por uma equipe restrita de médiuns psicofônicos (de incorporação) e dialogadores (doutrinadores ou esclarecedores) experientes, seriamente preparados, equilibrados e dedicados ao estudo continuado.

O objetivo central dessas sessões é de pura caridade evangélica: prestar socorro aos Espíritos necessitados, sofredores, perturbados ou obsessores que são magnética e carinhosamente trazidos pela Espiritualidade Superior até a mesa de trabalho. Através da incorporação mediúnica, esses Espíritos em sofrimento conseguem drenar parte de suas energias pesadas e encontram na figura do dialogador um amigo sincero que os ouve com respeito, envolve-os em vibrações de amor incondicional e oferece-lhes o esclarecimento evangélico necessário para despertarem de seus

monólogos de ódio, abandonarem os processos obsessivos contra os encarnados e aceitarem o encaminhamento rumo aos hospitais das Colônias Espirituais.

O Pensamento e a Prece como Combustível das Operações

Toda essa colossal engrenagem multidimensional de socorro — quer se processe nos hospitais flutuantes das colônias, quer se desdobre nas salas de passes dos centros espíritas — exige uma matéria-prima fundamental para se sustentar: o pensamento elevado e a prece sincera.

A prece não deve ser compreendida como uma repetição mecânica de fórmulas religiosas vazias. Sob a física do plano espiritual, a prece sincera é um ato de profunda emissão mental de alta frequência. Quando os encarnados ou desencarnados se unem em oração fervorosa pelo bem do próximo, eles emitem ondas de energia sutilíssima que atuam como verdadeiros canais magnéticos de luz no espaço fluido.

Essa energia gerada pela prece funciona como a matéria-prima vital, o "combustível" fluídico de que os mentores espirituais necessitam para conseguir descer com segurança até as regiões asfixiantes do Umbral, anestesiarem as dores perispirituais mais atrozes dos enfermos e envolver os corações empedernidos no bálsamo do amor crístico.

Ao fecharmos este mapeamento das dimensões da existência, percebemos que a ciência de vanguarda e a Doutrina Espírita não caminham em sentidos opostos; elas convergem de forma inevitável rumo à mesma verdade universal. A física

teórica contemporânea, ao demonstrar matematicamente a necessidade de 10 ou 11 dimensões vibratórias e ao enxergar o universo como filamentos de energia que cantam em diferentes frequências, fornece as bases estruturais para que a razão humana consiga aceitar a realidade dos planos espirituais revelados por Kardec e detalhados por André Luiz.

Compreender a multidimensionalidade da vida altera profundamente a nossa postura ética no plano físico. Saber que não estamos isolados no Cosmos, que o nosso destino dimensional após a morte física é o reflexo geométrico exato dos nossos pensamentos, sentimentos e atos diários, confere-nos uma responsabilidade intransferível sobre o próprio destino.

Os pronto-socorros da alma, espalhados pelas esferas invisíveis e materializados nas Casas Espíritas da Terra, são o testemunho vivo de que o universo é governado pela Lei do Amor. Cabe a cada um de nós, através da renovação interior diária, do estudo sério e da prática incessante da caridade, sintonizar as nossas próprias cordas mentais com as frequências mais elevadas da Criação, construindo, desde já, a nossa morada definitiva nas dimensões da Luz.

Que Jesus abençoe a todos vocês!

A ponte entre dois mundos: história, anatomia sutil e a mecânica dos fenômenos mediúnicos¹⁰

A civilização ocidental, sob o império do materialismo científico que se consolidou a partir do século XVIII, acostumou-se a enxergar o ser humano como um subproduto biológico complexo: um arranjo fortuito de átomos e reações químicas cuja consciência se apaga de forma definitiva com a falência dos órgãos vitais. No entanto, o progresso das investigações psíquicas e as revelações progressivas da espiritualidade operaram uma inversão copernicana nesse entendimento, sintetizada na célebre premissa contemporânea: “Não somos seres humanos vivendo uma experiência espiritual; somos seres espirituais vivendo uma experiência humana”.

A jornada evolutiva na carne representa apenas uma breve estação na perenidade da vida. O verdadeiro lar do princípio inteligente é o mundo espiritual, uma dimensão vibratória que pulsa paralelamente ao universo material. Para compreender como essas duas dimensões se comunicam, faz-se necessário estudar a mediunidade não como um fenômeno miraculoso, sobrenatural ou místico, mas como uma faculdade natural, regida por leis científicas exatas, biológicas e fluídicas. Este capítulo propõe-se a esquadrihar essa ponte: resgatando

¹⁰Palestra realizada na Casa Fraterna Clara de Assis, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, em 26 de março de 2026

os marcos históricos que despertaram o mundo para a realidade extra carnal, analisando a constituição tríplice do homem e revelando a complexa engrenagem anatômica e fluídica que viabiliza o intercâmbio entre os chamados mortos e os vivos.

O despertar da humanidade — o marco histórico da mediunidade.

Os fenômenos de comunicação com o invisível acompanham a humanidade desde a sua infância. Das pitonisas de Delfos na Grécia Antiga aos xamãs das tribos ancestrais, a voz do além sempre encontrou canais de manifestação. Todavia, em meados do século XIX, a espiritualidade superior coordenou um esforço massivo e público de manifestações físicas para romper o ceticismo da era industrial de forma definitiva.

O Fenômeno de Hydesville: As Irmãs Fox e o Nascimento do Espiritualismo Moderno

O relógio histórico da moderna investigação psíquica encontrou o seu epicentro no ano de 1848, em uma humilde e isolada cabana de madeira localizada no vilarejo de Hydesville, no estado de Nova York, Estados Unidos. A residência havia sido alugada pela família Fox, composta por John Fox, sua esposa e suas duas filhas mais novas: Margaretta (Maggie), de 14 anos, e Kate, de 11 anos.

A partir do mês de março daquele ano, a rotina da família foi tragicamente interrompida por ruídos inexplicáveis que ecoavam pelas paredes, tetos e assoalhos da casa. Eram batidas secas, estalos vibratórios, sons que imitavam o arrastar de móveis pesados e passos misteriosos que perturbavam o sono e desafiavam qualquer explicação lógica ou mecânica. Inspeções rigorosas foram feitas por vizinhos e autoridades locais na tentativa de localizar animais nos sótãos ou fraudes na estrutura, mas nada foi encontrado.

O ponto de inflexão ocorreu na memorável noite de 31 de março de 1848. Exaurida pelo cansaço e pela atmosfera de mistério, a jovem Kate Fox decidiu desafiar a força invisível que produzia os ruídos. Batendo palmas, ela exclamou em direção ao invisível: "Senhor Pé-Rachado, faça o que eu faço!" De imediato, o som oculto respondeu, repetindo exatamente o mesmo número de batidas estipulado pela menina. Margaretta, maravilhada, uniu-se à irmã e pediu que a entidade contasse as idades de cada uma delas, o que foi respondido com precisão matemática por meio de pancadas sequenciais.

Percebendo que o fenômeno era inteligente, a mãe das meninas, a senhora Fox, assumiu a interlocução e desenvolveu um código numérico e alfabético rudimentar baseado no número de batidas (o chamado telegrafia espiritual). Por meio desse sistema de perguntas e respostas, a inteligência invisível revelou sua identidade: tratava-se do Espírito de Charles B. Rosma, um mascate (vendedor ambulante) que fora assassinado naquela mesma casa cinco anos antes por um antigo inquilino, motivado pelo roubo de seus pertences. A entidade afirmou que seu corpo fora enterrado no porão da cabana.

Meses mais tarde, escavações iniciais no porão revelaram vestígios de carvão, cal viva e fragmentos de ossos humanos, confirmando a veracidade do relato espiritual. Décadas depois, em 1904, o desabamento de uma parede falsa no mesmo porão expôs o esqueleto completo do mascate junto à sua mala de mercadorias. O episódio de Hydesville funcionou como um rastilho de pólvora. As irmãs Fox passaram a demonstrar publicamente a faculdade da tiptologia (comunicação por batidas) e do raps (ruídos), chamando a atenção de cientistas, jornalistas e intelectuais, e inaugurando oficialmente a era do Espiritualismo Moderno na América.

A febre das mesas girantes e giratórias na Europa

Cruzando o Oceano Atlântico, os fenômenos americanos ecoaram com força avassaladora na Europa no início da década de 1850, adotando uma roupagem peculiar que se transformou em uma verdadeira febre social: as Mesas Girantes ou Giratórias.

Nos salões aristocráticos de Paris, Londres e Berlim, as reuniões sociais abdicaram temporariamente da música e da poesia para se dedicarem a um passatempo intrigante. Grupos de pessoas sentavam-se ao redor de pesadas mesas de madeira, apoiavam suas mãos sobre o tampo móvel e aguardavam em silêncio. Após alguns minutos de concentração, os móveis começavam a demonstrar uma surpreendente animação: giravam vertiginosamente sobre um único pé, deslocavam-se flutuando pelo ambiente, erguiam-se no ar desafiando categoricamente a lei da gravidade e respondiam a perguntas batendo os pés contra o assoalho.

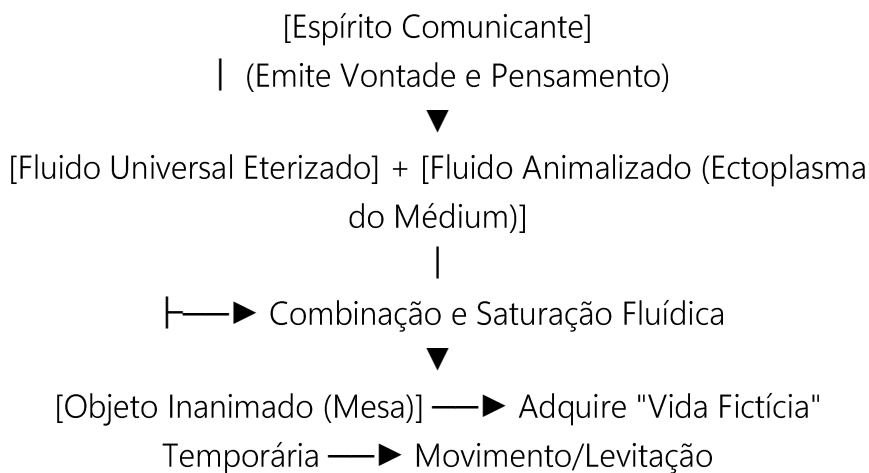
O que inicialmente era tratado como um mero divertimento mundano, um truque de salão ou um passatempo frívolo, logo despertou o interesse de mentes analíticas. Como poderia um objeto inanimado, desprovido de músculos, nervos e cérebro, demonstrar movimento autônomo e responder com profunda lucidez, ironia e conhecimento a perguntas complexas de cunho filosófico e científico?

Foi justamente para investigar essa febre parisiense que o renomado pedagogo e cientista francês Hippolyte Léon Denizard Rivail — discípulo de Pestalozzi e membro de diversas sociedades acadêmicas — foi convidado a presenciar as sessões em 1854. Aplicando o método experimental e dedutivo das ciências naturais, Rivail compreendeu de imediato que as mesas não pensavam; os movimentos eram causados por forças invisíveis que utilizavam o objeto como um instrumento de comunicação. Adotando o pseudônimo de Allan Kardec, ele organizou as comunicações e codificou a Doutrina Espírita, publicando O Livro dos Espíritos em 1857.

A Mecânica Científica das Mesas Girantes

O Espiritismo esclarece em minúcias a física por trás dessas manifestações de efeitos físicos. Um espírito, devido à sua natureza puramente etérea e sutilizada, não possui condições de agir diretamente sobre a matéria grosseira e pesada (como a madeira de uma mesa). Para operar o fenômeno, a inteligência invisível necessita obrigatoriamente de um intermediário: o médium de efeitos físicos.

O processo mecânico processa-se da seguinte forma:



O espírito capta o fluido cósmico universal em seu estado elementar e o combina com o fluido animalizado ou vital (ectoplasma) que é livremente liberado pelo sistema nervoso do médium e dos assistentes presentes na sala. Através dessa fusão fluídica, a inteligência espiritual envolve e satura os poros da matéria inanimada.

A mesa, temporariamente impregnada por essa atmosfera bioenergética, adquire uma espécie de "vida fictícia" ou mecânica. Ela passa a obedecer diretamente ao impulso da inteligência do Espírito, movimentando-se da mesma forma que o corpo físico do homem se move sob o comando da sua própria vontade mental. O objeto funciona, portanto, como uma extensão muscular temporária da alma desencarnada.

A constituição tríplice do ser humano

Para compreender a fenomenologia da mediunidade, é imprescindível desarticular a visão dualista clássica de corpo e alma, substituindo-a pelo modelo ternário ou tríplice revelado pela Doutrina Espírita na Questão 135 de O Livro dos Espíritos. O ser humano encarnado é composto por três elementos indissociáveis durante a experiência terrestre:

[ESPÍRITO] [PERISPÍRITO] [CORPO FÍSICO]
(Chama/Centelha) (Corpo Fluídico/Molde) (Indumentária
Biológica)

O Espírito: A Centelha Divina

Definido filosófica e cientificamente na Questão 88 de O Livro dos Espíritos como uma "chama, um clarão ou uma centelha etérea", o espírito propriamente dito é o princípio inteligente do universo. Ele é a sede real da consciência, da individualidade, da memória profunda, da vontade, do amor e da inteligência. O Espírito não possui forma geométrica tangível no mundo físico; ele é uma essência imortal criada por Deus, simples e ignorante, destinada à perfeição e à angelitude através do mecanismo das múltiplas reencarnações.

O Corpo Físico: A Indumentária Biológica

É o casulo material pesado, constituído por carbono, água e células orgânicas. Funciona como a ferramenta mecânica e o manto protetor de que o Espírito necessita para interagir no plano tridimensional denso da Terra, servindo como instrumento de expiação, aprendizado e progresso material.

O Perispírito: o elo multidimensional

O conceito de Perispírito (do grego peri, em torno de) constitui a chave de abóbada de toda a ciência espírita. Ele é o corpo espiritual ou fluido que envolve a centelha inteligente. Trata-se de uma estrutura semimaterial, que serve de ponte, cabo de transmissão e elemento de ligação osmótica entre a mente imaterial (Espírito) e a máquina de carne (Corpo Físico).

A natureza molecular do perispírito

O perispírito não é um nada abstrato; ele é constituído por matéria sutilizada, extraída diretamente do Fluido Cósmico Universal do planeta em que a alma se encontra fixada. Embora invisível aos olhos de carne ordinários devido ao seu altíssimo padrão vibratório, o perispírito possui uma estrutura molecular real, ainda que quintessenciada.

À medida que o Espírito progride moral e intelectualmente ao longo de suas existências, a atmosfera fluídica de seu perispírito se limpa, se sutiliza e ganha

luminosidade própria. Inversamente, almas presas ao egoísmo e aos vícios grosseiros carregam um perispírito denso, opaco, pesado e obscurecido, suscetível às atrações magnéticas das zonas inferiores.

As três funções cardeais do perispírito

O perispírito desempenha um papel trifuncional absoluto na economia da vida imortal:

Função Instrumental: Funciona como o teclado através do qual o Espírito transmite as suas ordens volitivas para o cérebro físico. Da mesma forma, serve como o receptor que capta as sensações físicas do corpo (dor, calor, frio, prazer) e as transmite decodificadas para a mente imortal.

Função Moldadora (Modelo Organizador Biológico - MOB): O perispírito funciona como um mapa ou fôrma geométrica invisível que orienta a divisão celular durante o processo embrionário da gestação. É ele que determina os traços anatômicos, as predisposições de saúde e até as marcas genéticas que o novo corpo carnal ostentará, refletindo fielmente as conquistas ou os débitos do pretérito reencarnatório da alma.

Função Conservadora: É o arquivo indestrutível da individualidade. O cérebro físico renova suas células continuamente e se desintegra no túmulo, mas a memória profunda, os hábitos adquiridos, os traumas passados e as virtudes conquistadas ficam eternamente gravados nas estruturas fluídicas do perispírito.

A anatomia espiritual — chacras, plexos e a glândula pineal

O intercâmbio mediúnico não ocorre no vácuo; ele se processa por meio de uma sofisticada rede de engenharia bioenergética que conecta o perispírito ao corpo biológico. Essa rede é composta pelos centros de força ou chacras, pelos plexos nervosos do corpo físico e por uma antena endocrinológica central: a glândula pineal.

Os Centros de Força (Chacras) e sua Correspondência com os Plexos Físicos

Os centros de força são verdadeiros turbilhões ou vórtices energéticos localizados na estrutura sutil do perispírito. Eles funcionam como subestações transformadoras de energia, captando os fluidos do ambiente e o magnetismo mental do espírito, metabolizando-os e distribuindo-os diretamente sobre a rede de plexos nervosos (grandes redes de ramificações e gânglios do sistema nervoso autônomo) e glândulas do corpo físico.

Analisemos a estrutura e as funções dos sete centros de força principais que regem o maquinário humano:

Centro Coronário (O Chakra Rei)

Localização sutil: no topo da cabeça, na região do córtex cerebral.

Função Espiritual: É o centro mais importante do perispírito, considerado a sede principal da mente e o ponto de ligação com a espiritualidade superior. Ele supervisiona e coordena todos os demais centros de força.

Correspondência Física: Conecta-se diretamente com o Plexo Cerebral e com a Glândula Pineal (Epífise). Rege a captação de pensamentos, a inspiração, a intuição pura e a mediunidade intelectual superior.

Centro Frontal (O Chakra do Terceiro Olho)

Localização sutil: na fronte, exatamente no espaço entre as sobrancelhas.

Função Espiritual: governa as faculdades da percepção visual e sensorial oculta. É o grande responsável pelos fenômenos da clarividência (ver o plano espiritual), da Clari audiência (ouvir os Espíritos) e da emissão de raios mentais magnéticos.

Correspondência Física: Conecta-se com o Plexo Cavernoso e com a Glândula Hipófise (Pituitária). Controla o sistema nervoso central, a visão física e as funções cerebrais superiores de atenção e memória.

Centro Laríngeo

Localização sutil: na região da garganta.

Função Espiritual: controla a capacidade de expressão, verbalização e comunicação. É o centro neurofluídico de

suporte absoluto para a mediunidade de psicofonia (incorporação falada).

Correspondência Física: Vincula-se ao Plexo Cervical e às Glândulas Tireoide e Paratireoides. Rege o aparelho fonador, as cordas vocais, a respiração superior e a fonação.

Centro Cardíaco

Localização sutil: no centro do peito, sobre a região do coração.

Função Espiritual: Regula as emoções humanas, os sentimentos, a afetividade e a circulação das energias psíquicas ligadas à empatia e ao amor.

Correspondência Física: Conecta-se ao Plexo Cardíaco. Rege o sistema circulatório, o coração físico e o suporte energético do aparelho cardiovascular.

Centro Esplênico

Localização sutil: no lado esquerdo do abdômen, sobre a região do baço.

Função Espiritual: É o grande laboratório de distribuição do fluido vital e da energia prânica captada da atmosfera e do Sol. Ele administra as defesas imunológicas e a vitalidade do perispírito. Se for lesado ou desequilibrado por excessos morais, o indivíduo entra em profundo esgotamento nervoso e debilidade orgânica.

Correspondência Física: Assenta-se sobre o Plexo Esplênico e governa o funcionamento do baço físico.

Centro Gástrico (O Chakra Solar)

Localização sutil: na região do estômago (boca do estômago).

Função Espiritual: É o responsável pela assimilação e metabolização dos alimentos materiais e dos fluidos mais densos ligados às emoções primárias (como o medo, a raiva, a ansiedade crônica e a agressividade).

Correspondência Física: Vincula-se ao Plexo Solar e ao complexo sistema gastrointestinal (estômago, fígado, vesícula).

Centro Genésico (O Chakra Básico ou Lar)

Localização sutil: na base da coluna vertebral, na região do períneo.

Função Espiritual: É a sede da energia criadora, responsável pelo impulso de santificação da vida através da reprodução, da arte e do trabalho. Governa as forças plasmadoras da matéria.

Correspondência Física: Conecta-se ao Plexo Pélvico / Hipogástrico e às Glândulas Sexuais (Gônadas - Testículos e Ovários). Controla o aparelho reprodutor e o sistema excretor.

O Chakra Umeral: O Ponto de Contato da Mediunidade

Além dos sete centros clássicos, a ciência mediúnica espírita destaca a relevância do Chakra Umeral, localizado nas

costas, no espaço entre as duas omoplatas (escápulas), ligeiramente voltado para a região posterior do pulmão esquerdo.

O centro umeral funciona como o principal portal de recepção e ponto de contato magnético para as vibrações e fluidos de Espíritos desencarnados durante as sessões de intercâmbio. É através desse vórtice posterior que o espírito comunicante projeta os seus cordões fluídicos para se sintonizar com a rede nervosa do médium. Quando um sensitivo começa a ser envolvido pela atmosfera fluídica de uma entidade, ele costuma sentir os primeiros sinais físicos — como calafrios, arrepios, peso nos ombros e variações térmicas — exatamente nessa região umeral das costas.

A Glândula Pineal: A Antena Endocrinológica da Alma

Se o perispírito possui os chakras para captar as energias, o corpo físico necessita de um órgão material capaz de traduzir essas vibrações hiperfísicas em comandos químicos e elétricos compreensíveis para o cérebro. Esse órgão é a Glândula Pineal (ou Epífise).

Situada no centro geométrico do cérebro, na região do epitélamo, a pineal foi classificada por séculos pela ciência médica ocidental como um mero órgão vestigial sem utilidade prática definida. No entanto, André Luiz, na obra *Missionários da Luz* (1945), antecipou as descobertas da neurociência moderna ao revelar que a pineal é a glândula da vida espiritual, a central de controle de todas as potências da alma encarnada.

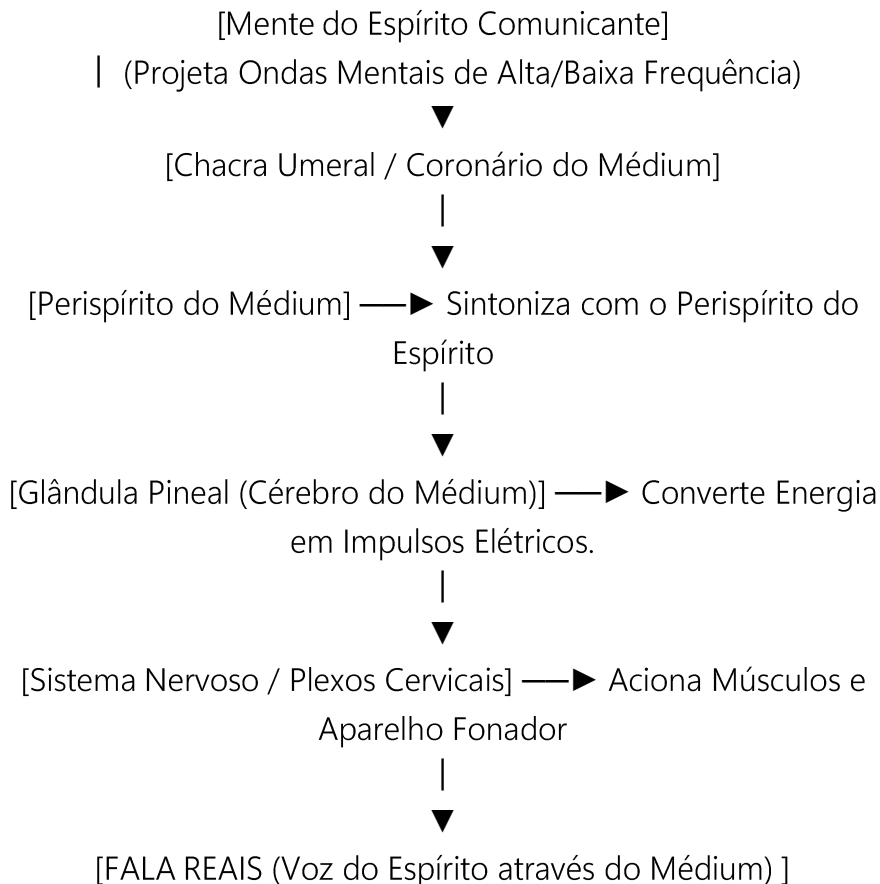
A pineal funciona como uma sofisticada antena eletromagnética. Suas células contêm minúsculos cristais de apatita que vibram e entram em ressonância magnética com as ondas mentais projetadas pelos espíritos desencarnados. Ao captar o pensamento do Espírito, a pineal atua imediatamente como um transdutor: converte a onda psíquica invisível em impulsos neuroquímicos, estimulando a liberação de neurotransmissores e hormônios (como a melatonina) no córtex cerebral. É essa transdução que permite ao médium tomar consciência do pensamento da entidade e expressá-lo por meio da fala, da escrita ou da visão espiritual.

A mecânica da incorporação (psicofonia)

Dentre as múltiplas faculdades mediúnicas existentes, a psicofonia (popularmente chamada no senso comum de "incorporação") é uma das mais complexas e frequentes nas reuniões de socorro espiritual. Faz-se necessário desmistificar o termo: nenhum espírito entra materialmente "dentro" do corpo físico de um médium. Duas porções de matéria não podem ocupar simultaneamente o mesmo espaço no universo tridimensional.

O Mecanismo da Conexão Perispiritual

A mecânica da psicofonia processa-se mediante um acoplamento magnético e fluídico entre os corpos espirituais do médium e da entidade. O processo desenvolve-se em passos técnicos sucessivos e integrados:



Para que a comunicação se estabeleça, o médium precisa entrar em um estado de leve transe ou relaxamento mental, desprendendo parcialmente as amarras de seu próprio perispírito do corpo físico. O espírito comunicante aproxima-se e projeta os seus fluidos sobre os centros de força do médium (principalmente o umeral e o coronário).

Ocorre então uma fusão magnética: as moléculas do perispírito do Espírito entrelaçam-se magneticamente com as moléculas do perispírito do médium. Uma vez estabelecido esse canal fluídico, a mente do desencarnado assume o controle

temporário da glândula pineal do sensitivo. A pineal capta os pensamentos da entidade e os derrama sobre o córtex cerebral do médium, acionando os plexos nervosos e o aparelho fonador (centro laríngeo). O médium passa, então, a falar, gesticular e expressar as dores, ideias e sotaques do Espírito comunicante, mantendo sua máquina biológica cedida à caridade.

Os três graus de sintonia mediúnica

A participação consciente do médium durante esse processo varia de acordo com o grau de desprendimento fluídico e controle cortical, dividindo-se em três categorias clássicas:

Incorporação Consciente: É a mais comum nas fileiras espíritas contemporâneas. O médium não perde a consciência biológica; ele assiste, na condição de espectador mental, a tudo o que o espírito pensa e fala através de seus órgãos físicos. Funciona como um motorista que cede temporariamente a direção do carro a um amigo, sentando-se no banco do carona: ele vê a estrada e ouve a conversa, mas permite que o outro controle os pedais e o volante. O médium consciente capta a ideia geral do espírito e a traduz utilizando o seu próprio cabedal de palavras.

Incorporação Semiconsciente: O médium experimenta um desprendimento um pouco mais profundo. Ele sente o impulso das palavras e das emoções da entidade à medida que elas são pronunciadas, retendo uma vaga lembrança do ocorrido após o término do transe, como se recordasse os fragmentos de um sonho distante.

Incorporação Inconsciente: É um fenômeno mais raro e de profunda imersão hipnótica. O desligamento fluídico entre o perispírito do médium e o seu córtex cerebral é absoluto. A mente do médium entra em um estado de sono induzido profundo, de modo que ele não retém absolutamente nenhuma lembrança, imagem ou registro consciente do que foi falado ou escrito pela entidade durante o período da manifestação.

A necessidade do equilíbrio e a ética mediúnica

A constatação de que a mediunidade é uma engrenagem científica baseada em leis biológicas e sintonia mental transfere para o sensitivo a responsabilidade total pelo sucesso ou pelo fracasso de seu intercâmbio com o invisível. A mediunidade pura e simples é apenas um canal neutro, uma ferramenta biológica, desprovida de cor moral própria. Ela pode transformar-se em uma fonte de obsessões dolorosas ou em um ministério de cura e luz, a depender estritamente das disposições íntimas daquele que a porta.

A Lei de Afinidade e o Perigo das Sintonias Inferiores

Como a mente opera por emissão e recepção de ondas, um médium que mantém sua vida privada mergulhada no cultivo de vícios, pensamentos de maledicência, orgulho envaidecido, melindres fáceis ou ambições egoístas sintonizará inevitavelmente com entidades que vibram no mesmo patamar de atraso moral. Abrem-se aí as portas para os processos de obsessão, fascinação e subjugação espiritual, nos quais

inteligências sombrias passam a governar o psiquismo do encarnado, vampirizando suas energias vitais e gerando desequilíbrios físicos e mentais profundos em seus centros de força.

O Estudo e a Disciplina como Escudo da Alma

Para garantir um intercâmbio fluido, seguro e sintonizado com espíritos de boa índole e mentores de alta envergadura, o médium necessita cultivar dois pilares indissociáveis: a disciplina evangélica e o estudo sério.

O estudo continuado das obras de Allan Kardec confere ao sensitivo a lucidez intelectual necessária para identificar as fraudes, as mistificações e as armadilhas psicológicas do mundo invisível. A disciplina moral, por sua vez, alicerçada na prece sincera e na vivência real do amor e da caridade cristã, atua como um poderoso agente utilizador do perispírito. Ao higienizar seus pensamentos e dedicar sua faculdade gratuitamente ao alívio das dores humanas e espirituais, o médium eleva de forma permanente o seu padrão vibratório. Seus chakras passam a pulsar em altas frequências luminosas, blindando o seu campo áurico contra as arremetidas das trevas e transformando a sua organização psicofísica em um autêntico posto avançado da Luz Divina na Terra.

O mapeamento histórico, anatômico e funcional das dimensões espirituais e de seus canais mediúnicos desconstrói definitivamente as barreiras artificiais erguidas entre a ciência e a fé. A mediunidade, longe de figurar como uma anomalia psíquica, uma patologia mental ou um mistério teológico

intransponível, revela-se como uma belíssima e exata engenharia do Criador Supremo, destinada a demonstrar à humanidade a imortalidade da alma e a justiça soberana das leis universais.

Compreender que o perispírito arquiva as nossas escolhas e que os nossos centros de força pulsam ao compasso exato daquilo que pensamos e sentimos confere à nossa rotina terrena uma profunda gravidade moral. Não há espaço para o ocultamento: somos, a cada instante, o que plasmamos em nosso íntimo. Que a clareza dessas verdades universais funcione como um convite definitivo à nossa autotransformação e ao estudo sério, permitindo que cada um de nós converta as próprias potências da alma em canais limpos de fraternidade, erguendo com as mãos da caridade a ponte indestrutível que unirá a Terra ao Reino de Deus.

Que todos vocês sejam prósperos!

A sabedoria dos terreiros: a falange dos pretos velhos e a metafísica da resiliência¹¹

A reconstrução da memória espiritual e cultural do Brasil passa, obrigatoriamente, pelas veias abertas do período colonial e imperial, cujo sustentáculo econômico e social assentou-se sobre o regime da escravidão. Sob o açoite do feitor e os grilhões da senzala, milhões de almas arrancadas do solo africano verteram lágrimas e sangue, reescrevendo sua história nas terras de Santa Cruz. Contudo, longe de se resumir a um relato crônico de opressão e aniquilamento, a resposta do plano espiritual a essa tragédia coletiva materializou-se em um dos mais belos e complexos fenômenos de sublimação moral e arquétipo terapêutico conhecidos: a falange dos Pretos e Pretas Velhas.

Dentro do ecossistema das religiões de matriz africana, especialmente na Umbanda, e em diversas frentes de assistência fraterna do plano invisível, os Pretos Velhos não representam uma única individualidade histórica delimitada por certas coordenadas biográficas. Eles constituem uma falange, ou seja, um agrupamento coletivo de Espíritos de alta envergadura evolutiva que escolheram apresentar-se sob a indumentária sutil de idosos escravizados que viveram nas senzalas do Brasil

¹¹Palestra realizada na Casa Fraterna Clara de Assis, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, em 09 de abril de 2026

Colonial e Imperial. Esse manto arquetípico funciona como um polo de atração magnética e um instrumento pedagógico de profundas proporções psicológicas.

O mistério por trás dessa manifestação reside na exata inversão do orgulho humano. Enquanto a mentalidade mundana superestima a juventude, a beleza transitória, os títulos acadêmicos e o poder temporal, as forças espirituais do bem elegem a figura do ancião descalço, curvado pelo peso do trabalho braçal, para personificar o arquétipo do Ancião Sábio. Trata-se de uma inteligência que, apesar de ter sido submetida à violência avassaladora do regime escravocrata, conseguiu realizar a alquimia moral definitiva: converteu a dor em mansidão, o sofrimento em sabedoria profunda e o cativeiro material em absoluta libertação espiritual. Eles representam a ancestralidade, a resiliência psicossocial e a capacidade soberana de perdoar e aconselhar sem guardar resquícios de ódio ou desejo de vingança em face de seus antigos algozes.

A gênese histórica e simbólica

Para se apreender a totalidade do significado dessas entidades, faz-se indispensável traçar a linha de conexão com a história factual. Os Espíritos que integram essa corrente remontam aos contingentes humanos deportados das regiões de Angola, Congo, Moçambique e Guiné. Sob as condições desumanas dos navios negreiros e das fazendas de cana-de-açúcar e café, a taxa de mortalidade era assustadora; a maioria dos escravizados sucumbia precocemente devido aos maus-

tratos crônicos, à desnutrição e ao banzo (a depressão profunda decorrente da saudade da pátria e da perda da liberdade).

Aqueles raros indivíduos que logravam alcançar a velhice física convertiam-se automaticamente em pilares vivos de resistência e pilares civilizatórios dentro das comunidades das senzalas. Desprovidos de direitos legais, tornavam-se guardiões supremos do conhecimento oral ancestral: guardavam os segredos medicinais das ervas, a técnica dos partos, as rezas de proteção e a cosmologia teológica africana, sincretizada posteriormente com o catolicismo popular e as tradições indígenas locais. Eram os conselheiros dos mais jovens, os mediadores de conflitos internos e os curadores do corpo e do espírito.

No plano espiritual, a fixação desse arquétipo reveste-se de utilidade magnética. Ao se apresentarem como velhos cativos, essas entidades quebram imediatamente as barreiras do orgulho e da vaidade dos consulentes que buscam o seu auxílio. Um indivíduo intoxicado pela vaidade mundana vê-se forçado a sentar-se aos pés de um Espírito que assume a forma de um humilde escravizado para ouvir lições de humildade. Ademais, essa roupagem fluídica confere-lhes uma maleabilidade energética ímpar para atuar nas camadas mais densas da atmosfera terrestre, agindo como eficientes amortecedores de fluidos pesados.

Características da manifestação e instrumentos de trabalho

A fenomenologia da incorporação dos Pretos Velhos é marcada por uma semiótica corporal e linguística altamente codificada, destinada a expressar o peso da idade, do trabalho físico exaustivo e a serenidade da alma que superou o tempo.

Ao se manifestarem por meio do aparelho mediúnico, essas entidades modificam drasticamente a postura do sensitivo. O corpo curva-se, mimetizando a coluna gasta pelos anos de cativo; as mãos adotam posições de repouso ou bênção, e o caminhar torna-se lento, arrastado. A linguagem falada afasta-se da norma culta contemporânea, recorrendo a uma fala cadenciada, mansa, muitas vezes pontuada por dialetos arcaicos que mesclam o português estrutural a termos e fonemas de origem banta e iorubá. O uso de termos carinhosos como "meu filho", "minha filha", "fio" e "fia" cria um ambiente de acolhimento maternal ou paternal, estabelecendo um canal de confiança psíquica imediata com o necessitado.

Longe de serem meros adereços cênicos ou folclóricos, os elementos utilizados pelos Pretos Velhos durante as consultas funcionam como autênticos instrumentos de física quântica e magnetismo aplicado ao plano fluídico, destinados a desintegrar miasmas espirituais e reequilibrar os centros de força (chacras) dos consulentes.

Cada baforada do cachimbo de um Preto Velho não é fumo comum; é a exteriorização de fluidos ectoplasmáticos animalizados combinados com as propriedades sutis do tabaco, atuando como um elemento defumador direto sobre a aura do

assistido, desfazendo larvas mentais e quebrando cordões magnéticos obsessivos de natureza inferior.

Analisemos a função técnica de cada uma dessas ferramentas essenciais:

O Cachimbo e o Fumo: O tabaco é uma planta sagrada em diversas tradições antigas. Quando queimado com finalidade ritualística e terapêutica por um espírito iluminado, ele libera fluidos que atuam na quebra de energias densas, funcionando como um elemento desinfetante da aura humana.

O café: servido frequentemente em xícaras de barro ou coité, o café atua como um poderoso condensador energético, utilizado tanto para desintoxicar o sistema nervoso periférico do médium quanto para oferecer ao consulente um elemento de fixação magnética e revitalização fluídica.

As ervas e o galho de Arruda ou Guiné: utilizados no ato do benzimento ritual. O Preto Velho manipula o vegetal vivo para absorver as energias deletérias do paciente. À medida que o galho é passado sobre o corpo sutil do consulente, a planta murcha devido à transferência osmótica de fluidos pesados, operando uma verdadeira cirurgia energética de desobsessão primária.

O Rosário: As contas do rosário de lágrimas-de-nossa-senhora ou de madeira servem como um instrumento de contagem vibratória e fixação da mente na prece sincera, sintonizando as energias com as correntes de Maria Santíssima e de toda a egrégora cristã.

A geografia das linhas — nomes e sinalizações de origem

A falange dos Pretos Velhos subdivide-se em subgrupos estruturados a partir dos chamados "sobrenomes" ou designações de origem, que indicam diretamente a procedência geográfica, a raiz cultural africana ou a linha de atuação magnética em que essas almas se especializaram durante o seu processo evolutivo. Essa nomenclatura funciona como uma chave de identificação vibratória nos terreiros e nos postos de atendimento invisível.

Designação (Sobrenome)	Origem Geográfica / Cultural na África	Características Vibratórias e Atuação Espiritual
Congo (ex: Pai Congo)	Região do Rio Congo, África Central (Tronco Banto).	Espíritos de postura mais firme, dinâmicos e expansivos. Especialistas na quebra de magias densas, desobsessões pesadas e limpeza de ambientes carregados.
Aruanda (ex: Pai Francisco de Aruanda)	Aruanda é a transliteração de Luanda (Angola), significando no plano místico a colônia espiritual de luz e paz.	Entidades de alta envergadura filosófica. Focam suas consultas no esclarecimento íntimo, na reforma moral do indivíduo e no consolo das dores existenciais profundas.
Guiné (ex: Vovó Maria de Guiné)	Região da Guiné, Costa Ocidental Africana.	Profundos conhecedores da fitoterapia oculta, do segredo das matas, raízes e cascas. Atuam fortemente

Designação (Sobrenome)	Origem Geográfica / Cultural na África	Características Vibratórias e Atuação Espiritual
		na cura de enfermidades físicas e perispirituais por meio das ervas.
Angola (ex: Pai Bastião de Angola)	Região de Angola, forte influência Banta tradicional.	Guardiões das tradições mais antigas da ancestralidade e dos benzimentos tradicionais. Atuam na pacificação de lares em conflito e no fortalecimento dos laços familiares.
Moçambique (ex: Pai Joaquim de Moçambique)	Costa Oriental da África (Moçambique).	Espíritos caracterizados por uma profunda humildade e paciência extrema. Especializados no amparo a almas sofredoras no além-túmulo e no alívio de traumas severos.
Mina (ex: Pai João da Costa de Mina)	São Jorge da Mina, atual Gana (Costa do Ouro).	Linha marcada por grande poder de transmutação mental. Especialistas em equilibrar mentes obsediadas e desarticular correntes de pensamentos autodestrutivos.

O estudo de caso de Vovó Cambinda — a curadora da alma

Para compreendermos a aplicação prática e individualizada dessa colossal força de socorro, faz-se oportuno

analisar em minúcias a trajetória e o perfil de uma das mais respeitadas e amadas entidades dessa falange: Vovó Cambinda (ou Cabinda).

O nome "Cambinda" constitui uma referência geopolítica e cultural direta a Cabinda, um enclave territorial de Angola, na África Central. Essa chancela insere a entidade de forma inequívoca dentro da herança cultural do Tronco Banto. Trata-se de uma tradição espiritual caracterizada pela conexão telúrica com a energia da terra, o culto aos ancestrais, o manejo místico e farmacológico das plantas e a prática ininterrupta de benzimentos e rituais de cura transmutadora.

Embora sua raiz espiritual repouse em Cabinda, os relatos mediúnicos e as memórias transmitidas por meio da psicografia localizam sua atuação terrena em duas principais regiões do território brasileiro durante o período da escravidão:

A Região Nordeste (Pernambuco e Alagoas): diversas correntes apontam sua atuação nos grandes engenhos de açúcar da Zona da Mata nordestina. Sob a rigidez desse ecossistema latifundiário, ela se destacou como a figura central de acolhimento na senzala, operando milagres de sobrevivência e manutenção da dignidade psíquica de seus irmãos de cor.

A Região Sudeste (Rio de Janeiro e Minas Gerais): Outras correntes espirituais a descrevem como uma escravizada idosa que viveu nas pródigas fazendas de café do Vale do Paraíba. Nessas narrativas biográficas espirituais, Vovó Cambinda exerceu o papel de "Mãe de Leite" e curandeira oficial da propriedade. Sua sabedoria era tamanha que transcendia as barreiras sociais da época: era respeitada e temida tanto na senzala quanto na casa-grande, onde os próprios senhores e

sinhás recorriam secretamente aos seus dons de cura quando a medicina acadêmica da época falhava rotundamente.

A ação espiritual de Vovó Cambinda desdobra-se em duas grandes vertentes terapêuticas complementares:

A Conselheira Sábua: suas consultas são marcadas por uma profunda acuidade psicológica. Ela não busca o adivinhamento fútil de futuros lineares, mas sim a reestruturação moral do consulente. Utiliza-se de parábolas simples, metáforas rurais e histórias da época do cativo para transmitir lições monumentais de paciência, resiliência ativa e fé raciocinada. Vovó Cambinda ensina a urgência de olharmos para o passado com profunda gratidão — extraindo dele o aprendizado purificador — e para o futuro com esperança, agindo no presente sempre sob as balizas da retidão e do amor incondicional.

A Curadora da Alma e do Corpo: além de receitar remédios caseiros baseados em chás, banhos de assento e compressas de ervas para o corpo físico, Vovó Cambinda trabalha na cicatrização das chagas emocionais humanas. Ela é uma especialista em tratar as dores invisíveis: o luto crônico, a depressão profunda, a angústia existencial e o remorso que corrói o perispírito. Através de seu passe magnético suave e de suas preces intercessoras, ela consegue penetrar nas camadas mais profundas da mente do assistido, arrancando as ervas daninhas da amargura e plantando as sementes da autoaceitação e da paz interior.

Os quatro pilares filosóficos e éticos dos pretos velhos

A atuação dos Pretos Velhos leva à humanidade uma profunda escola de filosofia moral prática, que pode ser sintetizada em quatro grandes pilares éticos fundamentais para a evolução da alma humana:

A Resiliência Ativa frente às Provações: Os Pretos Velhos ensinam que o sofrimento não deve ser encarado como uma punição divina absurda, mas sim como uma oficina mecânica de purificação e polimento da alma imortal. Eles exemplificam que é possível manter a integridade moral e a dignidade do espírito mesmo quando o corpo físico encontra-se submetido às piores condições de opressão material. A verdadeira liberdade é interior.

A Humildade Desarmante: Ao abdicarem de aparências gloriosas ou formas radiantes para se apresentarem sob a roupagem de escravizados humildes, essas entidades dão um golpe mortal no orgulho, no preconceito racial, social e acadêmico da humanidade. Eles provam que a verdadeira sabedoria e a autoridade espiritual não necessitam de ouros, tronos ou palácios, sustentando-se única e exclusivamente na força do amor e do serviço gratuito ao próximo.

O perdão como libertação definitiva: a falange dos Pretos Velhos é o maior testemunho vivo da eficácia do perdão evangélico. Eles convivem no plano espiritual, amparando, intuindo e curando os descendentes — e muitas vezes as próprias reencarnações — de seus antigos senhores e feitores. Eles demonstram na prática que guardar rancor ou cultivar o desejo de vingança equivale a manter-se voluntariamente

amarrado ao tronco do sofrimento, e que o perdão sincero é a única chave capaz de abrir as algemas da alma para a eternidade.

A Caridade Incondicional e Gratuita: Seguindo o preceito máximo do Cristo, os Pretos Velhos trabalham incessantemente sem cobrar absolutamente nada, recusando quaisquer oferendas materiais de luxo ou interesses comerciais. Sua única recompensa é testemunhar o despertar espiritual do ser humano, a pacificação dos corações aflitos e a regeneração moral da sociedade terrena.

O estudo aprofundado da falange dos Pretos e Pretas Velhas desvela uma extraordinária convergência com as leis da Doutrina Espírita e os ensinamentos eternos do Evangelho de Jesus. Longe de representarem uma contradição doutrinária, essas entidades enriquecem o panorama do amparo multidimensional, provando que o amor divino utiliza todas as linguagens, arquétipos e roupagens culturais para conseguir alcançar e consolar o coração dos filhos da Terra.

Compreender a profundidade científica de suas baforadas fluídicas, a precisão geográfica de suas linhas e o exemplo moral de figuras luminares como Vovó Cambinda convida o ser humano a uma profunda revisão de seus valores íntimos. Que possamos, diante da grandiosa lição desses anciãos sagrados do invisível, desatar as algemas do nosso próprio orgulho, egoísmo e preconceito, aprendendo com esses mestres da alma a arte de caminhar devagar, de olhar para o próximo com profunda empatia e de transformar cada dor de nossa jornada na mais pura sabedoria rumo à Luz Divina.

O mistério da matéria consagrada: o Corpus Christi sob a ótica do diálogo inter-religioso¹²

A festividade de Corpus Christi constitui uma das expressões mais profundas, visuais e místicas da tradição litúrgica católica romana. Ao centralizar a adoração na presença real de Jesus Cristo no sacramento da Eucaristia, a celebração projeta para o espaço público a afirmação de um dos dogmas mais complexos da teologia ocidental: a transubstanciação. Longe de ser apenas um rito de devoção interna, o feriado e as suas manifestações estéticas cruzam fronteiras socioculturais, provocando reflexões, distanciamentos teológicos e convergências éticas em diversas outras matrizes de fé.

Propomos fazer uma análise comparativa e dialógica sobre o significado de Corpus Christi a partir da perspectiva de diferentes tradições religiosas. Investigam-se as suas origens históricas medievais, os mecanismos litúrgicos de cálculo da sua data e a rica antropologia cultural dos tapetes de rua, contrapondo esta egrégora com as leituras do Protestantismo, Espiritismo, Umbanda, Budismo, Islamismo e Judaísmo.

¹²Palestra realizada na Casa Fraterna Clara de Assis, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, em 14 de maio de 2026

Gênese e estrutura da celebração no catolicismo romano.

O nome Corpus Christi deriva diretamente do latim, significando literalmente "Corpo de Cristo". A instituição oficial do festejo remonta ao século XIII, promulgada pelo Papa Urbano IV no ano de 1264. O desenvolvimento deste rito esteve profundamente alicerçado em dois eventos de forte apelo místico e devocional:

As Visões de Santa Juliana: Juliana de Cornillon, uma freira belga, relatou visões místicas que interpretou como um sinal divino de que a Igreja necessitava de uma data litúrgica específica e exclusiva para honrar o mistério eucarístico.

O Milagre de Bolsena: Em 1263, na localidade de Bolsena (Itália), um sacerdote que enfrentava graves crises de fé quanto à presença real de Cristo no sacramento testemunhou, durante a consagração, a hóstia verter sangue real sobre o corporal (o pano do altar). Este acontecimento funcionou como o catalisador institucional definitivo para a bula papal de Urbano IV.

A base teológica da festa assenta no princípio da transubstanciação. Segundo a doutrina católica, no momento da consagração da missa, ocorre uma mudança da substância do pão (a hóstia) e do vinho na essência real do corpo e do sangue de Jesus Cristo, mantendo-se inalterados apenas os acidentes físicos (aparência, sabor e textura). Não se trata, portanto, de uma mera representação simbólica, mas da presença viva e substancial da divindade na matéria.

Diferente das celebrações com data fixa no calendário civil, a definição do dia de Corpus Christi obedece a um complexo cálculo lunar atrelado à Páscoa. A regra litúrgica dita que a celebração deve ocorrer rigorosamente na primeira quinta-feira após o domingo da Santíssima Trindade. Como regra prática e matemática, o evento dá-se exatamente 60 dias após o Domingo de Páscoa.

Em nações como o Brasil e Portugal, a manifestação mais marcante da data é a confecção dos tapetes de rua. Comunidades inteiras reúnem-se nas madrugadas anteriores para ornar as vias públicas com complexas imagens sacras, utilizando materiais como sal colorido, serragem, borra de café, flores e grãos.

Essa prática transcende a mera decoração urbana: possui um significado teológico vertical. As ruas são preparadas como um palácio ao ar livre porque o ostensório — o objeto sagrado que guarda a hóstia consagrada — sairá em procissão para abençoar a cidade. Para os fiéis, o próprio Cristo caminha pelas vias humanas, justificando a entrega e a efemeridade daquela arte que será consumida pela passagem do cortejo.

As leituras teológicas de outras matrizes religiosas

O Protestantismo, historicamente fundamentado na Reforma do século XVI por figuras como Martinho Lutero e João Calvino, posiciona-se com um nítido distanciamento teológico desta festa. Embora partilhem a fé cristológica e trinitária, os protestantes rejeitam os dogmas centrais de Corpus Christi com base no princípio da *Sola Scriptura*.

A rejeição da transubstanciação: a eucaristia (denominada Santa Ceia ou Ceia do Senhor) é compreendida majoritariamente como um memorial. A frase de Jesus "Fazei isto em memória de mim" é interpretada como um ato de gratidão pelo sacrifício histórico da cruz, e não como uma renovação física dele.

Divergências Internas: Enquanto Lutero propôs a consubstanciação (a presença do corpo junto ao pão, que permanece pão) e Calvino defendeu uma presença puramente espiritual, nenhuma ala protestante aceita a transformação material da hóstia.

Crítica à Adoração e Procissões: A adoração pública do ostensório é interpretada como carente de amparo bíblico. Argumenta-se que Cristo, ressuscitado, está assentado à direita do Pai de forma espiritual; portanto, o verdadeiro "Corpo de Cristo" na Terra localiza-se na comunidade de fiéis e no coração dos crentes, transformados em templos vivos do Espírito Santo. No cotidiano, a data é respeitada como feriado civil e oportunidade para retiros e congressos eclesiais.

O espiritismo: perspectiva fluídica e racional.

Sob a lente da codificação de Allan Kardec, o Espiritismo desconstrói o "dogma da carne" presente na festividade. A Doutrina Espírita prescinde inteiramente de sacramentos, altares físicos ou rituais externos.

Conforme exposto em A Gênese, a afirmação "este é o meu corpo" proferida na Última Ceia é interpretada de forma metafórica e poética. Para os espíritas, o corpo e o sangue do

Cristo simbolizam o seu legado moral e os seus ensinamentos. Comungar resume-se a absorver e praticar as lições de caridade do Governador Espiritual da Terra.

O Espiritismo reinterpreta o Milagre de Bolsena preconizando que não existem milagres que derroguem as leis naturais criadas por Deus. Fenômenos como o sangramento da hóstia são analisados cientificamente através da mediunidade de efeitos físicos ou da ideoplastia (modelação temporária da matéria pela ação fluídica dos espíritos).

A Umbanda: o sincretismo e o corpo de luz

Sendo uma religião genuinamente brasileira, edificada sob um complexo sincretismo com o Catolicismo e as matrizes africanas e indígenas, a Umbanda confere a esta data um significado muito peculiar focado na energia de Oxalá.

Jesus como Oxalá: na cosmologia umbandista, Jesus Cristo é sincretizado com Oxalá, o Orixá maior da paz, da pureza e da criação divina. Enquanto a Igreja Católica celebra a substância física do sacrifício na hóstia, a Umbanda celebra o "Corpo de Luz" e as emanações espirituais de Oxalá.

O Trabalho de Terreiro: O feriado nacional é aproveitado para a realização de giras de cura, sessões de passes e desobsessão. Acredita-se que, devido ao fato de milhões de pessoas estarem sintonizadas em sentimentos religiosos, a atmosfera fluídica do planeta fica mais receptiva, permitindo que Caboclos, Pretos Velhos e Baianos realizem profundas limpezas fluídicas na assistência. Os tapetes de rua são vistos

como uma belíssima oferenda cultural feita de elementos da natureza (sal, sementes, plantas) movida pela fé genuína.

As perspectivas não cristãs e as tradições orientais.

O budismo: a impermanência e a natureza buda

O Budismo analisa o Corpus Christi a partir de uma perspectiva estritamente externa e filosófica, marcada pela fraternidade, visto tratar-se de uma via não teísta que carece das noções de salvador, pecado original ou sacramentos materiais.

Jesus como Bodhisattva: Dentro da tradição Mahayana, Jesus é reverenciado como um Bodhisattva — um ser de altíssima evolução que escolheu encarnar no plano terreno motivado por compaixão infinita para aliviar o sofrimento das criaturas e ensinar o desapego e o amor.

O conceito cristão de trazer Deus para dentro de si através da comunhão é associado à busca budista pelo despertar da Natureza Buda latente em cada indivíduo. Adicionalmente, existe um impressionante paralelo antropológico entre os Tapetes de Sal de Corpus Christi e as Mandalas de Areia do Budismo Tibetano:

Dimensão de Análise	Tradição Católica (Corpus Christi)	Tradição Budista (Mandalas de Areia)
Execução	Comunidades desenham com sal e serragem nas vias públicas.	Monges concentram-se por dias aplicando areia colorida nos templos.
Destino da Obra	Destruída pela passagem do cortejo do ostensório.	Ritualisticamente desmanchada assim que é concluída.
Foco Filosófico	Devoção, entrega e desapego material.	Meditação e internalização da lei da Impermanência (Anicca).

O Islamismo: a unicidade de Allah e a reverência a Issa

A teologia islâmica estabelece balizas muito claras de respeito e discordância dogmática em relação a esta efeméride. O Islã estrutura-se rigidamente sobre o conceito de Tawhid — a unicidade absoluta e indivisível de Deus (Allah).

Ao contrário do senso comum ocidental, Jesus é uma figura central e altamente honrada no Alcorão, sendo considerado um dos maiores profetas e mensageiros de Deus, nascido da virgem Maria (Miriam).

O Islã rejeita categoricamente que Jesus seja o "Filho de Deus" ou a encarnação do Criador na matéria ("Deus não gera e não foi gerado"). Consequentemente, a adoração da hóstia como o corpo literal de Deus é interpretada como um desvio da mensagem original de Issa, que pregava o monoteísmo radical. No entanto, em termos de convivência social, o muçulmano encara a data como uma expressão legítima da liberdade de crença de seus vizinhos cristãos, mantendo a sua rotina de preces sem interferências.

O Judaísmo: monoteísmo radical e raízes no Pessach

Como religião matriz do monoteísmo abraâmico, o Judaísmo mantém um total distanciamento teológico de Corpus Christi. Pautada diariamente pelo Shemá Israel ("O Eterno é nosso Deus, o Eterno é Um"), a fé judaica rejeita categoricamente a ideia de um Deus corpóreo, infinito e limitado por carne ou matéria consagrada. Historicamente, Jesus é visto como um pregador e sábio judeu (Rabi) do período do Segundo Templo, que não realizou as profecias messiânicas clássicas.

Contudo, subsiste um elo histórico-estrutural entre a Eucaristia católica e o Judaísmo:

O Sêder de Pessach: A Última Ceia de Jesus, onde se instituiu o sacramento católico, foi tipicamente um Sêder de Pessach — a ceia pascal judaica que celebra a libertação histórica da escravidão no Egito.

Transmutação de Símbolos: O catolicismo ressignificou estes elementos antigos. A Matzá (o pão ázimo, sem fermento, que recorda a pressa na fuga do Egito) transformou-se na Hóstia (feita apenas de farinha e água). O Vinho de Pessach (os quatro cálices da janta que celebram a redenção divina) deu lugar ao Cálice de Vinho da Nova Aliança cristã.

A análise de Corpus Christi sob o prisma do diálogo inter-religioso revela que os maiores pontos de clivagem entre as crenças residem nos aspectos puramente dogmáticos e litúrgicos da fé. Contudo, ao deslocar o olhar da dogmática para a dimensão ética e antropológica, emerge uma profunda convergência: o reconhecimento da figura de Jesus Cristo como

um vetor universal de amor, paz e caridade, aliado à beleza comunitária de uma humanidade que, independentemente da matéria ou do símbolo que utiliza, converge os seus melhores sentimentos e esforços na busca constante pelo Sagrado.

A saga dos exilados de Capela e a transição planetária da Terra¹³

A interrogação sobre a origem dos seres humanos no planeta Terra tem mobilizado filósofos, cientistas e espiritualistas ao longo dos milênios. Remontando à Antiguidade Clássica, Platão (428 a.C. – 347 a.C.) já intuía verdades profundas sobre a condição humana. Através da célebre Alegoria da Caverna, o filósofo grego ilustrava como a humanidade se encontra limitada pelas aparências do mundo material, enxergando apenas sombras da realidade. A ascendência de Platão, ligada a seu pai Ariston, também é parte das investigações históricas e místicas acerca dos grandes luminares que aportaram na Terra.

Entre as tradições e relatos que buscam explicar a ancestralidade terrestre e o desenvolvimento das civilizações, destaca-se a lembrança da mítica cidade de Atlântida. Contudo, a compreensão definitiva e espiritual deste processo só é alcançada quando adentramos o estudo sobre Os Exilados de Capela. Esta narrativa foi profundamente elucidada na literatura espírita, inicialmente em *A Caminho da Luz*, ditado pelo espírito Emmanuel ao médium Francisco Cândido Xavier em 1939, e posteriormente aprofundada por Edgard Armond em sua obra homônima publicada em 1987.

¹³Palestra realizada na Casa Fraterna Clara de Assis, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, em 19 de maio de 2026

O Planeta Capela e a Involução Moral de seu Povo

Situado na Constelação do Cocheiro, a cerca de 45 anos-luz da Terra, o planeta Capela constitui um orbe de grande beleza e evolução. O sistema de Capela inclui diversas estrelas e nebulosas, como Menkalinan, Almaaz, Hassaleh, entre outros pontos estelares.

Milhares de anos atrás, segundo as lições de Emmanuel, Capela passou por um grandioso processo de transformação evolutiva e moral, transitando de um mundo de provas e expiações para um período de regeneração. No entanto, a trajetória desse povo esbarrou em um obstáculo comum a muitas civilizações em ascensão tecnológica: o seu alto estágio científico não foi acompanhado pelo respectivo desenvolvimento moral.

As descobertas científicas que deveriam servir para erradicar a fome e melhorar as condições de vida dos capelinos acabaram se perdendo num universo de disputas e tirania. O que se visava era exclusivamente o enriquecimento e a luta encarniçada pelo poder. Um exemplo trágico dessa derrocada moral ocorreu no campo da saúde: pesquisas avançadas sobre a indústria de remédios resultaram na instauração proposital de novas doenças, desenvolvidas a partir da manipulação genética de animais. Tais patógenos foram soltos no planeta para infectar a população e, conseqüentemente, criar a necessidade de produção e venda de remédios para combatê-las.

As doenças passaram a ser cada vez mais difundidas, e a expectativa de erradicação foi abandonada. Sempre que uma enfermidade perdia sua eficácia mercadológica, uma nova era foi introduzida entre os habitantes, acompanhada de seus

respectivos medicamentos. A ganância cegou de tal modo os detentores do poder que, quanto mais obtinham, mais o desejavam, estabelecendo um círculo vicioso destrutivo. Na prática, as lideranças começaram a se atacar como feras famintas. O enlouquecimento tomou conta dos dirigentes, que se devoraram uns aos outros, a despeito dos imensos custos sociais e do sofrimento gerado.

A ciência, em vez de atuar como ferramenta de libertação, transformou-se em máquina de pânico e morte. Concretizou-se um universo de pessoas fúteis e indiferentes umas às outras, disseminando o ódio por todo o orbe. Paralelamente, a vaidade estética atingiu níveis extremos: as inovações aceleravam-se na tentativa de redefinir os padrões de beleza, e o envelhecimento — um processo natural da existência — passou a ser combatido e propagandeado como sinônimo de fracasso e feiura. Com os conflitos tomando proporções alarmantes, o próprio caminho evolutivo daquele povo começou a ser seriamente afetado. A ganância cresceu a ponto de os centros mais ricos atacarem os mais pobres, ignorando completamente a dor alheia. A corrida armamentista alastrou-se, e quanto mais forte militarmente um grupo, mais utilizava seu poder para subjugar os mais fracos.

A decisão pelo exílio e a justiça divina.

Diante do caos instaurado, a espiritualidade maior, comandada pelo Cristo (Jesus), percebeu que Capela vivia um conflito moral insolúvel no momento daquela transição. Emmanuel relata que existiam em Capela milhões de espíritos

que não se alinhavam com os princípios do bem e da fraternidade.

À luz dos princípios da Justiça Divina — que se baseiam na misericórdia infinita e na oportunidade de redenção sem limites —, os governantes espirituais do orbe decidiram pelo exílio desses espíritos corrompidos moralmente. A diretriz foi localizar essas almas rebeldes e encaminhá-las para um mundo em estágio mais atrasado, o planeta Terra, onde poderiam reiniciar sua jornada evolutiva e resgatar seus débitos.

Como manifestação de amor, fé e esperança nesses povos, Jesus prometeu que encarnaria entre eles no futuro terreno. As dificuldades que se apresentariam seriam o cadinho necessário para que todos se regenerassem. O Cristo os abençoou, envolveu-os em sua misericórdia e caridade, garantindo que estaria sempre ao lado deles para auxiliá-los nas provas que estavam por vir.

Dessa forma, os exilados de Capela — compreendidos por muitos como os "anjos caídos" referidos nas escrituras — migraram para a Terra, um planeta material e espiritualmente atrasado em comparação ao seu mundo natal. Eles encarnariam de forma gradativa entre as raças terrícolas primitivas, renunciando à glória de viver num mundo mais avançado para abraçar a dor da expiação.

A recepção na Terra e a formação da Raça Adâmica.

Ao chegarem nas imediações da Terra, os exilados foram recebidos em uma colônia espiritual, onde se prepararam para iniciar a nova jornada como integrantes da chamada Raça

Adâmica. Os primeiros exilados a reencarnar foram os mais atrasados moralmente. Eles desceram ao plano físico terrícola em estágios primitivos — associados ao Homo Eretos (que surgiu há cerca de 1,8 milhão de anos) e posteriormente ao Homo sapiens (há cerca de 195.000 a.C.).

Essa imigração exigiu alterações genéticas que permitiram aos corpos deixar formas mais rústicas e assumir a compleição física do Homo sapiens. O planeta precisava desenvolver condições materiais e espirituais para abrigar essa complexa experiência biológica e anímica. A partir desse reordenamento, espíritos oriundos de diferentes recantos e dimensões do universo passaram a encarnar na Terra.

A humanidade atual é, portanto, uma grande mistura de consciências. A Raça Adâmica, representando os espíritos exilados de Capela, constitui o grupo de almas que, apesar de caídas, detinham um cabedal intelectual e espiritual muito superior ao dos nativos da Terra. Segundo Emmanuel, a presença desses exilados permitiu que os habitantes primitivos evoluíssem de forma mais rápida, servindo também para que os próprios capelinos recuperassem suas faltas passadas por meio do trabalho e do serviço ao próximo.

Os Capelinos e a Formação das Etnias Terrestres

A base da formação das grandes etnias e civilizações da Terra contou com a participação direta desses espíritos exilados, que se subdividiram em diferentes grupos migratórios.

Os Povos Africanos (Os Primeiros Habitantes)

Os povos africanos constituíram a base inicial para a formação das etnias terrestres. Organizados em nações de tribos, foram os primeiros habitantes do planeta a receber o influxo mais organizado dessa migração. Seus ensinamentos transmitiram-se através da vida em harmonia com os recursos naturais e os princípios do pacifismo.

Os Asiáticos

Os povos asiáticos trouxeram para o solo terrestre os princípios da paz e da humildade — a mentalidade mansa que mais tarde Jesus destacaria em suas Bem-Aventuranças. Contudo, traziam consigo a característica limitante do isolamento perante as outras culturas. Essa civilização milenar, ao se fechar para o intercâmbio com os demais povos, acabou resvalando nos princípios do egoísmo.

Os Hindus

Os hindus representavam o povo mais espiritualizado dentre os exilados de Capela. Possuíam conhecimentos profundos sobre a reencarnação, a meditação e as leis da alma. Apesar de seu elevado saber espiritual, eram extremamente vaidosos e orgulhosos. Preferiram escravizar a educar seus semelhantes, instaurando na Índia uma divisão social truculenta entre arianos (conquistadores) e párias. A marca do egoísmo e

o desejo de dominar seus semelhantes criaram barreiras que dificultaram o trabalho regenerador do Cristo.

Os Egípcios

Os egípcios formaram outra civilização formidável, cuja ciência estava muito além do período histórico em que se apresentaram. Eram um povo que possuía menos débitos em relação a outros grupos de exilados. As pirâmides e monumentos revelam seus avançados conhecimentos astronômicos e arquitetônicos. Lidavam com a morte de forma espontânea e mantinham canais de comunicação com o mundo espiritual, nutrindo uma cativante paixão pelo estudo das estrelas.

Os Hebreus

Os hebreus aportaram na Terra com os egípcios, sendo descritos como um povo crente, sofredor e necessitado. Eram profundamente fraternos entre si, mas também carregavam grande vaidade e altivez. Possuíam o maior número de débitos cármicos, revelando-se orgulhosos e exclusivistas em sua fé monoteísta. Menosprezavam os ignorantes e buscavam o paraíso, mas o queriam apenas para si mesmos. Por causa dessa dureza de coração e da necessidade de reajuste, foi que Jesus escolheu nascer exatamente entre eles. Seus livros sagrados contêm palavras repletas de simbologias, cujas parábolas permitiam penetrar no pensamento profundo daquela gente.

Os Arianos

Os arianos foram o grupo que saiu de Capela sem rumo e destino definidos. Tornaram-se os grandes responsáveis pela estruturação das nações europeias. Eram espíritos profundamente revoltados com a condição de exilados. Alimentavam a soberba de imaginar que construiriam um novo paraíso na Terra, sentindo-se superiores quanto ao seu próprio destino.

Foram eles que criaram o conceito de propriedade privada e inauguraram no planeta as guerras mais violentas. Apesar de sua violência e revolta, conseguiam se confraternizar com os povos nativos e selvagens, ainda que o fizessem com o único intuito de dominá-los. Possuíam um coração frio e insensível, recusando-se a vivenciar sentimentos mais nobres para evitar sofrer. Sabiam instintivamente que, se uma brecha de luz penetrasse em seus corações, uma nuvem de angústia invadiria suas almas endurecidas. A revolta ariana era tamanha que, por vezes, pareciam desejar guerrear contra o próprio Criador. Por reconhecerem essa dureza, Jesus sempre designou missionários específicos para amparar a estirpe ariana, pois este povo necessita ser tocado pelo amor e pela brandura. Eles naturalizaram a guerra e instauraram um regime de orgulho e vaidade de tal proporção que torna uma tarefa árdua tocar-lhes o íntimo.

A Codificação do Espiritismo e o Consolador Prometido

Com o avanço dos séculos e a aproximação do final do ciclo de provas e expiações, a espiritualidade intensificou o envio de missionários e consoladores. Ao longo da história, sempre ocorreram manifestações dos espíritos, preparando o terreno para a humanidade. No entanto, foi no século XIX que se consolidou o marco definitivo dessa revelação: a Codificação do Espiritismo.

Tendo à frente o educador francês Allan Kardec (pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, 1804–1869), a Doutrina Espírita estabeleceu a ponte entre a religião e a ciência. Através do método científico de observação, análise e ponderação, o Espiritismo buscou a explicação racional para os fenômenos universais expressos na encarnação e reencarnação.

O objetivo central dos princípios espíritas é formar o ser humano para a prática do bem e da caridade. Toda essa estrutura doutrinária e moral foi disponibilizada com um propósito urgente: evitar que a Terra fosse pelo mesmo caminho de autodestruição percorrido por Capela no passado.

Os Tipos de Mundos e a Transição Planetária

Para compreender o momento atual da Terra, é fundamental revisarmos a classificação dos orbes na escala evolutiva:

Mundo Primitivo: destinado às primeiras manifestações da vida inteligente e ao aprendizado elementar.

Mundo de Provas e Expições: Estágio em que a dor e o sofrimento predominam como ferramentas de aprendizado e reajuste (fase iniciada na Terra justamente com a chegada dos exilados de Capela).

Mundo de Regeneração: Onde o bem e a fraternidade passam a prevalecer gradualmente sobre as imperfeições.

Mundos Ditosos ou Felizes: Onde a prática do bem é a tônica natural da vida.

Mundos Celestes ou Divinos: Moradas de espíritos purificados e elevados à condição de anjos ou puros.

Atualmente, a Terra encontra-se em pleno processo de Transição Planetária. Passa da condição de mundo de provas e expiações para a categoria de mundo de regeneração, o que implica uma evolução profunda de ordem moral e espiritual.

Este processo envolve a necessidade urgente de que a humanidade reavalie e modifique seus valores, comportamentos e normas de conduta, buscando o aprimoramento individual para conseguir acompanhar a nova vibração do planeta. O final do ciclo de provas e expiações é projetado por alguns estudiosos para meados de 2060. Contudo, para fazer jus a essa nova era, é imprescindível que caminhemos ativamente para erradicar a fome e as guerras, e passemos a respeitar profundamente o meio ambiente, entre tantas outras ações humanitárias.

Como reflexo dessa jornada de dores, traumas e reajustes, a caminhada humana assemelha-se ao arquétipo de Quirom. — o centauro da mitologia que representa a área de dor e vulnerabilidade no ser, mas que também encerra o

potencial alquímico de transformar a ferida em sabedoria e profunda empatia.

A verdadeira cura para a humanidade encontra-se no autoconhecimento e na reforma íntima. A superação das nossas mazelas históricas — herdadas desde os tempos imemoriais de Capela e buriladas ao longo de milênios de história terrena — exige o confronto direto com nossas sombras, transformando nossas dores morais em dons de amor e regeneração para o próximo. O futuro da Terra como mundo regenerado depende, portanto, do esforço individual e coletivo de cada consciência na construção de uma sociedade pacífica, fraterna e iluminada.

O consolador prometido: contexto, estrutura e prática da moral evangélica¹⁴

Para se compreender a magnitude da obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, publicada originalmente na França em abril de 1864, faz-se estritamente necessário realizar um mergulho profundo na conjuntura geopolítica, social e intelectual que envolvia o continente europeu e, mais especificamente, a cidade de Paris naquela época.

O século XIX foi o palco de transformações tectônicas na organização coletiva da humanidade. O advento e a consolidação da máquina a vapor, concebida no século anterior pelas mãos do engenheiro e matemático James Watt em 1769, revolucionaram por completo a estrutura das relações sociais, os modos de produção e o ritmo cotidiano das populações. O mundo que antes se movia de maneira bucólica e agrária viu-se, repentinamente, acelerado pelo motor da industrialização e do consumo em massa.

Essa transição drástica operou um processo severo e veloz de urbanização. Se na primeira metade do século XIX cerca de 85% das pessoas ainda habitavam o meio rural, encontrando na terra o sustento e a cadência de suas existências, na segunda metade do mesmo século essa

¹⁴Palestra realizada na Casa Fraterna Clara de Assis, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, em 04 de junho de 2026

estatística inverteu-se de maneira brutal: os mesmos 85% passaram a se aglomerar nas crescentes e caóticas malhas urbanas das grandes capitais. Cidades como Paris e Londres cresceram sob o signo da fumaça das chaminés fabris e do êxodo em massa. Contudo, o inegável avanço tecnológico e material não se fez acompanhar pelo progresso ético ou pelo bem-estar social generalizado. Pelo contrário, o que se testemunhou foi uma profunda miserabilização das condições de vida das classes operárias, que se viam submetidas a jornadas de trabalho extenuantes, habitações insalubres e uma gritante ausência de perspectivas existenciais.

Esse vácuo de amparo moral e essa aridez espiritual cobraram um preço social altíssimo. Historiadores e cronistas da época registraram um crescimento radical e alarmante nos índices de autodestruição humana, manifestado expressamente pelo aumento vertiginoso do suicídio, em especial o suicídio feminino, que se tornou um reflexo doloroso do desespero silencioso que habitava os cortiços e as avenidas parisienses. Ruas francesas que outrora ostentavam o brilho da Ponte Royal sobre o Rio Sena viam-se agora inundadas pela indigência e pela exclusão social crônica.

Esse caldeirão de injustiças materiais e tensões represadas culminaria, anos mais tarde, em episódios de violenta insurreição popular e convulsão política, a exemplo do que foi a célebre Comuna de Paris em 1871, evidenciando o esgotamento de um modelo civilizatório focado exclusivamente no acúmulo material e no poder temporal.

A Conjuntura Intelectual e os Paradoxos Educacionais do Século XIX.

Paralelamente às contradições socioeconômicas, o panorama cultural e educacional do final do século XIX apresentava um cenário de profunda desigualdade global no acesso ao conhecimento básico. Apesar do florescimento de teorias científicas e correntes filosóficas de vanguarda, a grande massa da população mundial permanecia mergulhada nas sombras do analfabetismo, o que limitava a capacidade crítica e tornava os indivíduos vulneráveis à dominação intelectual e religiosa. Dados demográficos consolidados por volta do ano de 1870 ilustram com clareza esse abismo cognitivo entre as nações:

Índices globais de analfabetismo no final do século XIX (c. 1870)

- **Brasil:** 82,3% da população total encontrava-se privada do domínio da leitura e da escrita.
 - **Rússia:** 85,0% dos indivíduos permaneciam analfabetos sob o regime czarista.
 - **França:** Apresentava um índice de 31%, refletindo um relativo avanço educacional na Europa Ocidental, mas ainda com ampla margem de exclusão.
 - **Reino Unido:** Registrava 24% de analfabetismo, impulsionado pelas reformas industriais e escolares.
- Estados Unidos:** Detinham uma taxa de 20% de analfabetos em seu território

A despeito dessas limitações educacionais generalizadas na base da pirâmide social, os séculos XVIII e XIX funcionaram como um autêntico cadinho de mentes brilhantes. Grandes gênios em diferentes áreas do conhecimento encarnaram nesse período com a missão explícita de alavancar o progresso científico, econômico, cultural e pedagógico da humanidade.

A Providência Divina distribuiu em várias frentes de atuação os arquitetos do pensamento moderno. Na economia e na filosofia social, Adam Smith (1723–1790) estruturou as bases do entendimento das relações de mercado e da divisão do trabalho. Na pedagogia, Johann Heinrich Pestalozzi (1746–1827) revolucionou os métodos de ensino, defendendo que a educação deveria abraçar não apenas o intelecto, mas essencialmente o coração do educando através do amor — sendo ele, de forma notável, o mentor direto daquele que seria o codificador do Espiritismo.

Na química, Antoine Lavoisier (1746–1794) desvendou as leis de conservação da matéria, sintetizadas na máxima de que na natureza nada se cria e nada se perde, tudo se transforma, pavimentando o caminho para a compreensão da indestrutibilidade das forças vitais e espirituais. No campo das artes e da harmonia universal, Wolfgang Amadeus Mozart (1756–1791) materializou a beleza sublime através de suas composições musicais transcendentais. Mais adiante, Karl Marx (1818–1883) propôs uma revisão profunda das estruturas econômicas e das lutas de classes; Sigmund Freud (1856–1939) desbravou as profundezas do inconsciente humano; e físicos como Theodor Kaluza (1885–1954) mais tarde expandiriam as fronteiras da realidade para múltiplas dimensões espaciais. É

justamente no seio dessa efervescência de genialidade e questionamento que surge a figura de Hippolyte Léon Denizard Rivail, sob o pseudônimo de Allan Kardec (1804–1869), com a responsabilidade de unificar a ciência, a filosofia e a religião em uma síntese libertadora.

A Tradição Religiosa e os Mecanismos de Manipulação pelo Medo

Antes do advento da Doutrina Espírita, as discussões acerca das formas de religiosidade humana encontravam-se presas a dogmas rígidos e instituições eclesiásticas centralizadoras. Historicamente, a religiosidade formal ocorria quando um indivíduo, por si só ou mediante concílios fechados, criava uma religião e estabelecia unilateralmente os seus fundamentos teológicos. A maioria dessas correntes carecia de qualquer tipo de comprovação fenomênica ou base lógica racional; sustentavam-se quase que exclusivamente pela aceitação cega e impositiva dos princípios expostos à comunidade. Além disso, a vivência dessa religiosidade humana se restringia invariavelmente a locais reservados, circunscrita às paredes de uma igreja, de um templo, de uma catedral ou de uma sinagoga, segregando o sagrado do cotidiano profano.

Diante do cenário de desespero material e sofrimento existencial decorrente da industrialização selvagem, as populações fragilizadas tornavam-se presas fáceis e cativas aos ditames desses recintos sagrados. Infelizmente, as lideranças clericais nem sempre demonstravam compromisso genuíno

com a verdade espiritual ou com a libertação das almas. Em vez de consolo e esclarecimento, muitos indivíduos viram suas dores, lutos e angústias serem manipulados por estruturas hierárquicas sedentas por poder e controle temporal. O medo do desconhecido e da punição pós-morte foi sistematicamente instrumentalizado como uma fórmula psicológica de dominação coletiva. As rivalidades institucionais eram acirradas, marcadas por discursos excludentes e violentos. A imprensa da época frequentemente testemunhava essa intolerância sectária, como se observa em extratos de jornais confessionais como o *Correio Cathólico*, que em suas edições de dezembro de 1935 ainda ecoava preconceitos seculares, atacando virulentamente outras denominações cristãs e classificando as manifestações mediúnicas como "charlatanismo" operado nas sombras e favorecido pela "escuridão da noite".

O sincretismo do purgatório e a construção mitológica do inferno.

Para legitimar esse controle psicológico baseado na culpa, a teologia cristã tradicional assimilou, ao longo dos séculos, conceitos mitológicos oriundos de civilizações antigas e povos considerados bárbaros, distorcendo o ensinamento original de Jesus. Na mitologia romana e grega, as figuras de Plutão e Hades governavam o Tártaro, um abismo profundo e sombrio destinado à aplicação de penas eternas às almas que haviam cometido graves faltas na Terra. De forma análoga, os povos vikings acalentavam a crença no Valhala, uma grande morada mítica para os guerreiros caídos em combate, enquanto

os gregos celebravam a existência dos Campos Elísios — um paraíso de verdes pastagens, flores abundantes, danças e ventura incessante reservado aos espíritos benfeitores.

Ao apropriar-se dessas narrativas folclóricas, parte expressiva da teologia patrística e medieval copiou a estrutura geográfica e punitiva do Tártaro pagão, renomeando-o convenientemente como "inferno". Em contrapartida, os Campos Elísios foram adaptados e rebatizados sob a denominação de "céu". Estabeleceu-se, assim, uma cosmologia literal e ingênua que situava o céu de maneira simplista como o espaço físico que vem do alto e o inferno como a região de tormentos localizada nas entranhas subterrâneas da Terra. Esse conceito de sofrimento eterno e sem apelação foi uma ferramenta fundamental para despertar o pavor nas mentes medievais e modernas, sobrepondo uma visão de justiça puramente humana — vingativa, parcial e punitiva — à verdadeira Justiça Divina, fundamentada nas leis imutáveis de causa, efeito e reabilitação oportuna.

A figura do "diabo" foi personificada como o agente executor desse tribunal eterno. No entanto, a análise etimológica rigorosa demonstra que a palavra deriva do latim *diabolus*, com origem no grego, cujo significado real é simplesmente "acusador" ou "caluniador". O diabo, portanto, jamais existiu como uma entidade arquetípica criada para o mal, mas representa um estado de profunda degradação moral temporária do próprio espírito humano. Ele se aplica a termos como "demônio" (do vocábulo clássico *Damon*, indicando originalmente um ser de grande inteligência ou intermediário espiritual) e "Belzebu" (historicamente um ídolo das moscas

cultuado na cidade de Acaron, também conhecida como Ecom, na Filisteia, para afastar pragas no verão, e posteriormente demonizado pelos povos rivais).

Das mesas girantes à investigação metódica de Allan Kardec

Os fenômenos de emancipação da alma e manifestação espiritual não representam uma novidade do século XIX; eles sempre existiram e pontuaram toda a trajetória histórica da humanidade. Contudo, a ausência de um arcabouço filosófico e científico adequado impedia que as sociedades compreendessem a natureza real dessas manifestações. Na década de 1850, uma onda de fenômenos físicos conhecidos como as "mesas girantes e flutuantes" varreu a América e a Europa, transformando salões sociais em palcos de entretenimento e curiosidade fútil. Inicialmente, as perguntas direcionadas a esses objetos movidos por forças invisíveis restringiam-se a aspirações materiais imediatistas, tais como casamentos promissores, descoberta de tesouros ou enriquecimento rápido.

Ao ser convidado a presenciar tais eventos em Paris, o austero educador Hippolyte Léon Denizard Rivail percebeu que, por trás da aparente frivolidade das mesas que flutuavam e batiam no chão, ocultava-se uma lei natural ainda não descrita pela ciência oficial. Dotado de um rigoroso método de investigação pedagógica herdado de Pestalozzi, Rivail formulou uma premissa lógica essencial: se havia um efeito inteligente (respostas complexas a perguntas formuladas), obrigatoriamente deveria existir uma causa inteligente por trás do movimento dos ob-

jetos. A partir dessa constatação, passou a interrogar os invisíveis com propósitos elevados, deixando de lado as questões vulgares para inquirir sobre a origem das coisas, o destino da alma e a natureza do Criador.

A primeira grande indagação que inaugura formalmente a codificação doutrinária foi: "O que é Deus?" A resposta obtida dos espíritos superiores ecoou de maneira profunda, harmonizando-se com o pensamento metafísico de Aristóteles e elevando o entendimento humano a um patamar de pureza matemática:

"Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas. É uno, eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom."

Através desse intercâmbio metódico, os mentores espirituais demonstraram que existem espíritos de todas as ordens que coabitam o universo, divididos em escalas de aprendizado que vão da ignorância profunda à pureza absoluta. Para ilustrar essa gradação, o espírito de São Luís utilizou a célebre metáfora do pintassilgo e da rocha: assim como uma pequena ave não possui a capacidade de mover ou compreender a totalidade de uma montanha rochosa, os espíritos imperfeitos e os homens encarnados ainda na infância moral são incapazes de apreender a magnitude total das verdades cósmicas, necessitando do processo pedagógico da reencarnação para expandir sua percepção.

A estruturação da codificação espírita

O trabalho de Allan Kardec não se limitou à compilação passiva de mensagens. Ele atuou como um autêntico codificador, aplicando o critério do Controle Universal do Ensino dos Espíritos (CUEE) — submetendo uma mesma questão a múltiplos médiuns de diferentes partes do planeta e aceitando como verdadeiras apenas as orientações que obtivessem concordância doutrinária geral. Ao longo de sua dedicação integral à causa, Kardec publicou 23 obras fundamentais, entre livros metodológicos, opúsculos de introdução e os volumes anuais da Revista Espírita (*Revue Spirite - Journal d'Études Psychologiques*), fundada em 1º de abril de 1858 no seio da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, cuja sede localizava-se na histórica *Passage Sainte-Anne*. A espinha dorsal da doutrina foi estruturada por meio de cinco obras principais indestrutíveis:

O Livro dos Espíritos (abril de 1857): Contendo os princípios fundamentais da filosofia espírita, tratando da imortalidade da alma, da natureza dos espíritos e de suas relações com os homens.

O Livro dos Médiuns (janeiro de 1861): verdadeiro tratado de ciência experimental, versando sobre o desenvolvimento da mediunidade e a fenomenologia das manifestações.

O Evangelho Segundo o Espiritismo (abril de 1864): Dedicado à explicação das máximas morais de Jesus Cristo e sua aplicação prática nas diversas circunstâncias da vida.

O Céu e o Inferno (agosto de 1865): Exame comparado das doutrinas teológicas sobre as penas e recompensas, demonstrando a justiça divina à luz da lei de causa e efeito.

A Gênese, os Milagres e as Predições (janeiro de 1868): Análise científica e filosófica sobre a criação do universo, a natureza dos milagres evangélicos e os tempos de transição planetária.

O Evangelho Segundo o Espiritismo: Um Tratado de Moral Prática

No vasto edifício da codificação, se O Livro dos Espíritos representa os alicerces filosóficos e O Livro dos Médiuns a estrutura científica, O Evangelho Segundo o Espiritismo constitui indiscutivelmente o teto moral e o coração pulsante da doutrina. Dividido meticulosamente em 28 capítulos, o livro funciona como um roteiro seguro para a realização da reforma íntima, objetivo essencial apontado pelo Cristo como indispensável para que o ser humano alcance a felicidade vindoura e a paz interior estável.

Historicamente, o termo "Evangelho" carrega uma bagagem semântica profunda. Na antiguidade de Roma, o vocábulo estava associado à linguagem oficial do Império: as mensagens emitidas pelo Imperador Romano — que se autoproclamava o senhor do mundo, seu redentor e salvador — eram designadas como "evangelhos". Não eram recebidas como uma notícia corriqueira, mas sim como uma proclamação soberana que possuía a força de alterar o destino das nações e reorganizar o mundo para o bem comum. Ao apropriar-se

legitimamente desse termo, a mensagem cristã subverteu o poder temporal, demonstrando que o verdadeiro Evangelho (a Boa Nova) não emanava do palácio de César, mas sim da palavra viva de Jesus, cujo reino não é deste mundo físico.

O objetivo central da obra kardecista foi resgatar a essência pura e o sentido profundo da moral cristã, desbastando-a dos séculos de acréscimos dogmáticos e conveniências políticas que a haviam obscurecido. O Espiritismo demonstra que as escrituras sagradas podem ser analisadas sob cinco prismas distintos: os fatos históricos, os milagres, as profecias, os dogmas da Igreja e as máximas morais. Enquanto os quatro primeiros tópicos têm sido motivo de intermináveis disputas teológicas e cismas sangrentos ao longo dos milênios, o quinto elemento — a moral evangélica — permanece como um terreno comum de concordância absoluta entre todos os homens de boa vontade, independentemente de suas convicções religiosas particulares. É sobre essa base inabalável que o livro se ergue, oferecendo-se como uma doutrina essencialmente consoladora, destinada a suavizar as dores dos corações aflitos e esclarecer os espíritos imortais acerca do sentido profundo da existência humana e de sua mediação direta com o Criador.

A divisão tripartida da existência moral

Para facilitar a sua assimilação pedagógica e a sua execução prática no cotidiano, o conteúdo de O Evangelho Segundo o Espiritismo pode ser perfeitamente agrupado em três grandes blocos conceituais e complementares que

orientam a jornada humana: O que é? (A fundamentação do novo paradigma), o que fazer? (As diretrizes de ação social) e Como existir? (A consolidação da postura íntima face à imortalidade).

Parte 1: O que é? – O Novo Paradigma Religioso (Introdução e Capítulos I ao VI)

Este bloco inicial estabelece as bases epistemológicas e conceituais da revelação espírita. Aqui, o Espiritismo apresenta à humanidade um novo entendimento sobre a religiosidade, despido de aparatos litúrgicos, sacerdócios humanos ou rituais externos. Demonstra-se que, na prática cotidiana, o que verdadeiramente valida a evolução de um espírito é aquilo que ele realiza em benefício do próximo, e não meramente o que ele especula ou professa intelectualmente no campo das ideias. O Espiritismo se revela como o Consolador Prometido por Jesus, cuja edificação não foi realizada no isolamento de um gabinete humano, mas erguida a partir do consenso universal das vozes do céu. Oferece-se, assim, um referencial de fé raciocinada capaz de enfrentar a inteligência humana face a face em todas as épocas, estimulando a busca incessante pela verdade acima de qualquer interesse subalterno.

Parte 2: O que fazer? – A Ação na Vida Social (Capítulos VII ao XVII)

A moral cristã não convida o indivíduo ao isolamento monástico ou à contemplação estéril; ela exige a atuação dinâmica no tecido das relações sociais. Neste segundo segmento, os espíritos superiores detalham as diretrizes práticas para a convivência coletiva, visando operar uma transformação gradual no padrão civilizatório da humanidade. A religião deixa de ser um conjunto abstrato de teorias dogmáticas para se converter em um código de conduta vivo e aplicado. Abordam-se virtudes essenciais como a humildade, a mansidão, a paciência e a justiça distributiva. O caminho para a verdadeira felicidade terrena e espiritual é minuciosamente explicado por meio de instruções que contextualizam e dão aplicabilidade prática às bem-aventuranças proclamadas no Sermão da Montanha, convocando o homem a ser um agente ativo do progresso geral.

Parte 3: Como existir? – A Espiritualidade Vivenciada (Capítulos XVIII ao XXVIII)

O terceiro e último bloco penetra nas profundezas da intimidade humana, oferecendo as ferramentas necessárias para a consolidação da espiritualidade e o fortalecimento da relação da criatura com o Criador. O Espiritismo resgata a visão da vida terrena como uma escola sagrada de aprendizado contínuo, onde a experiência da encarnação e os laços com o mundo

desencarnado se interligam de forma perfeita. Sob essa ótica, o presente nada mais é do que o somatório das contradições e conquistas de nossas experiências do pretérito reencarnatório, cujo aprendizado assimilado nos fornece a robustez moral necessária para desbravarmos as avenidas do futuro cósmico. O livro nos convida a aprender com os nossos erros passados, sem que caiamos na armadilha da culpa paralisante ou da crueldade para conosco, libertando a mente humana das intimidações seculares e demonstrando que os templos do Altíssimo não estão confinados a coordenadas geográficas específicas, mas sim expandidos por todo o planeta e no coração de toda a humanidade.

A síntese da caridade cristã e a mensagem das duas mãos

O ápice da conduta moral preconizada no Evangelho encontra sua representação simbólica mais bela e profunda na análise da postura viva de Jesus Cristo perante as fraquezas humanas. As diretrizes do Divino Mestre podem ser compreendidas através da alegoria metafísica das suas duas mãos de luz, que agem em perfeita sintonia e complementaridade para o soerguimento das almas:

A Mão Direita representa a virtude da Benevolência. É a mão estendida que ampara, que atua na Seara do Bem, que socorre a necessidade material e espiritual do próximo de maneira ativa, sem indagar a origem da dor. Ela simboliza o dever de fazer o bem com generosidade e energia, tanto para

com o semelhante quanto para consigo mesmo, reconhecendo-se como um filho de Deus em processo de evolução.

A Mão Esquerda materializa a virtude da Indulgência. É a força silenciosa que desculpa as imperfeições alheias, que não julga com severidade, que compreende o estágio de ignorância do agressor e estende o véu do esquecimento sobre as ofensas. Daí decorre a raiz profunda do ensinamento evangélico segundo o qual o que a mão direita realiza através da caridade material ou moral, a mão esquerda não necessita ostentar ou contabilizar com vaidade.

A soma indissolúvel dessas duas mãos — a união perfeita entre a Benevolência Ativa e a Indulgência Mansa — constitui o verdadeiro sentido do Amor e da Caridade pura, sintetizados por Kardec na máxima inolvidável que serve de farol para a comunidade humana: "Fora da Caridade não há salvação". Que a compreensão racional desse tratado prático de moralidade possa inspirar os corações a abandonarem as penumbras do orgulho e do egoísmo, permitindo que cada espírito encarnado assuma o controle de seu destino moral, vivenciando o amor fraterno, a tolerância mútua e a felicidade real sob a bênção e a luz do Cristo, hoje e por toda a eternidade.

A anatomia do invisível: dinâmicas vibratórias, estruturas perispirituais e as geografias da alma na transição pós-morte.¹⁵

A transição da consciência humana além das fronteiras da carne representa um dos fenômenos mais complexos e fascinantes da economia universal. Ao contrário do que postulam as visões niilistas ou as interpretações estritamente literais de dogmas ancestrais, a cessação da atividade biológica não extingue a individualidade, tampouco a projeta de forma imediata em estados absolutos de gozo ou danação eterna. O encerramento da jornada terrena constitui, fundamentalmente, um processo de decantação vibratória, onde a alma despoja-se de suas roupagens mais grosseiras para enfrentar a si mesma no espelho da realidade extrafísica.

Para compreendermos a anatomia dessa transição, faz-se indispensável perscrutar a complexa tessitura tripartida que compõe o ser humano em evolução: o Soma, que representa o corpo físico ou o arcabouço orgânico material; o Energossoma, ou duplo etérico, que funciona como a zona de ligação fluídica e reservatório vital; e o Psicossoma, largamente denominado perispírito, que serve de veículo imperecível para a manifestação

¹⁵Palestra realizada na Casa Fraterna Clara de Assis, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, em 11 de junho de 2026

do espírito imperecível através das dimensões do espaço e do tempo.

O elo vital: o cordão de prata e o desligamento do soma

No âmago do processo de desencarnação encontra-se um dispositivo energético de extrema relevância, conhecido nas tradições espiritualistas e na literatura psíquica como o Cordão de Prata. Este elo vital constitui um feixe complexo de correntes magnéticas e fluidos quintessenciados que interliga o psicossoma ao corpo físico durante toda a experiência da encarnação humana. É por meio dele que as correntes da vida orgânica alimentam as células materiais a partir do modelo organizador biológico do perispírito, mantendo a coesão celular e a estabilidade homeostática do soma.

Durante o fenômeno do sono natural ou nos estados de desdobramento anímico, o psicossoma afasta-se provisoriamente da matéria, permitindo que o espírito experimente uma liberdade relativa nas dimensões invisíveis. Todavia, a integridade do ser físico permanece resguardada pela elasticidade e condutividade indestrutível do cordão de prata. Ele atua como um conduto dinâmico de forças: à distância, transmite as impressões recolhidas pelo espírito e, simultaneamente, sustenta o metabolismo basal do corpo em repouso. Caso ocorra um estímulo abrupto no ambiente físico, o cordão retrai-se com velocidade instantânea, trazendo o veículo perispiritico de volta ao invólucro de carne.

O cenário modifica-se radicalmente quando soa a hora do desligamento definitivo, ou seja, a morte real. Sob a supervisão de benfeitores espirituais e de acordo com as leis biológicas e cármicas vigentes, inicia-se o desfazimento dos nós energéticos que prendem a alma à sua estrutura molecular. O rompimento do Cordão de Prata não ocorre ao acaso; trata-se de uma operação cirúrgica de alta precisão fluídica. O desligamento processa-se gradativamente, desvinculando os centros vitais a partir dos membros inferiores, subindo pelo plexo solar, pelo centro cardíaco e, por fim, concentrando os últimos remanescentes de energia na região cerebral e no centro coronário.

Quando o elo se rompe definitivamente, a vida cessa de forma irreversível no tecido orgânico. O energossoma, ou duplo etérico, desprende-se como uma névoa acinzentada, dispersando-se na atmosfera terrestre ou sendo absorvido pelos mecanismos regeneradores da natureza. O psicossoma, livre das amarras biológicas, passa a atuar integralmente em sua nova realidade dimensional. No entanto, o estado da consciência que desperta nesse novo plano depende intrinsecamente das disposições mentais cultivadas ao longo da existência física.

A lei de afinidade vibratória como princípio de organização cósmica

Uma das leis mais perenes e inexoráveis que regem o plano espiritual é a Lei de Afinidade Vibratória. No universo extrafísico, a gravidade e as barreiras geográficas

tridimensionais cedem lugar à sintonia magnética. O espírito pós-transição é atraído, de maneira natural e compulsória, para uma dimensão, esfera ou agrupamento social que corresponda com exatidão ao seu padrão de pensamentos, sentimentos e ações cultivados em vida.

Essa organização do plano extrafísico costuma ser dividida em grandes faixas ou esferas vibratórias, que se estendem desde as regiões subambientais mais densas e escuras até as esferas mais sutis, luminosas e transcendentais. Não há, nesses mecanismos, a imposição de um tribunal antropomórfico ou de decretos punitivos arbitrários. O destino da consciência é o resultado matemático de sua densidade específica. Almas que cultivaram o desprendimento, o amor ativo, o conhecimento ético e a elevação moral possuem um psicossoma sutilizado, de alta frequência, o que as projeta naturalmente para planos superiores. Por outro lado, mentes saturadas de ressentimento, cupidez, apego material exacerbado e paixões grosseiras carregam consigo fluidos pesados e lentos, aprisionando-se por gravidade espiritual nas zonas inferiores.

Compreender esta lei implica reconhecer que o pensamento é uma força plástica e geradora. Cada onda mental emitida estabelece conexões magnéticas com correntes da mesma natureza. Assim, a vida na Terra funciona como um grande laboratório de sintonias: o indivíduo escolhe, minuto a minuto, através de suas fixações psicológicas, a habitação invisível que o acolherá quando o véu da carne for rasgado.

A cartografia humana do invisível: o umbral e suas divisões fluídicas

Entre as múltiplas regiões que compõem a geografia espiritual planetária, o Umbral assume um papel de destaque na literatura e nos estudos da sobrevivência da alma. Definido como uma esfera espiritual de baixa frequência vibratória que circunda a Terra, o Umbral atua como um imenso filtro ecológico e mental, uma zona de escoamento e decantação para onde convergem as consciências que, ao abandonarem o corpo físico, permanecem presas a conflitos interiores profundos e sintonias densas.

O Umbral não deve ser interpretado como um espaço circunscrito por coordenadas geográficas fixas e materiais, mas sim como uma dimensão psicológica coletiva materializada através dos fluidos ambientais. A atmosfera dessa região é plasmada e alimentada ininterruptamente pela soma das energias mentais de seus próprios habitantes, somadas às emanções deletérias projetadas pelos milhões de seres encarnados que ainda sintonizam com o ódio, o medo, a cobiça e a sensualidade primitiva. Trata-se de uma matéria mental coletiva que confere ao Umbral uma característica de penumbra perene, onde a luz solar difunde-se com extrema dificuldade por meio de névoas cinzentas e persistentes.

Para fins didáticos e com base nos relatos trazidos por benfeitores espirituais através da psicografia clássica, podemos subdividir a região umbralina em três grandes faixas fluídicas, cada qual com características ambientais e demográficas específicas:

O Umbral Superior ou Faixa de Transição

Localizado nas camadas fluídicas mais próximas da crosta terrestre e fazendo fronteira com as colônias espirituais de socorro, o Umbral Superior apresenta uma atmosfera consideravelmente menos densa. Seus cenários ainda guardam fortes semelhanças com as paisagens do mundo físico, embora revestidos por uma tonalidade opaca e melancólica. É a morada temporária da chamada "média humana" — indivíduos que não se entregaram a crimes hediondos ou a perversidades conscientes, mas que atravessaram a existência material de forma egoísta, superficial, indiferente às dores alheias ou escorados em formalismos religiosos desprovidos de renovação íntima.

Nesta faixa, os espíritos não experimentam torturas exteriores, mas sim o peso do tédio, da monotonia e da saudade dolorosa das ilusões terrenas. Ao perceberem que os títulos acadêmicos, as posses materiais e as convenções sociais não possuem qualquer valor ou serventia no plano invisível, caem frequentemente em quadros de profunda melancolia, até que o cansaço das próprias lamentações abra espaço para a humildade e para o desejo sincero de aprender e servir.

O Umbral Intermediário

À medida que avançamos na densidade magnética, deparamo-nos com o Umbral Intermediário. Aqui, a névoa é espessa e permanente, e o ar apresenta-se saturado de detritos fluídicos que causam impressões asfixiantes. É a região que

abriga as multidões de recém-desencarnados em estado de profunda perturbação e desorientação mental. Muitos sequer compreendem que atravessaram o portal da morte física e passam o tempo tentando replicar de forma mecânica e ilusória as rotinas biológicas de outrora, clamando por alimento, abrigo e repouso.

Nesta zona, localizam-se também aqueles que se afundaram nos vícios destrutivos da matéria (como o alcoolismo, o abuso de substâncias químicas e os excessos sensoriais). Desprovidos do maquinário orgânico para satisfazer seus desejos imperiosos, esses espíritos aglutinam-se em torno de homens e mulheres encarnados que compartilham das mesmas inclinações, estabelecendo processos de simbiose energética e vampirização fluídica que agravam as obsessões na Terra.

O Umbral Inferior ou Profundo (Zonas Trevas e Abismais)

No nível mais baixo da escala vibratória situam-se as regiões conhecidas como as Trevas ou os Abismos. O magnetismo ambiental nestes locais é esmagador, e o cenário é de absoluta desolação, constituído por vales rochosos escarpados, pântanos de substâncias nauseantes e desertos áridos imersos em trevas quase totais. Este ecossistema degradado reflete fielmente o caos mental daqueles que ali se refugiam: consciências temporariamente endurecidas no mal, falanges de espíritos revoltados e vingativos movidos por ódios crônicos e juras de perseguição implacável.

O Umbral Profundo abriga também sociedades inteiras organizadas por inteligências frias e calculistas — cientistas e intelectuais que divorciaram o saber da moralidade e que utilizam suas potentes faculdades mentais para escravizar e subjugar os mais fracos. É o reduto das patologias perispiríticas mais agudas, onde o remorso esmagador ou o monodeísmo obsessivo geram deformações morfológicas extremas que desafiam a compreensão convencional.

Tipologia e psicopatologia das consciências retidas nas regiões inferiores

A população que habita as diversas faixas do Umbral é marcadamente heterogênea, permitindo o delineamento de uma verdadeira nosologia psíquica do plano extrafísico. O sofrimento nessas regiões, cumpre reiterar, jamais deve ser encarado como uma punição arbitrária da Divindade, mas sim como o reflexo exteriorizado e projetado no ambiente fluídico das chagas morais que a alma cultivou em seu âmago.

"O plano extrafísico não conhece máscaras morais. A atmosfera exterior reflete, com fidelidade cirúrgica, as correntes de força que a mente emite em seu monólogo interior."

Podemos catalogar as consciências retidas nessas esferas em grupos tipológicos definidos por sua fixação mental:

Os Perturbados e Desorientados: são almas colhidas pela transição biológica de forma abrupta ou inteiramente despreparadas para a realidade espiritual. Vagando na penumbra, recusam-se a aceitar o óbito e continuam a gravitar em torno de seus antigos lares ou locais de trabalho, gerando

perturbações involuntárias nos familiares encarnados por estarem imersos em uma rotina biológica ilusória.

Os apegados à matéria e aos prazeres físicos: compreendem os avarentos que sofrem ao ver a dispersão de suas fortunas, e os escravos das sensações animais. Como o psicossoma retém o clamor dos desejos não sublimados e não há mais células físicas para escoar tais impulsos, experimentam uma sede insaciável que os compele ao parasitismo fluídico junto aos encarnados.

Os Presos à Culpa e ao Remorso: Consciências que despertaram para o peso dos crimes cometidos contra o próximo ou contra a própria vida (como no suicídio). A fixação em torno do erro cometido cria um fenômeno de monodeísmo absoluto: a mente revive incessantemente o momento do trauma, projetando ao redor do espírito forma pensamentos aterrorizantes e monstros plasmados pela própria imaginação, forçando-os a buscar o isolamento em cavernas e frestas abismais por pura punição autoinfligida.

Os revoltados e vingativos: alimentados pelo desejo de revide, organizam-se em falanges agressivas. Não aceitam as provações pelas quais passaram e dedicam sua existência extrafísica ao planejamento de complexos processos obsessivos contra seus supostos algozes que ainda cumprem a jornada terrena.

Os intelectuais e cientistas endurecidos: personalidades dotadas de vasto cabedal técnico, mas desprovidas de empatia. Atuam como os mentores da tirania umbralina, manipulando as leis magnéticas do plano invisível para exercer o domínio hipnótico sobre multidões de espíritos fragilizados pela culpa,

estruturando verdadeiras cidadelas baseadas no terror e na exploração energética.

Degradações morfológicas do perispírito: zoantropia e licantropia espiritual

Um dos aspectos mais estarrecedores da psicopatologia extrafísica diz respeito às alterações estruturais que o psicossoma pode sofrer em decorrência do aviltamento mental prolongado. Dado que o perispírito é um corpo altamente moldável, composto de matéria sutil e plástica, ele responde de forma imediata e automática aos comandos, impulsos e fixações da mente que o rege.

Quando um espírito passa décadas, ou mesmo séculos, concentrado exclusivamente em instintos primitivos, paixões brutais ou atos de crueldade sistemática, a harmonia de suas linhas anatômicas humanas começa a degradar-se. Esse fenômeno de regressão morfológica é classificado na literatura especializada como zoantropia (ou licantropia espiritual, quando assume feições lupinas). É fundamental destacar que o espírito jamais retrocede na escala evolutiva para se transformar em um animal real; a alma preserva sua condição humana eterna, porém seu veículo de manifestação passa a exteriorizar a natureza bestial cultivada no íntimo.

A morfologia assumida pelo perispírito degradado guarda estrita relação simbólica e magnética com a essência do sentimento dominante:

Lobos e Cães Raivosos (Licantropia): Configuração assumida por consciências dominadas pelo ódio violento, pela

agressividade descontrolada e pelo instinto destrutivo de ferir e dilacerar moralmente o próximo.

Porcos e Criaturas Lamacentas: Formas que acolhem aqueles que submergiram na sensualidade grosseira, na luxúria desenfreada e nos vícios que corromperam por completo a dignidade espiritual.

Serpentes e Escorpiões: Aspectos adotados por almas que elegeram a calúnia, a traição fria, a intriga viperina e a dissimulação calculada como ferramentas de ação no mundo.

Esses espíritos animais povoam os desfiladeiros do Umbral Inferior, sendo muitas vezes utilizados pelas inteligências das trevas como forças de choque para a intimidação de outras almas ou como guardiões de impérios umbralinos.

O estágio crítico do monodeísmo: a gênese e o parasitismo dos espíritos ovóides

Se a zoantropia representa uma deformação pelas paixões ativas, o fenômeno da ovoidização constitui o estágio extremo de atrofia morfológica por isolamento e fixação mental e compulsiva. Os espíritos ovóides não pertencem a uma espécie biológica ou espiritual distinta; são seres humanos desencarnados que alcançaram um nível alarmante de retração em seus corpos espirituais devido ao processo patológico do monodeísmo absoluto.

Quando a mente entra em um circuito fechado de pensamento — seja alimentando uma sede de vingança obsessiva, um remorso esmagador insuperável, ou um apego

doentio a uma propriedade ou pessoa —, ela desliga-se completamente de qualquer estímulo do ambiente externo. Sem receber novos impulsos mentais e sem exercitar a vontade em múltiplas direções, as linhas de força que mantêm a estrutura do psicossoma perdem sua sustentação. Como o perispírito é mantido pelas correntes vivas do pensamento, a falta de uso faz com que os órgãos psicossomáticos, os membros superiores e inferiores e as próprias feições faciais se calcinem, se retraiam e se atrofiem progressivamente. Com o transcurso do tempo, o corpo espiritual encolhe até converter-se em uma estrutura esferoidal ou ovoidal, assemelhando-se a um casulo ou a um ovo fluídico.

Apesar de haver perdido a capacidade de locomoção autônoma e os sentidos de relação externa, o espírito em estado ovoidal retém suas funções vitais profundas e a faculdade de pensar, embora essa atividade ocorra em um regime de transe autohipnótico. O ovoide, em sua imensa maioria, não tem consciência do estado aberrante em que se encontra; ele está mergulhado em seu drama íntimo, revivendo indefinidamente a cena do crime, a mágoa ou a perda que o vitimou. Desprovidos de meios para caminhar ou agir no meio fluídico, esses espíritos passam a atuar por meio do parasitismo energético. Ligam-se, por meio de atração magnética e afinidade cármica ou afetiva, ao perispírito de indivíduos encarnados ou de outros desencarnados com quem possuem profundos nós de amor doentio ou ódio recíproco. Uma vez acoplados ao campo áurico da vítima, os ovóides passam a alimentar-se de suas energias vitais e fluidos nervosos em um processo de simbiose parasitária e vampirização contínua. Esse consórcio doentio drena as forças

do hospedeiro, podendo desencadear quadros graves de depressão, fadiga crônica inexplicável e severas enfermidades físicas ou psíquicas na criatura encarnada.

O despertar da consciência: mecanismos de elevação e os postos de socorro

Apesar do cenário sombrio que caracteriza as regiões umbralinas e suas patologias complexas, a arquitetura universal está fundamentada na soberana pedagogia do amor e do progresso contínuo. Nenhuma sentença no plano extrafísico reveste-se de caráter perpétuo ou imutável. O Umbral, com todas as suas dores e densidades, funciona primordialmente como uma zona de aprendizado compulsório, onde o sofrimento atua como elemento purificador e terapêutico para esgotar os venenos do orgulho e do egoísmo.

A chave para a transformação e para a alteração da "localização" dimensional reside na inabalável força plástica do pensamento. No instante em que o espírito retido no sofrimento se cansa das próprias ilusões e modifica sua postura íntima — operando o milagre do arrependimento sincero, emitindo o desejo genuíno de perdoar ou ser perdoado e ansiando por trabalhar no bem —, sua frequência vibratória eleva-se instantaneamente. Essa sutilização interna rompe os laços magnéticos que o prendiam ao lodo umbralino, tornando-o imediatamente visível e receptivo às equipes de resgate.

O Umbral é incessantemente patrulhado por legiões de amparadores e benfeitores espirituais de esferas superiores. Nas fronteiras e zonas de transição dessa imensa região de

penumbra, encontram-se estrategicamente posicionados os Postos de Socorro e as colônias de refazimento — verdadeiras cidades-hospitais, como a célebre colônia "Nosso Lar". Estas instituições estão equipadas para acolher os recém-resgatados, oferecendo-lhes o tratamento do perispírito lesado, o reequilíbrio emocional através do passe magnético e de fluidos medicamentosos, e a reeducação da alma por meio do estudo e do trabalho construtivo.

A partir dessas esferas de transição, a alma recuperada abre caminho para ascender, no devido tempo, às Esferas Superiores, planos de aprendizado e serviço caracterizados por indizível beleza e harmonia, onde espíritos dedicados à ciência, à arte pura e ao bem planejam suas futuras tarefas evolutivas. E, em horizontes ainda mais distantes, vislumbram-se os Planos Crísticos e Universais, dimensões de luz puríssima onde operam os grandes guias da humanidade sob a égide do amor universal e da sabedoria cósmica, demonstrando que a meta final de toda a criação é a perfeição, a beleza e a comunhão integral com as Leis Divinas.

Que todos vocês sejam abençoados!

Sobre o Autor



Cientista Social pela Puccamp. Mestre em Educação pela Puccamp.

Doutor em Filosofia e História da Educação pela Unicamp. Pós-doutorado em Educação pela UFSCar e pela Unicamp. Professor

Titular na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, atuando na graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado em educação.

Palestras na Casa Fraterna

Clara de Assis

Este livro apresenta as palestras espíritas realizadas na Casa Fraterna Clara de Assis nos trabalhos espirituais desenvolvidos às quintas-feiras. Constitui-se em um instrumento da espiritualidade para inspirar oradores espíritas em trabalhos futuros. Com este trabalho agradecemos a todos os trabalhadores e dirigentes pela calorosa acolhida proporcionada a todos nós. Nossas casas sempre serão amigas e irmãs.



editorafontedeluz



EDITORA

**Fonte
de Luz**